MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

CAROLINA OLMEDO MÉNDEZ

IMIGRAÇÃO QUALIFICADA, IDENTIDADE E CORPO: ESTUDANTES ESTRANGEIROS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

SÃO CRISTÓVÃO/SE
AGOSTO DE 2021

CAROLINA OLMEDO MÉNDEZ

IMIGRAÇÃO QUALIFICADA, IDENTIDADE E CORPO: ESTUDANTES ESTRANGEIROS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes

SÃO CRISTÓVÃO/SE

AGOSTO DE 2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Méndez, Carolina Olmedo
M538i Imigração qualificada, identidade e corpo : estudantes estrangeiros da Universidade Federal de Sergipe / Carolina Olmedo Méndez ; orientador Marcelo Alario Ennes. – São Cristóvão, SE, 2021.
101 f. : il.

Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2021.

1. Sociologia. 2. Emigração e imigração. 3. Identidade social. 4. Estudantes estrangeiros - Sergipe. 5. Universidade Federal de Sergipe. I. Ennes, Marcelo Alario, orient. II. Título.

CDU 316.454.2:314.15-057.875(813.7)

CAROLINA OLMEDO MÉNDEZ

IMIGRAÇÃO QUALIFICADA, IDENTIDADE E CORPO: ESTUDANTES ESTRANGEIROS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes

Aprovada em ___ de _____ de _____

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes – Presidente
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFS

_____
Prof. Dr. Rogério Proença Leite
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFS

_____
Prof. Dr.Cristiano Mezzaroba
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFS

Para Chumy, minha irmã

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus e Senhor que me conduziu de maneira admirável e providenciou tudo o necessário para que eu pudesse chegar até aqui, pela inspiração a trabalhar com a questão migratória mediante o versículo que diz: “Era forasteiro e me acolhestes” (Mt 25, 35) e pela experiência de ser eu mesma uma imigrante.

À família que Deus me deu aqui no Brasil, aos meus pais do coração: Manoel e Neuza. Obrigada pelos cuidados e por tanto amor com que me acolheram, pelo apoio nos momentos mais difíceis e por suportar comigo minhas crises.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Alario Ennes pelo seu apoio incondicional, pela compreensão e respeito pelo meu processo de aprendizagem como pesquisadora, agradeço por ser sempre presente e solícito, por me ajudar a acreditar em mim mesma e no meu potencial. Me faltam as palavras para expressar a minha gratidão por tudo que fez por mim.

À minha irmã Chumy e meu cunhado Anderson por todo apoio especialmente no segundo ano do mestrado, aos meus sobrinhos Diego e Brisa que muitas vezes precisaram silenciar em casa para que eu pudesse estudar.

Aos meus colegas do GEPPIP que sempre estão para dar apoio e ajudar no que for preciso. Queria agradecer de maneira especial a Allisson pelos momentos que foi para mim socorro e também descanso em minhas angústias.

Aos meus colegas de turma (Mestrado 2019) pela força, pela presença, pelo carinho e pela parceria.

A Profª. Drª. Vilma Soares de Lima Barbosa, ao Prof. Dr. Ivan Fontes Barbosa e ao Prof. Dr. Frank Nilton Marcon pela compreensão e apoio diante de um momento concreto de dificuldade.

A minha Comunidade Shalom, pela compreensão diante das minhas ausências, pelas orações, pelo apoio e pelo zelo com que cuidam de mim.

A CAPES pela bolsa de estudos sem a qual não conseguiria desenvolver meu trabalho

A Dayane e Jonatas pela prontidão em sempre responder às minhas dúvidas e por todas as orientações.

Ao Prof. Dr. Cristiano Mezzaroba e Prof. Dr. Rogerio Proença pelas considerações na banca de qualificação que sem sombra de dúvidas enriqueceram meu trabalho e por terem atendido o convite para a participação da Banca de Defesa.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma estiveram nos bastidores deste trabalho me apoiando, confiando e acreditando comigo na realização deste sonho. A todos, meu muito obrigada, que Deus os abençoe.

RESUMO

O ponto de partida do presente estudo está na ideia de que a partir da experiência de mobilidade o sujeito encontra-se num paradoxo entre o permanente e o provisório. Nesta condição, o imigrante continua mantendo vínculos com seu país de origem, mas, por um lado, ele aspira ser integrado na sociedade de acolhida, por outro, ele não abre mão dos elementos que o constituem como pertencente a outro grupo. O corpo é uma das possibilidades de pensar a identidade, portanto, é um elemento contestado na experiência de mobilidade já que muitas vezes o imigrante é "denunciado" pelos seus traços fenótipos como aquele que é diferente, que "não é daqui". Diante disso, o estudo trata da identidade no contexto migratório a partir da dimensão do corpo, portanto, seu objetivo é indagar em que medida a permanência dos vínculos com o país de origem compromete a manutenção ou a transposição das fronteiras identitárias no que se referem à corporeidade; se questiona que tipo de mudanças realizam ou não em seus corpos estes imigrantes, no caso, alunos estrangeiros da UFS baseado na hipóteses de que a permanência dos vínculos condicionam suas decisões no momento de pensar na realização alguma mudança em seus corpos como uma estratégia de integração na sociedade de acolhida. A pesquisa também lança outro olhar para os estudos migratórios descentralizando a associação feita comumente do imigrante à mão de obra já que ele é muito mais que um trabalhador, ele deve ser considerado em sua história, sua trajetória, suas identidades (no caso deste estudo, sua identidade corporal) suas motivações, seu modo de vida, sua visão de mundo etc. Ademais consideramos os estudantes em mobilidade dentro da categoria das migrações qualificadas. Inicialmente foi realizada a coleta de dados quantitativos referentes ao número de alunos estrangeiros presentes na UFS. A pesquisa adotou o método qualitativo e a forma de coleta dos dados foi feito por meio de entrevista com roteiro semiestruturado. Os dados foram analisados com base nas categorias de analise apresentadas no marco teórico e revisão de literatura.

Palavras Chave: Identidade; Corpo; Imigração Qualificada; Modificações corporais

ABSTRACT

The starting point of this research proposal is the idea that from the experience of mobility the subject finds himself in a paradox between the permanent and the provisional. In that condition, the immigrant continues to maintain ties with his country of origin, but, on one hand, he aspires to be integrated into the host society, on the other one, he does not give up the elements that constitute him as belonging to another group. The body is one of the possibilities for thinking about identity, therefore, it is a contested element in the mobility experience, as the immigrant is often “denounced” for his phenotypic traits as someone different, who “is not from here”. Therefore, the study deals with identity in migratory context from the dimension of the body, therefore, its objective is to investigate to what extent the permanence of ties with the country of origin compromises the maintenance or transposition of identity borders regarding corporeality; it is questioned what kind of changes these immigrants make or not in their bodies. In this case, foreign students at UFS, based on the hypothesis that the permanence of bonds conditions their decisions when thinking about carrying out some change in their bodies as an integration strategy in the host society. The research also takes another look at migration studies, as it decentralizes the association commonly made between immigrant and workforce, as he is much more than a worker, he must be considered in his history, trajectory, and identities (in the case of this study, their bodily identity) their motivations, way of life, worldview, etc. Furthermore, we consider students in mobility within the category of qualified migrations. Initially, the collection of quantitative data regarding the number of foreign students present at the UFS was carried out. The research adopted the qualitative method and the form of data collection was done through interviews with a semi-structured script. The data were analyzed based on the analysis categories presented in the theoretical framework and literature review.

Keywords: Identity; Body; Qualified Immigration; body modifications

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Alunos estrangeiros com matrícula ativa na graduação da UFS nos diversos campi 81

QUADRO 02 – Período de ingresso de alunos estrangeiros na graduação correspondente a todos os campi da UFS 82

QUADRO 03 – Perfil dos estudantes entrevistados no ano de 2018 e 2021 83

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12
2. PROBLEMÁTICA 16
3. REVISÃO DE LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 21
3.1 Imigração e Processos Identitários 21
3.2 Identidades e processos identitários 30
3.3 A Sociologia do Corpo e os processos identitários 41
3.4 Corpo e imigração: diferentes abordagens do corpo nos estudos migratórios 54
3.5 O corpo, suas modificações na sociedade contemporânea e no contexto migratório 68
4. METODOLOGIA 78
5. ESTUDANTES ESTRANGEIROS, IDENTIDADES E CORPO NA UFS 81
CONSIDERAÇÕES FINAIS 95
REFERÊNCIAS 97
APÊNDICE 101

1. INTRODUÇÃO

O objeto de estudo do presente trabalho consiste no corpo e suas modificações no contexto migratório. O corpo, nesse caso, como uma forma de pensar a identidade do indivíduo em mobilidade. Estou considerando mobilidade o caso dos alunos estrangeiros que vieram seja por convênio ou que vieram morar no Brasil e estudam na Universidade Federal de Sergipe, já que por meio de tal experiência se contesta a identidade do corpo do imigrante que também é problematizado, visto que muitas vezes são seus traços fenótipos que o denunciam como quem é de fora.

Mancillas - López (2016) discute o itinerário do corpo migrante situando-o dentro da cadeia produtiva na indústria têxtil em São Paulo. Por sua vez Nunes (2018) aborda a “bagagem” que o imigrante traz em seu corpo a partir da perspectiva da psicologia cultural e da fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty. Também Karina Ishimori (2005) trata da questão corporal do imigrante sob a perspectiva da análise dos sentidos e significados de ter um corpo oriental no Brasil. Em Alexandre Vale (2007) encontramos as narrativas de travestis e transgêneros e os motivos que os levaram a migrar. Por outra parte o estudo de Clara Saraiva (2015) apresenta a partir da morte o papel do corpo na manutenção da relação com o espaço de origem por meio de rituais funerários transnacionais. Por fim Simone Hashiguti (2008) desenvolve seu trabalho tratando do corpo a partir da perspectiva da linguagem.

O sujeito imigrante, assim, vivencia um duplo pertencimento: por um lado mantém seus vínculos com o seu lugar de origem; e por outro lado constrói novas relações na sociedade receptora. Desta maneira tensiona seu sentido de pertença já que em seu novo contexto ele aspira ser integrado.

Nessa dinâmica, se reconhece também em sua corporeidade, principalmente em se tratando do contexto brasileiro, onde o corpo é bastante valorizado e para tal demanda seus cuidados, o imigrante passa a pensar sobre seu corpo suscitando desejos de praticar nele alguma mudança com a intenção de melhorar seu aspecto.

Considerando que a experiência migratória permite certas liberdades, produzidas pelo distanciamento do lugar de origem e dando uma flexibilidade para provocar em seus corpos mudanças que não o fariam em seu lugar de origem, tais modificações são suscitadas a partir da relação com os nacionais.

A partir do exposto, as hipóteses que levantamos são as seguintes: (a) o vínculo que é mantido com o país de origem condiciona os tipos de modificações que podem realizar em seus corpos; (b) as formas como são mantidos esses vínculos (mediante viagens, ligações, videochamadas) influenciam na decisão do imigrante de realizar alguma mudança em seu aspecto corporal, ou ainda; (c) a modalidade migratória (trabalho, qualificação profissional, estudo, afetivo) condiciona a tomada de decisão pela alteração de sua aparência física; tudo a partir da compreensão do corpo como uma forma de pensar a identidade.

O objetivo geral da presente pesquisa é compreender em que medida a manutenção das relações e dos vínculos com o país de origem compromete a dimensão da corporeidade do imigrante no que se refere às mudanças empregadas ou não no seu corpo.

Como objetivos específicos pretendemos: (a) destacar como são mantidos as relações e os vínculos entre o imigrante e seu país de origem e o sentido delas nas decisões que o imigrante toma relativos a seu corpo; (b) identificar os elementos identitários que não são negociados ou questionados no contexto migratório no sentido de não ousar serem modificados; (c) indagar as consequências nas relações ou nos vínculos entre os imigrantes com os que permanecem em seu país de origem diante de mudanças provocadas em seus corpos.

Ressaltamos a importância deste estudo por representar uma outra perspectiva dos estudos migratórios, já que muito se tem estudado o imigrante a partir de perspectivas políticas (UEBEL, 2016), do direito e legislação (FIGUEREDO, ZANELATTO, 2016), da demografia (OLIVEIRA, SILVA, OLIVEIRA, 2019), da história (GERHARDT, 2011), e do mercado onde estes são a mão de obra (CAVALCANTI, OLIVEIRA, TONHATI, 2015), e não tanto assim o seu corpo, um elemento constitutivo de sua identidade e que, muitas vezes, evidencia sua procedência causando estranhamento ou curiosidade, o que pode repercutir nas suas relações sociais.

A nossa abordagem dentro dos estudos migratórios prioriza a modalidade migratória conhecida como migração qualificada e dentro das migrações qualificadas consideramos a mobilidade estudantil de acordo com Pedone e Alfaro (2018) já que nosso foco são os estudantes estrangeiros na UFS.

Esta pesquisa se caracteriza por ser um estudo exploratório já que se trata de um trabalho que aborda uma questão pouco explorada que é a imigração e o corpo,

neste caso, o corpo de estudantes em mobilidade. Por meio de observação direta no dia a dia na universidade, no convívio com outros estudantes estrangeiros como eu e através das reuniões junto ao grupo de pesquisa fui criando a minha amostra que se constituiu em “bola de neve”[1].

Na metodologia, utilizamos o método quantitativo para a coleta de dados secundários que nos permitam identificar e localizar os estudantes estrangeiros dentro da universidade, e nos servimos de método qualitativo para a coleta de dados primários, realizado por meio de entrevista de profundidade com roteiro semiestruturado. A análise dos dados foi feita baseados nos conceitos advindos do referencial teórico, tais como Sayad (1998), Durand; Lussi (2015), Woodward (2000), Cuche (2002), Castells (2000), Emirbayer (1997), Le Breton (2012)

A pesquisa tem avançado no reconhecimento do objeto de estudo que já vem sendo trabalhado desde o ano de 2016. Desde então, realizada a pesquisa bibliográfica de forma a conhecer o estado da arte sobre o assunto, foram realizadas novas leituras a partir desse levantamento. Incialmente o tema pesquisado fez parte de um projeto de iniciação científica e posteriormente minha monografia defendida em dezembro de 2018.

Em ambas etapas mencionadas do processo de pesquisa o universo empírico contemplou em sua maioria estudantes estrangeiros na UFS, no mestrado, a intenção para dar continuidade à investigação foi ampliar o universo para professores e técnicos estrangeiros, porém em decorrência da pandemia da Covid-19 nos limitamos a trabalhar, novamente, apenas com os alunos.

Como justificativa pessoal cabe mencionar em primeiro lugar que eu também sou parte do universo empírico por ser estudante estrangeira (sou a segunda dos membros de minha família a imigrar do Paraguai para o Brasil), creio que a partir desta realidade houve facilidade de aproximação com sujeitos da pesquisa com quais foi possível estabelecer laços de solidariedade estudantil.

Ressalto também que minha inserção num grupo de pesquisa que trabalha com a discussão sobre identidades e considerando esta discussão em interseção com

[1][…] a técnica Bola de Neve é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto ou o ponto de saturação […]. 3 Metodologia - DBD PUC RIOhttp://www2.dbd.puc-rio.br › 1112879_2013_cap_3. p.47

a temática migratória e a questão corporal, despertou meu interesse em dar continuidade à discussão que começou com a iniciação científica tentando contribuir desta maneira com as reflexões feitas dentro do grupo.

Do ponto de vista das Ciências Sociais e da Sociologia o trabalho se justifica pela importância do corpo para a sociologia, particularmente para a sociologia do corpo considerando Le Breton como seu expoente, assim, buscar contribuir para preencher uma lacuna de uma temática pouco desenvolvida nessa sociologia, que é a discussão migratória.

Sobre a relevância social do nosso estudo argumentamos que se trata de e explicitar, dar visibilidade e inteligibilidade tanto a formas mais sutis, quanto explícitas de estigmatização, de preconceito, de formas de lidar, de resistir, de transgredir com esses estigmas. Desta maneira se observam expressões de relações de poder via a produção social do corpo como também se trata da questão do preconceito vivenciado por imigrantes. Por outro lado, a diferença que é a “marca” do imigrante, o preconceito contra este diferente também se expressa via o corpo.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: problemática seguida da seção revisão de literatura e fundamentação teórica que por sua vez está subdividido em cinco itens que são: a imigração e processos identitários, identidade e processos identitários, a sociologia do corpo e os processos identitários, corpo e imigração que trata das diferentes abordagens do corpo nos estudos migratórios e por fim, o corpo e suas modificações na sociedade contemporânea e no contexto migratório. Na próxima seção apresento a metodologia em seguida o trabalho empírico, depois as considerações finais e as referências.

2. PROBLEMÁTICA

Como imigrante e estudante estrangeira na UFS, vários questionamentos têm me suscitado sobre as implicações da experiência migratória e a partir deles surge a indagação e o interesse a respeito da temática do corpo. Sou a segunda dos membros da minha família a imigrar. Minha irmã que atualmente reside em Aracaju foi a primeira a passar pela experiência de ser estudante em mobilidade.

Beneficiada com bolsa do governo do Departamento del Alto Paraná foi cursar medicina em Cuba, lá engravidou e meu sobrinho nasceu em território cubano. Para dar continuidade aos estudos por um período de licença retornou ao Paraguai onde meu sobrinho ficou sob cuidados dos meus pais. A mesma relata que por esse tempo desejou realizar tatuagem, mas que por medo de que meu pai não lhe quisesse devolver meu sobrinho se absteve e, posteriormente sua nova rota migratória que foi o Brasil e já com meu sobrinho sob seus cuidados conseguiu efetivar este desejo como também praticou outras mudanças em sua aparência.

Recordar este fato como também as falas dos meus entrevistados nas etapas anteriores desta pesquisa me instigaram a aprofundar nas relações do imigrante com seu país de origem, os vínculos que estes mantêm e a forma como se relacionam com seu corpo a partir da sua experiência de mobilidade.

O ponto de partida para a investigação está na ideia de que o sujeito quando entra na experiência da mobilidade vivencia um paradoxo entre o permanente e o provisório: permanente por encontrar-se fixo num determinado lugar, porém, fora do seu lugar de origem; e provisório no sentido de não ter rompido as relações e os vínculos com este tensionando, assim o seu sentido de pertença à sua cultura de origem.

O percurso de integração na sociedade de acolhida faz com que o imigrante passe pelo processo de se reconhecer também em sua corporeidade, o que não significa que não o tenha feito antes em seu local de origem, porém a vivência da mobilidade lhe proporciona, de certa maneira, uma liberdade produzida pelo distanciamento do seu lugar de referência, flexibilizando assim as possibilidades de intervir sobre seu corpo e provocando nele mudanças que são suscitadas a partir da confrontação nas relações estabelecidas com os nacionais.

Uma experiência que vivenciei em relação ao meu corpo foi o de ser percebida como estrangeira pelo meu estar, digo de outra maneira, uma pessoa me disse que

percebeu que eu era estrangeira pela forma como estou, pela postura do meu corpo, questão esta que despertou ainda mais em mim o interesse de me debruçar no estudo sobre o corpo e a imigração.

Partindo da compreensão do corpo como uma possibilidade de se pensar a identidade, o delineamento desta proposta está em analisar, a partir da perspectiva sociológica relacional (Emirbayer, 1997), de que maneira o imigrante que, estabelecendo suas relações com os nacionais da sociedade de acolhida e mantendo seus vínculos com seu lugar de origem, compromete a dimensão da sua corporeidade enquanto a modificação de sua aparência se refere. O recorte empírico consiste no universo formado por estudantes estrangeiros da UFS.

Como já dito, esta problematização do corpo na experiência migratória foi trabalhada no projeto de iniciação científica no período de 2016 a 2018. O questionamento da presente proposta decorre, portanto, dos desdobramentos teóricos e empíricos, bem como dos resultados obtidos naquele estágio da pesquisa que indagou os contextos e as motivações das modificações corporais dos imigrantes como forma de reconfiguração identitária a partir de sua relação com os brasileiros.

O referido estudo foi orientado pelo plano de trabalho *Percepções e modificações corporais*, parte do projeto *Fluxos imigratórios contemporâneos para o norte e nordeste brasileiro: reconfigurações identitária*s, realizado com o apoio do CNPq na modalidade PIBIC. Tratou-se de um estudo exploratório no campo da sociologia das migrações, tendo como interseção a discussão sobre o corpo e suas modificações produzidas no contexto migratório. Após concluir o PIBIC, os resultados da investigação foram aproveitados para a construção do trabalho de conclusão de curso, tendo seu título idêntico ao plano de trabalho acima mencionado. O TCC foi defendido em dezembro de 2018 no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Sergipe.

O projeto de iniciação científica foi pensado para o contexto brasileiro a partir do trabalho desenvolvido por Ennes e Ramos (2017)[2], realizado em dois campos de observação, Madri, Espanha e Lisboa, Portugal. Neste estudo, os autores

[2]O trabalho tem por título “Processos identitários, imigração e cirurgias plásticas: interculturalidade e a (re) produção da diferença e/ou da desigualdade” desenvolvido no âmbito do estágio pós doutoral junto ao Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais – CEMRI, da Universidade Aberta de Portugal, UAb, durante os anos de 2013 e 2014. A pesquisa foi desenvolvida com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e com a colaboração da Profª. Doutora Natália Ramos, docente da Universidade Aberta (Lisboa) e Investigadora Coordenadora no Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI/UAb).

apresentam a compreensão da imigração como um contexto que motiva ou impulsiona a reconfiguração da identidade, e tal reconfiguração pode ser observada também a partir da mudança de aspectos corporais[3].

O projeto de iniciação científica que abriu o panorama para novos questionamentos foi desenvolvido com imigrantes localizados no campus da UFS em São Cristóvão em sua maioria. Os imigrantes entrevistados na oportunidade eram das seguintes nacionalidades: Timor-Leste, México, Peru, Uruguai, Argentina, todos do sexo masculino, encontrando-se nas idades entre 25 e 38 anos. Dentre eles encontravam-se estudantes de graduação, um artista de rua e também um professor da UFS

Durante os dois anos de PIBIC, foi possível observar como a partir das relações entre os brasileiros e os imigrantes presentes em Aracaju, estes últimos passam a pensar sobre si mesmos, sobre como se percebem na dimensão de sua corporeidade e, assim, indagamos as motivações e os contextos em que passaram a realizar estas mudanças em seus corpos. Na ocasião foram entrevistados três alunos de Timor – Leste que por sua vez manifestaram uma desconformidade com sua aparência por se considerarem de baixa estatura e, também, magros demais em relação aos brasileiros o que os levou a procurar frequentar academias, praticar esportes e mudar seus hábitos alimentares.

A principal motivação para as modificações corporais relatada no trabalho de monografia concluído em 2018 está na ideia que os imigrantes entrevistados manifestaram ter do Brasil, onde, segundo eles, as pessoas exibem muito o seu corpo e, portanto, os imigrantes sentem uma demanda maior de atenção e cuidado aos próprios corpos. Estas duas dimensões foram mencionadas pelos sujeitos como questões que não se apresentavam como assuntos de interesse a respeito de seus próprios corpos em seus lugares de origem, e que pela experiência da mobilidade foi suscitada.

Os entrevistados disseram na ocasião que a partir dessa percepção, foram adequando seus corpos de acordo com os padrões estéticos brasileiros (porque é no Brasil que se encontram) na intenção de melhoramento de suas aparências. Por outra parte, aparece a tensão que existe a partir da manutenção dos vínculos e as modificações corporais, por exemplo, no caso de se permitir realizar mudanças mais

[3] ENNES, Marcelo A., RAMOS, Natália. Cirurgias estéticas étnicas e migração em Portugal e Espanha. **Revista Mediações**, v. 22. n.1, jun. 2017.

definitivas como são as tatuagens. Esta questão se destacou na fala de um entrevistado afirmando a não realização da tatuagem por medo de sua mãe.

O presente trabalho pretendeu expandir ainda mais esse trabalho de campo realizado, como um esforço por conhecer a presença de estrangeiros na UFS, ampliando o universo empírico, isto é, considerando junto com os alunos, os técnicos e professores, porém, em decorrência da pandemia permanecemos com a amostra referente aos alunos já que contávamos com os dados oriundos das etapas anteriores da pesquisa porém realizamos ainda mais três entrevistas totalizando o número de sete alunos, sendo cinco da graduação e dois da pós-graduação.

O presente trabalho aborda ainda outro olhar para os estudos migratórios, descentrando primeiramente a pesquisa das regiões mais reconhecidas pela grande presença de imigrantes que inclusive se constituíram comunidades como são o sul e sudeste brasileiros, apontado desta maneira os diversos perfis de imigrantes, permitindo pensar este sujeito para além da dimensão que as pesquisas geralmente costumam se debruçar, ou seja, do imigrante enquanto “mão de obra”.

Desta maneira, a pertinência do estudo proposto está em ponderar a imigração como este fenômeno complexo em que junto com a mobilidade dos sujeitos entram também em circulação seus bens, identidades, cultura, modos de vida, visões de mundo, culinária, língua e, obviamente, seu corpo. Desta forma é apresentada a discussão dentro dos estudos migratórios a interseção com a temática do corpo.

Com base na afirmação de que o imigrante é um sujeito produtor de diversidade e estranhamento e que muitas vezes são seus traços fenótipos, a fala da língua, sua forma de vestir, de relacionar-se, que o denunciam como aquele que “não é daqui”. Estas características se encontram dentro dos chamados “marcadores identitários”, que ora são acionados, ora se investe esforço para invisibilizá-los, e podem também ser entendidos como fronteiras que se transpõem em vista da integração na sociedade de acolhida.

Ponderando que o imigrante é este sujeito que, como afirma Sayad (1998) se encontra num paradoxo entre o permanente e o provisório, ou segundo Simmel (2005) como aquele que hoje vem e amanhã pode permanecer, e considerando também que o sujeito em mobilidade continua mantendo seus vínculos e relações com seu país de origem, nos permite indagar em que medida as reconfigurações identitárias são produzidas nas experiências de contato entre nacionais e imigrantes.

Com base nas ponderações acima, a questão de pesquisa é: como o estudante imigrante entende sua própria corporeidade e como esta sofre implicações no sentido de desejos de mudanças e de permanências, a partir da sua experiência de mobilidade?

O ponto de partida do problema está no que compreendemos por identidade como sendo construída, mantida e redefinida a partir das experiências relacionais, a questão identitária surge quando se está numa relação de diferença e isto passa pelo corpo. O aspecto relacional dos processos identitários são abordados por Woodward (2000), Castells (1999), Cuche (2002), Ennes e Marcon (2014) ou seja, é a partir da relação com o outro que passamos a nos reconhecer e afirmar em nossa identidade. Assim, as diferenças que são evidenciadas encontram no contexto migratório terreno fértil, porque “o outro”, que é estranho, instiga a uma reflexão sobre si mesmo e isto, no caso do imigrante, se torna uma questão inevitável, uma vez que este se encontra numa sociedade dominante na qual se reconhece muitas das vezes como totalmente diferente, e vê-se na necessidade de repensar-se a partir de sua experiência de mobilidade.

Desta forma, propomos olhar para o fenômeno migratório atendendo ao sujeito que nele é protagonista e que comumente é associado ao trabalho – mão de obra e da análise ao campo da economia, da demografia, da história e das questões que envolvem as relações internacionais e as legislações.

Portanto, o imigrante que é portador de uma identidade, se reconhece em sua alteridade no novo contexto em que se insere, esta identidade em sua dimensão corporal é o que interessa na nossa pesquisa porque entendemos que o corpo tem uma dimensão relacional, já que é por meio dele que estamos e somos no mundo, é com ele que nos relacionamos e, assim sendo, qualquer mudança que nele possa ser praticada afeta as relações sociais. Relações estas que no caso de imigrantes se ampliam para os que hoje estão próximos (os da sociedade de acolhida) e para os que estão distantes (os que permanecem em sua sociedade de origem), isto é, as relações sociais do imigrante envolve não apenas a sua nova sociedade hospedeira, mas também estão as da sua sociedade de origem à qual também permanece vinculado mantendo relações de diversos níveis, sejam eles afetivo, familiar, de amizades, economia que envolve por exemplo o envio de remessas.

3. REVISÃO DE LITERATURA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Imigração e Processos Identitários

Para compreender a figura do imigrante como este sujeito que pela sua experiência de mobilidade se encontra numa circunstância em que tudo muda para ele, em que transpõe não somente as fronteiras territoriais, mas também as identitárias, Abdelmalek Sayad (1998) questiona a respeito de quem é, afinal, o imigrante, e de como se forma a ideia que se tem deste ser que se insere numa ambivalência a partir do seu estado de permanência ou provisoriedade. Desenvolvido a partir da observação da imigração de argelinos na França, em seu trabalho que é um clássico dentro dos estudos migratórios, o autor supracitado pretende compreender como se define este sujeito e as implicações desta definição, também o autor aborda a imigração como objeto de estudo da sociologia.

Sayad (1998, p. 45) se refere à imigração como uma dupla contradição em que:

> [...] não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade.

O autor afirma que o estado provisório é definido como sendo um direito do imigrante, enquanto sua condição duradoura evidencia como sendo de fato. Estes dois aspectos, afirma Sayad (1998), possibilitam que sejam feitas as seguintes interpretações: por um lado, se refere a que a condição provisória do imigrante seria dada somente para não admitir que frequentemente a imigração toma um caráter definitivo; por outro lado, contestar a situação provisória significa questionar que de fato a imigração adquire a forma de instalação que permanece e se estende cada vez mais.

Esta permanência ou provisoriedade da condição do imigrante por sua vez levanta outras duas questões que tem a ver com a vantagem ou o custo que a vinda do imigrante implica, por exemplo, para o estado. Segundo Sayad (1998, p. 50) isto depende do ponto de vista a partir do qual se determina quem é o imigrante.

O sociólogo ressalta que na tentativa de se definir este sujeito se parte primeiramente da ideia de trabalhador, ou seja, um imigrante deve ser de forma imprescindível um trabalhador, pois, dirá o autor em nota de rodapé, que o trabalho é a “[...] natureza e zona de atividade autorizada [...]” (SAYAD, 1998, p. 53), pois um imigrante desempregado é inconcebível. O autor, tomando vários discursos pronunciados por políticos na década de setenta na França, onde se fala sobre a

realidade migratória, pode-se perceber que o que prima neles é a ideia de que o imigrante é visto como uma espécie de usurpador dos direitos dos cidadãos nacionais. A respeito, vale pontuar aqui que em duas ocasiões fui questionada sobre meu retorno ao meu país de origem por ser considerada como quem está tirando o lugar de um brasileiro no mercado de trabalho e por estar estudando numa universidade federal.

O autor chama a atenção para a ideia do imigrante como trabalhador e o que esta condição implica, o imigrante demanda outras atenções, por exemplo, a partir do plano jurídico, que envolve os direitos que lhe devem ser reconhecidos; o plano político supõe atender aos acordos entre os países (o receptor e o país de origem) e, finalmente temos o plano social que compreende "[...] as ações diversas que contribuem, todas, para uma melhor adaptação da população migrante [...]" (SAYAD, 1998, p. 51).

Contudo, o autor afirma que a concepção que se tem da imigração a partir do aspecto econômico e técnico e "[...] a realidade presente da imigração (que pelo 'custo social' e de forma acessória, cultural cada vez maior que ela impõe) [...]" (SAYAD, 1998, p. 51) leva a pensar sobre o fenômeno de acordo com os interesses materiais e simbólicos e, que é esta concepção:

> [...] que inspira as palavras que são ditas hoje em dia sobre os imigrantes [...] é ela que serve de pretexto para as práticas cotidianas em relação aos imigrantes, bem como para as decisões administrativas tomadas em relação a eles; é ela que serve de justificativa para os textos legislativos que regem a presença dos imigrantes (sua entrada e sua estadia) (SAYAD, 1998, p. 52-54).

Os fatos e os discursos sobre a imigração, segundo Sayad (1998, p. 54) têm a função de lembrar aos imigrantes sua "[...] condição de trabalhadores apenas tolerados e tolerados a título provisório, o objetivo visado é o poder agir sobre a realidade social (ou seja, a imigração) até submetê-la à definição que dela se dá [...]", assim sendo, o imigrante é visto fundamentalmente a partir da ótica da força de trabalho independentemente do caráter desta força de trabalho que pode ser provisório, temporário ou em trânsito.

Sayad (1998) afirma que a autorização da permanência do imigrante passa pela ideia de trabalho que é o único sentido pelo qual este sujeito é reconhecido, sobre esta questão o autor declara o seguinte: "[...] Foi o trabalho que fez 'nascer' o imigrante, [...] é ele, quando termina que faz 'morrer' o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser" (SAYAD, 1998, p. 55).

O sociólogo recorda que a imigração é um fenômeno muito antigo, mas que a atenção a ela como problema social é mais recente e que esta noção não parte dos sujeitos nele envolvidos. O autor afirma que antes de ser objeto da sociologia, a imigração se constitui como um “problema social” considerando os seguintes aspectos que envolvem o imigrante: o desemprego, o emprego, a formação, os filhos dos imigrantes e as escolas para eles, o direito a votar, sua integração, se vai retornar para sua terra, a velhice. Atendendo para estes fatores, Sayad (1998, p. 57) se refere à imigração como objeto de estudo da sociologia e enfatiza que “[...] a problemática da pesquisa, tal como ela é encomendada e tal como ela é conduzida, encontra-se em conformidade e em continuidade direta com a percepção social que se tem da imigração e do imigrante”. Por muito tempo a imigração foi objeto de estudo das ciências jurídicas, da demografia, da geografia, para depois passar-a ser de interesse da sociologia.

Sayad (1998, p. 58) também aponta outra questão que é a distinção legal entre o “nacional” e o “não nacional”, encontrando-se o imigrante nesta última categoria, isso faz com que este sujeito deva se ajustar às “[...] exigências que se tem para com ele em matéria de igualdade de tratamento frente à lei e na prática”. Este “ajustar-se” é antes de qualquer coisa a polidez com que o imigrante deveria se “comportar” para assim ser lhe concedido um “mínimo” necessário para sobreviver, pois, já que embora ele não seja um “nacional”, ele continua a ser um homem de forma “diminuída” e o que lhe é concedido, se não é por ele mesmo o é para “[...] manter limpa a consciência da sociedade que dele se utiliza [...]” (SAYAD, 1998, p. 59).

Sobre as concessões que são dadas ao imigrante e que o autor traz à tona, estas tratam, por exemplo, do alojamento que ele deve conseguir sozinho, se estiver doente deve ser tratado de forma rápida e econômica inclusive pensando na segurança dos “outros”, não proibir de trazerem sua família para junto de si, que lhe seja assegurado a igualdade de salário em relação a um nacional, não privar seus filhos de estudar e se formar profissionalmente[4]. Neste último aspecto, Sayad (1998,

[4] De acordo com matéria publicada por Sandra Capomaccio pelo Jornal da USP em 05/05/2021, segundo a pesquisadora Patrícia Nabuco, no Brasil, ocorre “discriminação e xenofobia no acesso ao serviço público pelo fato de que muitos procedimentos estão apenas em português e não em outras línguas e os funcionários públicos não estão preparados para trabalhar com essa população. Há ainda a dificuldade para revalidar o diploma, o que faz com que muitos médicos trabalhem como eletricista”, avalia a pesquisadora do Nupri-USP. Em relação à pandemia, a realidade dos refugiados (aquelas pessoas que se deslocam de um país para outro por motivos de guerras ou perseguição em seu país de origem) no Brasil de acordo com a mesma matéria “Durante a pandemia, os refugiados não foram considerados nas políticas públicas, muitos perderam o emprego e não tiveram acesso ao auxílio

p. 59) faz a ressalva de que o acesso à educação é visto a partir do apenas necessário significando o mínimo de tempo, baixo custo e "[...] a certeza de reproduzir in loco a força de trabalho que seus pais haviam trazido ao emigrar".

A partir deste entendimento o autor apresenta a imigração enquanto uma relação de dominação:

> Porque a relação de forças pende incontestavelmente a favor da sociedade de imigração – o que permite que ela inverta completamente a relação que a une aos imigrantes, a ponto de colocá-los em posição de devedores onde deveriam de ser credores [...]. (SAYAD, 1998, p. 61).

Para Sayad (1998) esta relação de dominação é reforçada pela chamada "reaculturação" que se caracteriza pela implementação de ações como a educação (chamada inclusive de civilizatória) principalmente por meio da formação de qualificação profissional (visando motivar o retorno), reabilitando neles sua cultura de origem, sua língua etc. sendo esta uma estratégia como forma de redescoberta de seu país, sua língua, sua religião, de sua cultura. A ideia de etnocentrismo é fundamental neste processo, já que é por meio dela que se sustenta e é mantida a posição dominante da sociedade de acolhida.

Outra observação feita pelo autor está no "[...] caráter intrinsecamente político do fenômeno [...]" (SAYAD, 1998, p. 67) da emigração e imigração, já que isto envolve o passo de uma nação para outra, de uma nacionalidade para outra, de ser um indivíduo estrangeiro para ser um cidadão de caráter virtual. Contudo, o autor afirma que existe uma negação deste caráter político apontando os seus efeitos manifestos, por exemplo, pela categorização da imigração como "vantajosa" ou "ruim".

Na primeira categoria, o sociólogo afirma encontrarem-se aqueles imigrantes considerados como vantagem em todos os sentidos que sua mão de obra traz, por exemplo, os chegados recentemente, já que estes, mormente aceitam "[...] os trabalhos mais penosos, menos estáveis, menos remunerados etc." (SAYAD, 1998, p. 64). Na categoria "ruim" acham-se aqueles imigrantes que pela sua permanência ou duração nessa condição passam a se tornar "menos favoráveis", pois, depois de um longo tempo estes passam por um processo que o autor chama de "reconversão", tanto em relação ao seu país de origem quanto à sociedade em que se encontram, o

---

emergencial. Os imigrantes usam o RNM – Registro Nacional Migratório, reconhecido desde 2017 -, só que o acesso a ele era feito com o número de RG, documento que imigrantes e refugiados não possuem. Além disso, outros problemas foram enfrentados desde o primeiro ano de pandemia, como a proibição tanto de entrada quanto de saída de estrangeiros no País" Disponível em < https://jornal.usp.br/atualidades/situacao-de-imigrantes-no-brasil-se-agrava-durante-pandemia/>

que os leva a contestar, por exemplo, as “[...] condições de trabalho que essa sociedade lhes impõe” (SAYAD, 1998, p. 65). Esta situação envolve também a reivindicação em razão de serem considerados e integrados nas demandas da classe trabalhadora da mesma forma, a possibilidade de se organizarem de maneira autônoma e assim por diante.

Desta maneira a perspectiva de Sayad (1998) sobre a imigração é abordada a partir da visão que se tem do imigrante associando-o em primeiro lugar à mão de obra que, conforme dito anteriormente, é pelo trabalho que se faz nascer e morrer o imigrante, antes de serem aceitos ou reconhecidos como cidadãos o são como trabalhadores. Contudo, vale ressaltar que a imigração deve ser tratada em sua complexidade e por isso estudiosos da temática têm discutido a “[...] transversalidade disciplinar, repetidamente almejada nos contextos acadêmicos que estudam a mobilidade humana” (DURAND, LUSSI, 2015, p.61), dado que com o deslocamento de pessoas também ocorre a circulação de seus bens, sua cultura, culinária, língua, identidades e assim por diante. Obviamente aqui cabe a menção também do corpo que entra nesse processo de circulação já que é com seu corpo que imigrante entra em mobilidade.

A seguir será apresentada a abordagem dos estudos migratórios proposto por Durand e Lussi (2015) que indicam algumas observações importantes sobre algumas teorias da mobilidade humana.

Os autores começam apresentando um breve panorama das migrações internacionais, em que se considera imigrante 3% da humanidade, apoiados nos dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM). Os autores chamam a atenção para as questões que definem quem são estes sujeitos, no sentido de que se considerem apenas as pessoas que residem fora do país de nascimento, assim ficam excluídos aqueles que nasceram no país onde seus pais migraram, mas que nas leis destes países não se reconhece a cidadania por *jus solis*[5], portanto, estes nascem em condição de imigrantes mesmo sem terem nunca migrado.

Outro caso de identificação como imigrante mencionado por Durand e Lussi (2015) trata daqueles que vivem fora do seu país de nascimento e, que adquiriram a nacionalidade do país de acolhida e incluídos pela OIM em suas estatísticas como imigrantes, não são mais considerados estrangeiros. Ainda têm aqueles, afirmam os

[5] Critério para atribuição da nacionalidade o território onde nasceu o indivíduo, não levando em conta a nacionalidade dos pais <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=Ius+soli>

autores, que segundo a OIM devem ser considerados dentro do ponto de vista da mobilidade humana as pessoas e populações que são afetadas de forma direta pelos fluxos migratórios, sejam pela chegada ou saída de imigrante, refugiado, os que mantêm suas relações de trabalho ou de família com os que são os protagonistas da mobilidade, ou seja, aqueles que migram.

A partir destas colocações, Durand e Lussi (2015) apresentam a relação que existe entre a mobilidade humana e outras mobilidades que se refletem ou revelam pela globalização mediante os mecanismos sociais e econômicos atuais. Sendo assim os autores chamam a atenção para a necessidade de "[...] considerar a complexidade que o tema das migrações envolve, nas conexões que estabelece com outros fenômenos" (DURAN; LUSSI, 2015, p. 44).

Dentro desta complexidade do fenômeno da mobilidade humana se encontram, segundo os autores, outras mobilidades que são ativadas pelos sujeitos e os grupos que compõem os fluxos migratórios, estas são a mobilidade das ideias, meios de transporte, meios de comunicação e instituições. Embora estas mobilidades aconteçam independentes do fato migratório, elas ocorrem no processo de globalização, porém, no contexto migratório são determinadas por ele (DURAND; LUSSI, 2015, p. 45).

Os autores apresentam os seguintes exemplos sobre essa questão: a viagem regular dos migrantes ou dos seus familiares por motivo de visita alimenta a circulação de turistas, por outro lado se tem a tendência da parte dos migrantes em ampliar seus canais de comunicação por meio de e-mails, números de telefone etc. que são uma forma de manter-se "[...] em constante comunicação e interação cultural num nível transnacional, não necessariamente com seu lugar de origem" (DURAND; LUSSI, 2015, p. 45). Também colocam o exemplo da qualificação e o "[...] domínio de idiomas, de ferramentas de comunicação e de circulação de bens e serviços. " (DURAND; LUSSI, 2015, p. 45). Desta forma os autores argumentam que as mobilidades são uma forma de vida introduzida pela globalização dentre as quais a imigração é uma dessas formas.

Diante do dito acima, os autores citam o trabalho de Nina Glick-Schiller; Basch; Blanc-Szanton (1992) para fazerem referência:

> [...] A uma nova perspectiva [...] que as migrações internacionais incluem, além dos deslocamentos entre um país de origem e um de destino, variegadas formas de comunicação, circulação, relação e gestão de bens, serviços e informações em nível transnacional, incluindo também outros países (DURAND; LUSSI, 2015, p. 47).

A ideia de transnacionalismo apresentado por Durand e Lussi (2015) a partir do trabalho dos três autores citados no parágrafo anterior é a de propor pensar no surgimento de um novo tipo de migração da população e esta realidade faz necessária que se veja também uma nova forma de entendimento, (DURAND; LUSSI, 2015, p. 51). Os autores ressaltam que a perspectiva transnacional é nova perspectiva analítica considerando sua aplicação nos estudos migratórios, mas, que não se trata de uma nova teoria, técnica ou fenômeno.

Em nota de rodapé, Durand e Lussi (2015) citam uma síntese proposta pelo antropólogo Delmos Jones que conformam as cinco premissas para aplicar o transnacionalismo nos estudos migratórios, trata-se como segue:

> [...] 1) o primeiro é o conceito de unidade social de análise, que, ao invés de 'campo de ação social' utiliza uma unidade aberta, cujas fronteiras de ação estão sujeitas a mudanças constantes; 2) a segunda é que a experiência dos transmigrantes é indissoluvelmente ligada às transformações do capitalismo global – portanto, segundo o autor, é necessário situar a migração no contexto das transformações de classes; 3) a terceira é que o transnacionalismo se baseia na vida cotidiana do povo; 4) a quarta se refere aos processos multíplices de construção identitária, que está construindo identidades diferentes entre si; e, 5) a última é que a existência de transmigrantes obriga os estudiosos a reconceitualizar as categorias de nacionalismo, etnicidade e raça. (JONES *apud* DURAND; LUSSI, 2015, p. 50)

Os autores apostam nesta perspectiva do transnacionalismo porque de acordo com eles, a partir desta ótica é possível compreender a complexidade da mobilidade humana. Dentro desta síntese de premissas aplicada ao transnacionalismo, nosso estudo se insere na terceira ideia que diz respeito ao transnacionalismo que encontra sua base na vida cotidiana do povo já que o que nos interessa é indagar sobre as relações do estudante imigrante em seu viver cotidiano com os brasileiros e também com os que permanecem na sua sociedade de origem.

No sentido do impacto ou da transformação que a prática transnacional provoca, os autores citam o que Steven Vertovec indica como as três maneiras principais de transformação nas seguintes esferas: da percepção, dos conceitos e das instituições. A primeira esfera diz respeito à transformação da "típica orientação bifocal" no sentido sociocultural; a segunda se refere à mudança dos significados "[...] dentro da tríade nacional de 'identidade-fronteiras-ordens', no âmbito político [...]" (VERTOVEC, 2004, p. 150 *apud* DURAND, LUSSI, 2015, p. 52); e a terceira trata da transformação institucional que tem a ver com o setor da economia, já que este

contexto transnacional também se caracteriza pela transferência financeira, o desenvolvimento local, por exemplo, pelo envio de remessas.

Outra referência da abordagem transnacional nos estudos migratórios ao qual Durand e Lussi (2015) se remetem é a Stephen Castells (2002), que aponta para a questão dos processos identitários no contexto das migrações, pois, trata-se da ideia de um pertencimento transnacional, o que permite a ressignificação da:

> [...] escala de valores e de prioridades com as quais as pessoas, amanhã, estabelecerão seus referenciais identitários, valoriais, religiosos e éticos. Tais parâmetros podem transformar conceitos basilares como o de família, o de responsabilidades nas relações e o de cidadania, entre outros (DURAND; LUSSI, 2015, p. 53).

Assim como Lesser (2001) e Chuche (2002) tratam das estratégias identitárias, Durand e Lussi (2015) trazem a questão das estratégias transnacionais, estes últimos afirmam que tais estratégias são construídas nas relações cotidianas e "[...] nas relações sociais contextuais dos transmigrantes, as quais transformam e modulam [...]" (DURAND, LUSSI, 2015, p. 51) a vida dos que migram como também a vida daqueles que não migram, mas fazem parte de suas redes. A importância desta questão para nosso estudo está, por exemplo, em que observando os estudantes em suas relações cotidianas com seus pares, a manutenção da língua é um elemento identitário que se destaca, embora se encontrem com outros estudantes, quando estão também com seu grupo linguístico eles priorizam seu idioma, destacamos assim a estratégia identitária de manutenção da língua.

Como exemplos destas estratégias estão a produção e circulação dos produtos que tenham para os imigrantes significados simbólicos e sua utilização social e cultural, assim fazem circular bens, ideias, bens sociais, a identificação com uma sociedade do que com outra, mas, mantendo contato de forma simultânea com a outra (s) nação (es). O que já se observava na proposta de Lesser (2001) principalmente no que se refere às estratégias para negociar a identidade nacional, para os autores também estas chegam a ser uma forma de resistência.

Contudo, o que se pretende superar com a perspectiva transnacionalista é a visão "bipolar" nos estudos migratórios que contemplam país de origem – país de destino e oferecer assim, conforme os autores, "[...] um modelo multifocal ou circular, no qual acontecem relações e movimentos que implicam diversos lugares, seja de origem, seja de trânsito ou de destino" (DURAND; LUSSI, 2015, p. 54).

Dentro dos estudos migratórios também vale ressaltar a mobilidade acadêmica que se encontra dentro das migrações qualificadas. Se na década de setenta a migração qualificada era para a região norte do globo (Estados Unidos, Canadá e Europa), na América Latina, com os governos progressistas em 2003 houve uma reestruturação dos sistemas de ciência e tecnologia e a implementação de políticas públicas e repatriação de profissionais. Acontece assim o deslocamento sul-sul e países como México, Argentina, Brasil, Chile e Equador passaram ser destinos de novos fluxos de migração qualificada.

> […] Así, la movilidad intrarregional de estudiantes se reconoce como una problemática que resalta la presencia de nuevos perfiles y, en consecuencia, el reconocimiento de otras causas y otros efectos dentro de lo que se denomina el estudio de la migración cualificada (PEDONE, ALFARO, 2018, p. 3)

De acordo com as autoras, internacionalização do ensino superior levou a uma outra linha de investigação sobre a imigração e que no México ganhou força, trata-se da categorias de análises “mobilidade acadêmica” e a “diásporas científicas" para o estudo das trajetórias acadêmicas e migratórias dos grupos nacionais e estrangeiros como também as saídas para o exterior em busca de estudos de pós-graduação e as estratégias de inserção laboral no país de destino uma vez culminado os estudos (PEDONE, ALFARO, 2018, p. 6)

As autoras Cristina Vega e Carmen Gómez iniciam o seu artigo com a seguinte afirmação: “La movilidad en educación superior ha sido tratada generalmente como un tema secundario en los estudios sobre migraciones cualificadas" (VEGA, GÓMEZ, 2018, p. 71)

Dentro da promoção da expansão da internacionalização do ensino superior se encontra mobilidade de acadêmicos e estudantes. Os estudos sobre a mobilidade em educação superior têm sido abordados a partir das migrações qualificadas (VEGA, GÓMEZ, 2018, p. 73). A mobilidade acadêmica é vista como algo positivo pela maioria dos atores envolvidos, afirmam as autoras. Os estudantes disseram que é uma forma de assegurar-se no futuro uma mobilidade social ascendente (VEGA, GÓMEZ, 2018, p. 76)

> De esta forma, la idea del “estudiante móvil” que busca la adquisición de “una formación internacional o parcialmente internacionalizada, desde antes del posgrado” (Didou Aupetit, 2004, p. 13) tiene que ver, por un lado, con estrategias tempranas de inserción en mercados laborales tanto extranjeros como nacionales y de valorización de diplomas que corresponde con lo que se entiende como universidades de prestigio (VEGA, GÓMEZ, 2018, p. 78).

Na reflexão sobre a identidade dos imigrantes, focando na sua reconfiguração de acordo com Lesser (2001) que aborda o tema da “hifenização”, o autor expõe o processo da construção da identidade dos imigrantes no Brasil e principalmente suas lutas para serem reconhecidos dentro da brasilidade sem abrir mão de sua identidade “pré-migratória” formando-se assim uma identidade “hifenizada”.

Por “hifenização”, Lesser (2001) entende a forma como estes imigrantes acionaram alguns marcadores identitários como, por exemplo, a língua por meio de poesias e outros documentos escritos em seus respectivos idiomas que serviram como estratégia privada de manutenção cultural e identitária. Tal manutenção indica a delimitação de uma fronteira e são as “fronteiras étnicas” apresentadas por Barth (1998) a outra categoria abordada que trouxe a contribuição para pensar a relação interétnica no contexto migratório. Pensar na hifenização para nosso estudo é pensar como os estudantes imigrantes acionam seus marcadores identitários como forma de manutenção da sua identidade pré-migratória.

Até aqui foram expostas as noções sobre a compreensão da figura do imigrante que contribuem para pensar as relações entre estes e brasileiros. A seguir serão apresentadas as principais ideias sobre as categorias de análise da pesquisa partindo da compreensão da identidade, sua formação e reconfiguração, para isso recorremos aos apontamentos de Woodward (2000), Cuche (2002) Castells (2000), Ennes e Marcon (2014).

3.2 Identidades e processos identitários

Para introduzir o leitor no entendimento sobre a identidade que o presente trabalho aborda é importante ponderar que a alteridade tem relação inerente com a identidade. Sendo assim, Kathryn Woodward (2000) propõe que a definição da identidade e da diferença, categoria na qual o imigrante é comumente inserido, já que ele é visto como alguém que é diferente ou que tem algo de diferente, depende de como elas estão associadas entre si. Este ser diferente do imigrante é muitas vezes motivo de estranhamento ou curiosidade que pode ocasionar aproximação ou rejeição da parte dos nacionais.

A autora propõe pensar sobre a identidade apontando para suas diferentes facetas na qual a diferença é uma questão basilar, já que, segundo a mesma, a diferença funciona como um marcador que estabelece “[...] quem é incluído e quem é excluído [...]” (WOODWARD, 2000, p. 8) de determinado grupo social. Segundo a

mesma autora, “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2000, p. 14).

Woodward (2000) ressalta que para compreender como a identidade funciona é necessário recorrer às conceptualizações e divisões da identidade em suas várias dimensões, a saber, étnica, nacional, de gênero, de classe etc. e assim propõe considerar alguns aspectos importantes da identidade no momento de analisá-la como o aspecto material, social e psíquico.

A autora também se refere ao social e ao simbólico como sendo “[...] processos diferentes, mas [...] necessários para a construção e a manutenção das identidades” (WOODWARD, 2000, p. 14) e que quando algo é marcado simbolicamente significa que por meio dela é atribuído sentido às práticas e relações sociais e se define quem pertence e quem é excluído, isto não é outra coisa senão uma forma de classificar as diferenças nas relações sociais. Em se tratando dos imigrantes este fator de classificação pela diferença é bastante recorrente.

Para a autora supracitada não há uma unificação das identidades e que em seu interior pode haver contradições que precisam ser negociadas, fazendo uma analogia, quando se trata de questões entre o âmbito individual e o coletivo, tendo como exemplo mais preciso quando se reivindica uma identidade nacional, mas se tem práticas do cotidiano que se compartilham com o outro grupo.

Para explicar como as identidades se formam e são mantidas, Woodward (2000) enfatiza a necessidade de investigar os motivos que levam as pessoas a assumir uma determinada postura de identidade e se identificarem com ela, de se reconhecerem nela e ainda levanta um questionamento: “Por que as pessoas investem nas posições que os discursos da identidade lhes oferecem? ” (WOODWARD, 2000, p. 15). Para isto a autora propõe que junto com a dimensão simbólica e social, seja também considerado o plano psíquico.

Diante do que atualmente é argumentado sobre a existência de uma “crise de identidade”, Woodward (2000) enfatiza que é preciso analisar a formação das identidades e os processos que nela estão envolvidos como também cabe a pergunta sobre “[...] em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluidas e cambiantes” (WOODWARD, 2000, p. 16).

Segundo Kobena Mercer (1990, p. 4 *apud* WOODWARD, 2000, p. 18) a identidade passa a se tornar um problema quando "[...] é deslocado pela experiência

da dúvida e da incerteza", sendo assim, a crise de identidade pode ser compreendida a partir desta dinâmica que gera os questionamentos em torno dela.

A autora apresenta os diferentes contextos em que identidade e crise de identidade se colocaram como assunto central. O primeiro contexto em que é possível observar a crise de identidade é a globalização por todas as suas implicações na transformação econômica, cultural, no consumo, nos estilos de vida; diante disto Woodward (2000) afirma que um dos resultados da globalização é perceptível na questão da identidade, já que por meio dela se produz uma homogeneização cultural que se desenvolve mediante o mercado global e que tem como consequência por um lado o distanciamento da identidade, da cultura local, por outro lado, provocar uma resistência que leva a um fortalecimento das identidades locais e nacionais.

Segundo Woodward (2000), ainda como resultado da globalização, encontra-se a migração, ressaltando que este fenômeno tem seu impacto não somente sobre o país que acolhe como também sobre o de origem.

A autora afirma que a migração "[...] produz identidades plurais como também identidades contestadas, em um processo caracterizado por grandes desigualdades" (WOODWARD, 2000, p. 21), desta maneira a mobilidade de pessoas produz identidades localizadas e moldadas em e por diferentes lugares.

De acordo com Woodward (2000), eventos como o colapso da União Soviética, em que o comunismo deixou de ser a referência que definia as posturas políticas na Europa Oriental, e a partir disso surgiram novamente antigas maneiras de identificação recorrendo às identidades étnicas, religiosas e nacionais. Também na Europa pós-colonial e nos Estados Unidos observou-se da parte dos povos que foram colonizados, mas também dos colonizadores novas buscas por certezas étnicas, apareceram, por exemplo, movimentos religiosos que reivindicavam um exclusivismo cultural devido à marginalização que puderam sofrer "[...] no interior das sociedades 'hospedeiras' [...]" (WOODWARD, 2000, p. 22).

Da mesma forma que Kathryn Woodward apresenta identidade e sua ligação intrínseca com a questão da diferença, Denys Cuche (2002, p. 176) ressalta que “[...] De maneira mais precisa, a recente moda da identidade é o prolongamento da exaltação da diferença [...]”. Cuche (2002) expõe o conceito de identidade cultural, ideia que, segundo o mesmo autor, surgiu nos Estados Unidos quando pesquisadores na área da psicologia social na década de 1950, pretendiam encontrar ferramentas

adequadas que permitissem investigar as questões que tem a ver com a integração dos imigrantes.

Deste ponto de vista, segundo o autor, a identidade cultural foi compreendida inicialmente como sendo algo imutável e que determinava a conduta dos indivíduos, mas que logo foi superado por ideias que apontam a identidade como algo que está intrinsecamente ligada ao contexto relacional, e afirma que "[...] a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente" (CUCHE, 2002, p. 177).

Sendo assim, o autor critica a abordagem subjetivista da identidade que a partir desta ótica é vista como uma representação da realidade social da parte dos indivíduos e que esta concepção coloca a construção de identidade no plano da imaginação negando a sua eficácia e seus efeitos sociais.

Denys Cuche (2002) apresenta também o paradoxo em que se situa a identidade, pois, diz ele que:

> "[...] é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista) " (CUCHE, 2002, p. 177).

Apresenta-se desta forma, segundo o autor, a identidade cultural como uma forma de categorizar a distinção entre "nós" e "eles" e ressalta que esta perspectiva tem sua base fundamentada na diferença cultural e certamente aqui cabe fazermos referência à imigração.

Citando Fredrik Barth, Cuche (2002) aponta a ideia de identidade proposta pelo autor segundo o qual "[...] a identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas" (CUCHE, 2002, p. 182). Parafraseando Cuche, a definição da identidade de um grupo não passa pelo "inventário" de seus traços culturais que os distinguem, mas que se trata da localização daquelas que os membros dos grupos o utilizam para se afirmar e manter a sua distinção em termos culturais.

Quando o autor faz referência à identidade e diferença coloca a ideia da relação que existe entre a "identidade e a alteridade", pois afirma que nenhuma identidade existe por si mesma nem para si mesma. Segundo Pierre-Jean Simon (SIMON, 1979, p. 24 *apud* CUCHE, 2002, p. 184), "[...] A identidade é sempre uma concessão, uma negociação entre uma 'auto-identidade' definida por si mesmo e uma 'hetero-

identidade' ou uma 'exo-identidade' definida pelos outros" (SIMON, 1979, p. 24 *apud* CUCHE, 2002, 184). Desta forma, reitera-se a afirmação de que a diferença é inerente à identidade.

No enfoque sobre a diferença, Denys Cuche (2002) ressalta um aspecto que resulta do conflito que pode ser gerado no contexto das relações "[...] de força entre os grupos de contato – que pode ser uma relação de forças simbólicas" (CUCHE, 2002, p. 184) que tem como consequência a produção de uma "identidade negativa", que o autor afirma ser aquela que é definida como diferente em relação à referência que a maioria constitui e, neste caso, a minoria reconhece a sua diferença como negativa e consequentemente, afirma o autor, isto pode desenvolver entre eles os "desprezos por si mesmos", desta forma, continua:

> [...] a identidade negativa aparece como uma identidade vergonhosa e rejeitada em maior ou menor grau, o que se traduzirá muitas vezes como uma tentativa para eliminar, na medida do possível, os sinais exteriores da diferença negativa (CUCHE, 2002, p. 184).

Cuche (2002) também aborda a questão da identidade como um assunto de Estado a partir do surgimento dos Estados-Nações, uma vez que estes se tornaram "[...] o gerente da identidade para o qual ele instaura regulamentos e controles" (CUCHE, 2002, p. 188). O autor também enfatiza que o papel do Estado em termos de identidade tem se caracterizado pela rigidez, pois sua tendência é a "monoidentificação" mediante o reconhecimento de "[...] apenas uma identidade cultural para definir a identidade nacional [...] seja por definir uma identidade de referência, a única verdadeiramente legítima" (CUCHE, 2002, p. 188).

Outra questão levantada pelo autor é a "multidimensionalidade" da identidade, apresentando como exemplo a chamada "dupla identidade" que pode ser mais bem compreendida no caso específico dos imigrantes. Cuche (2002, p. 193) salienta que a "dupla identidade" é vista como algo negativo, pois ela se associa a uma " dupla lealdade que é veiculada pela ideologia nacional" o que denota uma "incapacidade de pensar o misto cultural". A este respeito a autor também apresenta uma forma de pensar a identidade, a qual chama de "identidade sincrética", que seria o resultado de uma síntese de várias identidades que um indivíduo pode adquirir uma vez que este se encontra fazendo parte de várias culturas, assim, ela depende do contexto e das situações particulares.

Outro ponto fundamental na discussão sobre a identidade apresentada por Cuche (2002) está na ideia das "estratégias de identidade". Sobre este assunto, o

autor ressalta que: “[...] O conceito de estratégia indica também que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica” (CUCHE, 2002, p. 196), estes recursos podem ser, por exemplo, a língua de forma que permita que o indivíduo seja reconhecido como “diferenciado”.

Retomando as ideias de Fredrik Barth (1998), Cuche (2002) expõe a questão da demarcação das fronteiras identitárias e afirma que “no processo de identificação o principal é a vontade de marcar os limites entre ‘eles’ e ‘nós’, de estabelecer e manter o que chamamos de ‘fronteira’” (CUCHE, 2002, p. 200). Contudo o autor afirma que as fronteiras não são rígidas ou imutáveis e que elas podem ser “deslocadas” como resultado de outras mudanças, por exemplo, no plano social, econômico e político. As contribuições de Cuche (2002) para nosso estudo está em pensar a identidade e alteridade como sendo interdependentes como também a apresentação das estratégias identitárias que podem ser aplicadas aos processos identitários dos imigrantes.

Manuel Castells (2000) é outro autor cujo trabalho foi revisado e que também contribuiu a partir de sua reflexão sobre a construção da identidade, que de forma mais específica é abordada por ele em sua dimensão coletiva. Assim, Castells (2000) afirma entender por identidade focando nos atores sociais e declara que se trata de “[...] um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (os) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 2000, p. 22). Sobre o sentido aplicado à palavra “significado”, o autor esclarece que faz referência àquilo que orienta a “ação praticada” pelos atores sociais.

Um dos contextos que o autor ressalta para falar da construção da identidade coletiva, conforme também apontado por Woodward (2000), é o da globalização, que, por sua vez, leva a um grande compartilhamento das culturas e isto tem sido encarado pelos Estados-Nação como um desafio de “(re) construção” da identidade fundamentada na nacionalidade que é “[...] invariavelmente definida por oposição ao estrangeiro” (CASTELLS, 2000, p. 44).

Castells (2000) propõe pensar a construção da identidade coletiva a partir de perguntas, que segundo ele ganham a sua relevância sociológica e indaga: “[...] como, a partir de quê, por quem e para quê [...] essa identidade é construída” (CASTELLS, 2000, p. 23) e aqui cabe pensar, segundo o autor, que “[...] a construção social da

identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder [...]". (CASTELLS, 2000, p. 24).

Desta forma, Manuel Castells expõe suas ideias a partir do que ele denomina "sociedade em rede", que se caracteriza pela separação entre o local e o global, e é neste contexto que insere a discussão sobre o que foi chamado por Cuche (2002) de "monoidentificação" pretendida pelos Estados-Nação, demonstrando com o exemplo da União Soviética e seu fracasso, que o Estado não "[...] é capaz de construir identidade nacional por si próprio" (CASTELLS, 2000, p. 56). Desta maneira a contribuição de Castells (2000) para nosso estudo está na sua ideia de identidade coletiva e como ela se constrói.

Marcelo Ennes e Frank Marcon (2014) fazem uma reflexão crítica sobre os usos do conceito de identidade nas Ciências Sociais, que muitas vezes é aplicada de forma superficial e propõem "[...] tratá-la como um fenômeno social dinâmico e em processo, implicado fundamentalmente por relações de poder" (ENNES, MARCON, 2014, p. 274). Os autores apresentam também quatro elementos que consideram ser constituintes da identidade e que devem ser levadas em consideração no momento de pensar sobre este aspecto da vida social: os atores, as disputas, as normas e os contextos.

Quando se trata de observar os atores, Ennes e Marcon (2014, p. 294) propõem considerar as relações de interdependência entre os indivíduos que existem nas relações sociais, a partir desta ideia é abordado o aspecto dinâmico da identidade. A noção de pertencimento, por exemplo, na opinião dos autores, é forjada por meio de marcadores sociais que podem ser

> [...] sinais corporais, as formas de agir, de falar, de vestir, entre outras, evidenciadas pelos próprios sujeitos como substâncias particulares dos grupos sociais no momento em que são ressaltados os seus significados (. ENNES, MARCON ,2014, p. 294)

Contudo, afirmam os autores, os marcadores não podem ser confundidos com a identidade. Os marcadores são produzidos pelos atores de acordo com o significado que estes lhe atribuem, portanto o que está em jogo nesta questão é a ideia do simbólico mediante o qual se firmam as fronteiras. A produção destas fronteiras expressa as relações de poder e de disputa envolvidas nos processos identitários.

O segundo elemento que deve ser considerado são as disputas que podem ser de caráter simbólico ou material. Aqui se observam, segundo Ennes e Marcon (2014, p. 296), "[...] o poder de nomear, autonomear-se e aceitar ou resistir à nomeação

imposta pelo outro". Com base nesta ideia os autores sugerem que esta relação de forças permite não somente classificar, nomear, hierarquizar como também abre a possibilidade de manifestação de:

> [...] estratégias e expressões de transgressão e contestação que indivíduos e grupos sociais considerados subordinados possuem frente aos considerados hegemônicos, o enfoque sobre as denominações e sua contextualização é sempre revelador, principalmente quando percebemos como se estabelece sua relação com o que está em disputa. (ENNES, MARCON, 2014, p. 297)

O terceiro elemento mencionado pelos autores diz respeito às normas que orientam as relações sociais, estas podem ser, por exemplo, os costumes, as tradições, as leis ou os discursos. Neste âmbito se retoma a ideia do poder por considerar-se a função coercitiva das normas, mas neste caso não se trata de uma simples submissão ou adequação a elas e sim como elas são compreendidas pelos atores. Dessa maneira, os autores afirmam que as coerções são variáveis de acordo com as condições ou os contextos, para melhor esclarecimento citam os três sentidos que o sociólogo inglês Anthony Giddens atribui à coerção:

> a) Coerção social: Coerção resultante do caráter do mundo material e das qualidades físicas do corpo; b) Sanção (negativa): Coerção resultante de respostas punitivas por parte de alguns agentes em relação a outros e c) Coerção resultante da contextualidade de ação, isto é, do caráter 'dado' de propriedades estruturais vis-à-vis com atores situados (GIDDENS, 2003, p. 208 *apud* ENNES, MARCON, 2014, p. 298).

Sobre este assunto, os autores concluem que a conformidade entre os indivíduos dentro de um grupo se constitui pela vontade, pelos seus interesses, suas possibilidades e pela representação.

Ennes e Marcon (2014) ressaltam que o quarto elemento constitutivo dos processos identitários que, na opinião dos autores são relacionais e situacionais, são os contextos sociais e históricos onde eles são gerados e dos quais são resultado. Os contextos, segundo os autores, também são fatores pelos quais se constroem e se redefinem os marcadores identitários e as fronteiras, se redefinem porque toda vez que se produz uma mudança no contexto se produz a mudança das identidades e assim reciprocamente.

De acordo com Ennes e Marcon (2014, p. 299) o sentimento de pertença e a diferença se produzem "[...] em situações ou contextos em que indivíduos orientam suas ações a partir de outros indivíduos com os quais mantêm relações de disputas mediadas por normas". Sendo assim, a partir deste contexto de fluidez, percebe-se a existência de pertencimentos múltiplos que são legitimados socialmente e esta é uma

característica da contemporaneidade, nesta dinâmica está inserida, por exemplo, a imigração, pois é a partir do contexto que se constrói o sentido de pertencimento. Este sentido de pertencimento é questionando no contexto migratório visto que o imigrante se vê numa nova sociedade e assim os seus marcadores identitários passam a serem redefinidos.

No concernente à proposta central dos autores estes adotam uma postura crítica diante do que os mesmos chamam de “usos essencializadores e naturalizadores do termo identidade” (ENNES; MARCON, 2014, p. 276) no domínio das ciências sociais.

Para melhor compreendermos a relação dos processos identitários no contexto migratório e suas implicações nas modificações corporais dos imigrantes, apresentaremos a seguir a perspectiva relacional da sociologia para contextualizar a forma como é construída a ideia de imigrante a partir da experiência relacional.

Mustafa Emirbayer (1997), sociólogo americano, pronunciou-se a favor da abordagem relacional da sociologia. A “sociologia das relações” defendida pelo autor tem seu foco no aspecto relacional das ações sociais. Apoiado em vários autores, o americano reafirma que a dinâmica social é movida pelas “trans-ações” e esclarece que:

> […] o que caracteriza o enfoque transacional é que nele se consideram as relações em termos ou unidades dinâmicas por natureza, como processos em constante desenvolvimento e fluidez, em vez de laços estáticos entre substâncias inertes (EMIRBAYER, 1997, p. 294).

O caráter estático e inerte mencionado pelo autor se refere a que quando a ação social é vista a partir de uma compreensão dos elementos desta ação eles são assumidos, nos dizeres de Cassirer (1953, p. 36 *apud* EMIRBAYER, 1997, p. 291), “[...] como existências independentes, presentes, anteriores a qualquer relação [...]”, desta forma, seriam:

> [...] entidades duradouras e coerentes. [...] Tais entidades possuem propriedades emergentes que não podem ser reduzidas a formar parte dos elementos que as compõem. São os grupos, nações, culturas e outras substâncias reificadas, e não pessoas individuais as que levam a cabo todos os atos da vida social e explicam seu dinamismo (EMIRBAYER, 1997, p. 290).

Segundo Emirbayer (1997), pensar que as entidades permanecem estáticas, sem se alterarem pelas ações de seus elementos, é vê-las como se fossem independentes da existência umas das outras. De acordo com o autor, esta ideia de interação é a que mais predomina na sociologia contemporânea onde o foco central

encontra-se nas variáveis, porque as pesquisas tendem a serem feitas utilizando desde enquetes até a análise histórico-comparativa. Baseado nesta ideia, o autor cita o pensamento de Andrew Abbott (1998, p. 170 *apud* EMIRBAYER, 1997, p. 291) que afirma que estas variáveis interagem "[...] em tempo causal e real, para criar resultados, os mesmos que são mensuráveis como atributos das entidades fixas". Mas esta interação seria gerada nas esferas vazias onde as causas acontecem e não que sejam produzidas por elas.

Emirbayer (1997, p. 292) afirma que "[…] os teóricos relacionais rejeitam a noção de que se possa propor unidades discretas predeterminadas tais como os indivíduos ou a sociedade como os principais pontos de partida da análise sociológica [...]". E aqui o autor coloca em questão a interminável discussão entre o macro e o micro, sociedade-indivíduo, indivíduo-sociedade.

O autor cita, ainda, alguns "fundadores" da sociologia cujas perspectivas remetem à ideia da "transação", como é o caso de Karl Marx, de quem faz a seguinte citação: "a sociedade não consiste em indivíduos, mas expressa a soma de interrelações, dentro das quais encontram-se os indivíduos" (MARX, 1978, p. 247, *apud* EMIRBAYER, 1997, 292). Faz ainda referência ao livro "O Capital", v.1, em que Marx, no que diz respeito ao capital, afirma que este não é uma coisa e sim "[...] uma relação entre pessoas mediadas por meio de coisas" (MARX, 1978, p. 247, *apud* EMIRBAYER, 1997, 292).

Outro sociólogo a quem Emirbayer (1997) se refere como o sociólogo mais envolvido com a teoria relacional é Georg Simmel, e para afirmar sua postura faz a citação sobre a qual o autor apoia sua concepção de sociedade:

> [...] a sociedade é uma estrutura supra-singular que apesar de tudo não é abstrata. Segundo este conceito, a vida histórica evita a alternativa de ter que apresentar-se através de uma lista de indivíduos ou como uma generalidade abstrata. A sociedade é uma generalidade que tem em forma simultânea uma vitalidade concreta. (SIMMEL, 1971, p. 69, *apud* EMIRBAYER 1997, p. 293).

Émile Durkheim reconhece também, afirma Emirbayer (1997, p. 293), que "a força da coletividade não é totalmente externa. [...] A sociedade pode existir unicamente em e por meio de mentes individuais". Ademais, o autor apresenta a seguinte ideia de Margaret Somers e Gloria Gibson: "[...] no enfoque [relacional, transacional] insere o ator dentro de relações e histórias que mudam através do tempo e do espaço, e, portanto, impossibilita uma estabilidade categórica na ação" (SOMERS; GIBSON, 1994, p. 65-69, *apud* EMIRBAYER, 1997, p. 293). A partir desta

premissa, pode-se afirmar que tudo existe a partir das relações.

Um dos conceitos da análise sociológica que Emirbayer (1997, p. 298) propõe ser pensado a partir da abordagem relacional é a *agência* que, de acordo com o autor, costuma ser vista como algo que “daria vida a substâncias passivas e inertes” sejam eles indivíduos ou grupos e que se não fosse por ela, estes iriam manter-se estáticos. Citando seu trabalho com Ann Mische, o sociólogo americano explica que a *agência* implica "[...] a participação de atores de ambientes estruturais diferentes [que] se reproduzem e que também transformam essas estruturas como uma resposta interativa aos problemas colocados situações históricas de mudança”. (EMIRBAYER; MISCHE, 1998). Desta forma, o autor propõe olhar para a *agência* a partir de dois enfoques, interno e externo.

Com base no primeiro, a *agência* compreende as formas diferentes de vivenciar o mundo e como nesta questão está envolvida a consciência de algo (JAMES, 1976; HUSSERL, 1960 *apud* EMIRBAYER, 1997, p. 299), a *agência* também supõe uma “agência para algo”, portanto ela é a forma pela qual os atores sociais entram em relação com as pessoas, os lugares, os significados e situações.

No enfoque externo a *agência* implica “[...] transações concretas em contextos relacionais (cultural, social estrutural e psicológico social) [...]” (EMIRBAYER,1997, p.299) e isto, afirma o autor, é semelhante a uma conversa em desenvolvimento, pois, a compara ao processo do diálogo onde os atores envolvidos na conversa mergulham nela no tempo que ela dure desta forma se abrangem outros contextos de ação no plano temporal e espacial.

Ademais, Emirbayer (1997) afirma que a *agência* depende do percurso e que inserida numa situação ela dá o significado aos tipos de respostas às questões que lhe ocupam e isto pode ser dado inclusive numa duração que se amplia no tempo e no espaço.

Partindo deste antecedente relacional, o que interessa neste estudo cujo contexto geral é o da imigração, também cabe indagar a forma como é construída a ideia de imigrante que se dá justamente a partir da experiência relacional. Muitas vezes o imigrante só se percebe como tal a partir de suas relações, inclusive com os acadêmicos que os leva a descobrir-se nessa condição, somos nós, os acadêmicos que categorizamos estes sujeitos como imigrantes quando eles se consideram apenas como estrangeiros. Eu mesma passei a me considerar imigrante depois de enfrentar

algumas dificuldades na universidade porque os alunos intercambistas, por exemplo, têm seus processos de documentação orientados pela universidade, no meu caso, eu precisei correr atrás. Foi nesse momento que eu disse para mim mesma que não sou intercambista nem sou estudante por convênio, eu sou imigrante.

Até aqui foram apresentadas as principais ideias no que diz respeito à identidade e sua construção considerando-a resultante de um processo e não como algo dado. A seguir iremos discorrer sobre a identidade e sua relação com o corpo para melhor compreensão de ambos no fenômeno migratório.

3.3 A Sociologia do Corpo e os processos identitários

A sociologia do corpo segundo David Le Breton é constituída por uma área da sociologia que se dedica “[…] à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários” (LE BRETON, 2012, p.7) e aponta que as ações da cotidianidade tanto no que diz respeito ao domínio público quanto o privado é mediada pela corporeidade, “[…] Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (LE BRETON, 2012, p.7), afirma.

O corpo, declara o autor, "[…] é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator”. (LE BRETON, 2012, p.7). O corpo como produtor de sentidos introduz o homem ativamente no espaço social e cultural. Independente da época ou do lugar em que ele nasceu, "[…] a criança está predisposta inicialmente a interiorizar e a reproduzir os traços físicos particulares de qualquer sociedade humana” (LE BRETON, 2012, p.8). Faz parte da condição social do homem o processo de socialização da experiência corporal que encontra seus momentos mais fortes na infância e na adolescência.

Contudo este processo é inacabado já que a aprendizagem das modalidades corporais não se limita à idade conforme sugere o autor, elas continuam por toda a vida de acordo com as mudanças sociais, o estilo de vida, as mudanças culturais e os diferentes papéis que o indivíduo assume na sua existência.

As expressões do corpo são moldadas socialmente, é através dos outros que as manifestações corporais ganham significado, “[…] Elas só têm sentido quando relacionados ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social” (LE

BRETON, 2012, p.8).

> De fato, o corpo quando encarna o homem, é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros. Na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator (LE BRETON, 2012, p.10).

Diante da crise de legitimidade das modalidades físicas que aconteceu na década de 1960 que torna incerta a sua relação com o mundo, o indivíduo dá uma atenção redobrada ao seu corpo, "[…] lá onde ele se separa dos outros e do mundo. Já que o corpo é lugar do rompimento, da diferenciação individual, supõe-se que possua a prerrogativa da possível reconciliação" (LE BRETON, 2012, p.11).

O que se procura na modernidade é tornar o corpo não mais um lugar de exclusão e sim de inclusão, que embora o distinga dos outros, não seja o que separa, mas que conecta e une aos outros.

Segundo Le Breton o interesse da sociologia pela questão corporal desponta nos estudos de Villermé (1840), Buret (1840), Engels (1845) e Marx (1867). Embora implícito o tema da corporeidade, estes autores demonstram seu interesse pela "[…]condição miserável da classe trabalhadora no contexto da revolução industrial" (LE BRETON, 2012, p.16).

Sendo assim, o que se observou nestes trabalhos diz respeito "[…] à relação física do operário com o mundo que o cerca, sua aparência, saúde, alimentação, moradia, sexualidade, sua procura pelo álcool […]" (LE BRETON, 2012, p.16) desta maneira fizeram a pesquisa das condições de existência dos trabalhadores.

Por outro lado, o autor apresenta a corrente de pensamento que "[…] faz da condição social o produto direto do corpo" (LE BRETON, 2012, p.17). O que prima nesta visão é o fator biológico, por exemplo, quando se trata da procura de provas o pertencimento a uma raça. Medir, pesar, cortar, realizar autópsia, classificar, todos estes procedimentos cabem na busca do destino do homem em sua conformação morfológica. Assim "[…] As qualidades do homem são deduzidas da feição do rosto ou das formas do corpo. Ele é percebido como a evidente emanação moral da aparência física (LE BRETON, 2012, p.17).

Referente ao posicionamento dos sociólogos a respeito da corporeidade, Le

Breton menciona que para Durkheim “[…] será o aprisionamento da corporeidade no domínio da organicidade” (LE BRETON, 2012, p.17), sendo assim, a corporeidade passa a ser muito mais do domínio da medicina e da biologia do que da sociologia. Referindo-se a Weber, Le Breton afirma que este desconsidera o corpo, não assim Georg Simmel.

Com o *Estudos sobre a histeria* de Freud em 1895, Le Breton sugere o surgimento da sociologia do corpo a partir do momento em que “[…] Freud introduz o relacional na corporeidade, o que a torna imediatamente estrutura simbólica” (LE BRETON, 2012, p.18), contudo nem sempre encontrou adesão da parte dos sociólogos que continuavam ligados à dimensão organicista do corpo distanciando-o assim do campo da sociologia. Da passagem da antropologia física que buscava no aspecto morfológico as qualidades do homem para:

> […] a consciência de que o homem constrói socialmente seu corpo (…) o homem não é o produto do corpo, produz ele mesmo as qualidades do corpo na interação com os outros e na imersão no campo simbólico. A corporeidade é socialmente construída (LE BRETON, 2012, p.18-19).

Um esboço da sociologia do corpo segundo Le Breton surge a partir dos trabalhos de Georg Simmel que tratou do sensorial e as trocas de olhares, em 1908, e sobre a fisionomia, em 1901. Logo em 1909 Robert Hertz desenvolveu seu estudo sobre a “ preeminência da mão direita” onde o autor aborda a supremacia desta mão em relação à mão esquerda observando que a as razões do seu uso encontra-se antes de mais nada, no sentido cultural já que as representações do ruim, “[…] a falta de jeito, a deformação, a traição, o ridículo” (LE BRETON, 2012, p.20) é sempre associado ao lado esquerdo enquanto à direita se atribui coragem, destreza, correção, etc.

Por sua vez Marcel Mauss contribuiu para a construção da sociologia do corpo através dos seus trabalhos sobre a expressão dos sentimentos, de 1921, “ o efeito físico da ideia de morte”, de 1926, e com “As técnicas do corpo’’ de 1936. O aporte da Escola de Chicago onde se aborda “[…] a relação física dos atores considerados com o mundo […]” (LE BRETON, 2012, p.20) se encontram os trabalhos de N. Anderson (1923), C. Shaw (1931, 1938), Whyte (1943), L. Wirth (1928).

Por outra parte se tem a contribuição de Norbert Elias em 1939 com “A civilização dos costumes” que é um ensaio onde o autor apresenta:

> […] as genealogias das atitudes externas do corpo, relembrando assim o caráter social e cultural de vários comportamentos desde os mais banais até os mais íntimos da vida quotidiana (LE BRETON, 2012, p.20).

Também David Efron (1941) escreve seu trabalho sobre os movimentos do corpo nas interações na obra intitulada “Gestos, raça e cultura”. Desta maneira Le Breton (2012) discorre sobre os marcos na reflexão sociológica voltada ao corpo apresentando por um lado uma sociologia em que a questão do corpo está no segundo plano da análise, e por outro lado a apresenta os estudos que pode se dizer constitui um inventário das abordagens da temática dos usos sociais do corpo.

Le Breton (2012) aponta que nas pesquisas sociológicas o “[…] próprio referente ‘corpo’ é pouco questionado” (LE BRETON, 2012, p.24) isto porque ele é cercado de ambiguidades. A sociologia deve questionar-se, assegura, “[…] de que ‘corpo’ se trata?” (LE BRETON, 2012, p.24). “[…] É preciso ressaltar a ambiguidade que consiste evocar a noção de um corpo que só mantém relações implícitas, supostas, com o ator com quem faz indissoluvelmente corpo. Qualquer questionamento sobre o corpo requer antes a construção de seu objeto, a elucidação daquilo que subentende (LE BRETON, 2012, p.24).

O autor também ressalta elementos históricos que contribuíram na construção da ideia de corpo na sociologia. Em primeiro lugar está a noção de dar um corpo ao homem que parte do olhar biomédico ao qual muitos sociólogos têm aderido, segundo Le Breton (2012).

Em segundo lugar a ideia de dar carne ao homem, parte da visão da não distinção do homem e o corpo, exemplo disso são as medicinas populares, “Nas tradições populares, o corpo permanece sob a influência do universo que lhe dá energia” (LE BRETON, 2012, p.26). Le Breton (2012) afirma que as diferentes representações da pessoa, do corpo estão sempre dentro da visão de mundo que as diferentes comunidades humanas têm. Também o autor ressalta que “[…] O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna” (LE BRETON, 2012, p.26).

De acordo com Le Breton o corpo é muito mais do que uma coleção de órgãos ordenados segundo as leis da anatomia e da fisiologia, ele é antes de tudo “[…] uma

estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais" (LE BRETON, 2012, p.27). As representações, os imaginários sociais, a estrutura simbólica da corporeidade varia conforme as sociedades.

Dito isso, Le Breton (2012) aponta a diferença entre as sociedades tradicionais e as individualistas e sua forma de entender o corpo. Para a primeira "[…] o 'corpo' é o elemento de ligação da energia coletiva e, através dele, cada homem é incluído no seio do grupo" (LE BRETON, 2012, p.30). Já para a segunda o corpo é "[…] o elemento que interrompe, o elemento que marca os limites da pessoa, isto é, lá onde começa e acaba a presença do indivíduo" (LE BRETON, 2012, p.30), sendo assim, o corpo como um elemento isolável só é possível em sociedades individualistas:

> […] Em outras palavras, o corpo da modernidade, aquele no qual são aplicados os métodos da sociologia, é o resultado do recuo das tradições populares e o advento do individualismo ocidental e traduz o aprisionamento do homem sobre si mesmo (LE BRETON, 2012, p.31).

Também é importante notar que a sociologia aplicada ao corpo em nada se distingue, por seus métodos ou procedimentos de raciocínio, da sociologia da qual é um dos tópicos. De acordo com Le Breton (2012, p.32) há uma primeira tarefa que o sociólogo e o antropólogo devem desenvolver que é o de olhar para o corpo como " […] o lugar e o tempo indistinguível da identidade".

> O 'corpo' é uma linha de pesquisa e não uma realidade em si. É preciso então marcar o distanciamento da sociologia de Durkheim, segundo a qual o corpo é estritamente redutível ao biológico (LE BRETON, 2012, p.33)

"A sociologia aplicada ao corpo distancia-se das asserções médicas que desprezam as dimensões pessoal, social e cultural nas percepções do corpo" (LE BRETON, 2012, p.34)

"Em outras palavras, a sociologia do corpo é aquela das modalidades físicas da relação do ator com o mundo" (LE BRETON, 2012, p.35)

A sociologia relacionada ao corpo tem uma pertinência heurística que a faz funcionar segundo Le Breton (2012) conforme os vários trabalhos que se desenvolveram nesta área. O autor aponta para três caminhos de pesquisa que são: uma "sociologia do contraponto" onde "[…] O corpo funciona aqui como se fosse uma espécie de analisador (…) e propõe um ponto de vista sutil e original através do qual as ondulações da vida social podem ser registradas com relevância" (LE BRETON

,2012, p.36).

O segundo caminho é o de uma “sociologia do a propósito" em que se cruzam por exemplo, alguns traços relativos à corporeidade como poder ser o caso da sociologia do trabalho que se detém na relação do homem com a máquina, porém ela não é elaborada por este ponto de vista.

O terceiro caminho é o de uma “sociologia do corpo” “[…] lúcida em relação às ameaças que pesam sobre ela, mas que ao afastá-la descobre um continente a ser pesquisado, quase inexplorado, onde a inteligência e a imaginação sociológica do pesquisador podem se desenvolver” (LE BRETON, 2012, p.36)

Os riscos que se apresentam para a sociologia do corpo estão por exemplo ligados a outras sociologias que se aplicam “[…] à saúde, à doença, à interação, à sexualidade, às atividades físicas e esportivas, etc. O risco é a diluição do objeto, insuficientemente definido pelo pesquisador […]” (LE BRETON, 2012, p.36)

> Outro risco é inerente à pluridisciplinaridade frequentemente imposta quando do estudo do corpo: psicanálise, fenomenologia, etnologia, história, economia, por exemplo, são disciplinas que o sociólogo cruza em seu caminho e cujos dados utiliza (LE BRETON, 2012, p. 37)

A sociologia do corpo segundo Le Breton (2012) trouxe importante contribuição para a compreensão do corpo como construção social assim como também o lugar do corpo nos estudos sociológicos.

Depois de discorrer sobre a sociologia do corpo segundo David Le Breton, a seguir apresentaremos algumas noções do corpo como capital de Mirian Goldenberg como forma de estabelecer o nexo entre as ideias sobre o corpo na sociologia e o corpo brasileiro.

Em seu artigo, Mirian Goldenberg apresenta a visão de Gilberto Freyre sobre o corpo da mulher brasileira e suas transformações. De acordo com a autora, Freyre aponta que as mulheres brasileiras imitam modelos de beleza “norte-europeizantes” e traz também uma publicação do ano de 2000 da revista Veja na qual se divulga que as brasileiras estão entre as maiores consumidoras de tinta de cabelo no mundo.

Goldenberg (2006, p.116) afirma que:

> […] Freyre sugeria que as modas e os modismos não diziam respeito apenas às roupas ou penteados, mas também poderiam se tornar modas de pensar, de sentir, de crer, de imaginar, e assim, subjetivas, influírem sobre as demais modas.

Além disso a autora ressalta que na ótica de Freyre as modas servem de aliadas para aquelas mulheres que lutam contra o envelhecimento, sendo assim, o autor apontou "[…] portanto, que as modas surgem visando uma preocupação central da mulher brasileira: permanecer jovens" (GOLDENBERG, 2006, p.116).

Citando Marcel Mauss a autora afirma que esta preocupação tem crescido enormemente e que é "[…] através da 'imitação prestigiosa' que os indivíduos de cada cultura constroem seus corpos e comportamentos (…) Os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que viram ser bem-sucedidos" (GOLDENBERG, 2006, p. 116-117).

Stéphane Malysse (2002) é um antropólogo francês que segundo Goldenberg (2006) discute a singularidade do corpo brasileiro. O referido autor faz uma comparação entre o corpo da mulher brasileira e o corpo da mulher francesa:

> […] enquanto na França, a produção da aparência pessoal continua centrada essencialmente na própria roupa, no Brasil é o corpo que parece estar no centro das estratégias do vestir. As francesas procuram se produzir com roupas cujas cores, estampas e formas reestruturam artificialmente seus corpos, disfarçando algumas formas (particularmente as nádegas e a barriga) graças ao seu formato; as brasileiras expõem o corpo e frequentemente reduzem a roupa a um simples instrumento de sua valorização; em suma, uma espécie de ornamento (MALYSSE, 2002 apud GOLDENBERG, 2006, p. 117)

De acordo com Goldenberg (2006), Malysse afirma que ao contrário do que acontece no Brasil onde as mães procuram se vestir como as filhas, na França são as filhas que se vestem como as mães, desta maneira a roupa é considerada como parte do processo de envelhecimento da aparência. "O corpo e a aparência juvenil é, no Brasil, um verdadeiro capital, como diria Pierre Bourdieu" (1987) (GOLDENBERG, 2006, p. 118). "Se o corpo é a imagem da sociedade, que sociedade é essa que está representada nos corpos dos brasileiros? (GOLDENBERG, 2006, p. 118). ", indaga a autora.

Goldenberg (2006) se refere às suas pesquisas que se preocuparam em pensar sobre o modelo de corpo que tem prestígio na sociedade brasileira, a autora salienta que um item da pesquisa onde é pedido aos participantes que escrevessem um

anúncio que tivesse por objetivo encontrar um parceiro é que a categoria corpo aparece como categoria central “[…] seguido de alguns adjetivos, como “bonito”, “forte”, “definido”, “malhado”, “trabalhado”, “sarado”, “saudável”, “atlético” (GOLDENBERG, 2006, p. 119).

Ademais Goldenberg (2006) traz dados do ano de 2003 em que se apresenta o Brasil como segundo colocado no ranking mundial de procedimentos de cirurgias estéticas. Já no ano de 2020 foi publicado no blog da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS), divulgada em dezembro de 2019 com a seguinte chamada: “O Brasil ultrapassou os Estados Unidos e se tornou o país que mais realiza cirurgias plásticas no mundo”. Na referida matéria se comunica que “ De acordo com o levantamento, em 2018, foram registradas mais de 1 milhão 498 mil cirurgias plásticas estéticas em nosso país, além de mais de 969 mil procedimentos estéticos não-cirúrgicos”.[6]Os procedimentos mais procurados são aumento mamário com prótese de silicone, a lipoaspiração está na segunda colocação, em seguida, o ranking elenca, em termos de frequência, as cirurgias de abdominoplastia, plástica das pálpebras (blefaroplastia), suspensão das mamas (mastopexia), redução mamária, plástica do nariz (rinoplastia) e cirurgia do rejuvenescimento da face (lifting facial).

Sobre as técnicas do corpo, diz Mauss (2003, p.401) “Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo.”

“Toda técnica propriamente dita tem sua forma. Mas o mesmo vale para toda atitude do corpo. Cada sociedade tem seus hábitos próprios” (MAUSS, 2003, p. 403).

> Assim, durante muitos anos tive a noção da natureza social do *"habitus ".* (…). A palavra exprime, infinitamente melhor que "hábito", a *"exis"* [hexis], o "adquirido" e a "faculdade" de Aristóteles (que era um psicólogo) (MAUSS, 2003, p. 404).
>
> Esses "hábitos" variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição. (MAUSS, 2003, p. 404).

[6] http://www2.cirurgiaplastica.org.br/blog/2020/02/13/lider-mundial/#sidewidgetarea

Mauss sugere que para se ter uma visão clara dos fatos “[…] É o tríplice ponto de vista, o do "homem total", que é necessário” (MAUSS, 2003, p. 405), esta tríplice consideração são o fator biológico, psicológico e sociológico. O autor argumenta que na arte de utilizar o corpo humano o que predomina são os fatos de *educação,* entretanto assegura que a noção de educação pode sobrepor-se à de imitação já que, por exemplo, há crianças que têm facilidade de imitação, outras nem tanto, porém todas são submetidas à mesma educação. “[…] O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuada por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela” (MAUSS, 2003, p. 405). Desta maneira se verifica o elemento social do ato imitador (ordenado, autorizado, aprovado), “[…]. No ato imitador que se segue, verifica- se o elemento psicológico e o elemento biológico. Mas o todo, o conjunto é condicionado pelos três elementos indissoluvelmente misturados” (MAUSS, 2003, p. 405)

Por exemplo, a forma de andar das mulheres maori, esta forma de andar chamada *onioi* é exercitada pelas mães a suas filhas, ela consiste no balanceio solto, porém articulado dos quadris que nos parece gracioso, mas que é extremamente admirado pelos Maori. Era uma maneira adquirida, e não natural de andar (MAUSS, 2003, p. 405).

Mauss (2003, p. 407) afirma que para considerar técnica não se faz necessariamente a utilização de algum instrumento e que prova disso está no que Platão se referia a técnica da música e especialmente da dança.

Marcel Mauss chama de:

> […] técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em que o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas […] (MAUSS, 2003, p. 407).
>
> Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. Imediatamente, toda a imensa categoria daquilo que, em sociologia descritiva, eu classificava como "diversos" desaparece dessa rubrica e ganha forma e corpo: sabemos onde colocá-la.
>
> Antes das técnicas de instrumentos, há o conjunto das técnicas do corpo. (MAUSS, 2003, p. 407)

As técnicas do corpo segundo Mauss (2003) nos ajudam a pensar como a sociedade com seus hábitos é capaz de moldar os corpos.

Ressaltando que as mudanças no corpo praticada pelo imigrante é o interesse da pesquisa considera-se importante a abordagem sobre o corpo a partir de sua relação com a saúde já que a estética tem recorrido a várias técnicas e especialidades da medicina, por exemplo, para cuidar do melhoramento do corpo e sua aparência.

Quando se trata de refletir sobre o corpo é comum encontrar abordagens que ressaltam sua relação com a saúde, Leal *et al.* (2010, p. 81) apresentam a noção de Saúde Coletiva que envolve a ideia da saúde como um fenômeno social e de interesse público.

Os autores apresentam um campo de estudo que se denominou Saúde Coletiva, fruto da "[...] inserção das ciências humanas e sociais no campo da saúde, a par dos movimentos sociais da reforma sanitária brasileira" (LEAL *et al,* 2010, p. 80) esta ingerência extrapolou a ideia sobre a saúde que se limita ao plano biológico. Sendo assim, uma visão mais complexa da saúde supõe a influência dos fenômenos sociais, culturais e históricos, o que permite enquadrar, por exemplo, as cirurgias estéticas no campo da Saúde Coletiva.

Feita esta observação, a ideia de expor esta questão como sendo de interesse para a pesquisa está em que a identidade, corpo, saúde e beleza estão estreitamente ligadas. O corpo conforme já dito é apenas uma forma de pensar a identidade, este corpo demanda cuidados que têm a ver com a saúde não somente no sentido de ausência de doença, mas também no sentido de bem-estar. Este bem-estar passa pelo aspecto ou aparência do corpo, que por sua vez é associada à beleza; recapitulando que as modificações corporais dos imigrantes são o objeto de estudo deste trabalho, tais modificações passam em grande parte pela esfera da saúde, ou melhor, dizendo, da medicina e suas técnicas. Daí que tenha sido feita a menção das cirurgias estéticas como tendo um lugar dentro da saúde coletiva.

A referência específica às cirurgias estéticas se justifica pela observação desta prática como um meio de modificação corporal que tem seus antecedentes no século XIX. Mais adiante será abordada a história das cirurgias estéticas, momento em que será possível contemplar com maior abrangência a sua relação com os fenômenos sociais, culturais e históricos inclusive no contexto migratório.

Leal *et al.* (2010) partem do princípio de que o corpo também é protagonista no processo de sociabilidade. No trabalho dos autores se fala da construção do corpo no "[...] mundo mundializado em que tudo é mercantilizado" (LEAL *et al.*, 2010, p. 81) como algo que se dá a partir "das demandas coletivas e individuais". Sander Gilman

(2005) que é o autor que apresenta a história das cirurgias estéticas irá dizer que a filosofia moderna foi a grande incentivadora para que o indivíduo se “refaça” já que por meio do uso da razão ele passou a ter autonomia o que constitui um fator essencial que justifica procurar se submeter à cirurgia estética mediante a qual o indivíduo se “refaz” no sentido da modificação de seu corpo.

O cuidado com a aparência que está muito ligada aos discursos médicos e da estética que constroem o que Ferreira (2006) chama de “sentidos do corpo” fazendo referência às definições dadas ao corpo e os valores atribuídos a ele a partir destas acepções, o que muitas vezes se traduz na submissão dos corpos à ordem política e social.

Uma ideia que perpassa a noção que se tem de corpo é a questão da felicidade, por citar apenas dois exemplos, parafraseando Richard Miskolci (2006), o corpo que passa por modificações permite o ingresso para a o universo da felicidade, assim, pode-se afirmar que a felicidade é o imperativo na procura da cirurgia estética. Francisco Ferreira (2006) irá se referir a ele como o passaporte para a felicidade.

O corpo, no contexto da modernidade tornou-se “[...] um escravo que devemos submeter à rigorosa disciplina da indústria da forma, enganosamente chamada de indústria da saúde. Por este corpo, devemos sacrificar o nosso tempo, nossos desejos, nosso dinheiro” (LEAL *et al.*, 2010, p. 81).

Ainda Leal *et al.* (2010) fazem uma reflexão sobre a relação simbiótica do saber médico e as práticas estéticas onde as cirurgias deste tipo constituem um fenômeno muito mais visível do que outras áreas que também estão a serviço da estética como a dermatologia, endocrinologia, gerontologia entre outras.

Outra consideração importante trazida pelos autores é a questão geográfica como sendo um fator que promove a busca pela cirurgia estética em determinadas partes do corpo que são mais exibidas pela característica climática, por exemplo, “[...] o Brasil por ser um país tropical contribui para que a exposição corporal seja mais acentuada” (LEAL *et al.*, 2010, p. 82) e ainda acrescentam que “Em cidades litorâneas como Fortaleza e o Rio de Janeiro, esse fenômeno é mais notório, diferente de lugares onde o frio não facilita a exposição do corpo”(LEAL *et al.*, 2010, p. 82).

Em um trecho da entrevista que os autores realizaram a um dos médicos da área da cirurgia estética se expõe o seguinte:

> [...] em Juan, na França [...]; tem muitos anos que eu tenho pacientes lá e é interessante que eu nunca fiz uma cirurgia em Juan que fosse escultura de corpo, eu só faço rosto, nariz, olho, ninguém está muito preocupado com o

> resto do corpo [...] (LEAL et al., 2010, p. 82).

Da mesma forma, Sander Gilman (2005) menciona que a procura pela cirurgia estética por parte das mulheres dos países árabes se dá com muita frequência na região do rosto, pelo fato de ser a parte do corpo que é mais visível, mas também porque existe a representação de um rosto bem específico associado ao fundamentalismo que ameaça o mundo. Esta procura se dá mais no contexto migratório, argumenta o autor.

Retomando a questão da medicina e seu papel na área da estética, Francisco Ferreira (2006) baseia-se na investigação da construção dos valores e dos sentidos que são dados ao corpo e principalmente da imagem que se cria dele a partir do que chama de parâmetros estéticos que são acionados nos discursos dos "[...] especialistas na metamorfose corporal, os cirurgiões plásticos" (FERREIRA, 2006, p. 2).

Ferreira (2006), cujo trabalho se intitula "Os sentidos do corpo", não se refere à capacidade sensorial do corpo humano e sim às acepções da palavra que é carregada de significados construídos ao longo da história a partir das diferentes áreas do saber como a religião, a filosofia, a arte, a estética, a psicologia, a medicina entre outras. O autor afirma que "Saúde e Beleza se confundem nos atuais sentidos que são atribuídos ao corpo" (FERREIRA, 2006, p. 1) e que para ter uma compreensão da concepção de saúde e dos cuidados que são impostos pela "[...] sociedade urbana ocidental contemporânea [...]" é necessário dar atenção à "moda, a sedução, ao espetáculo e ao consumo" (FERREIRA, 2006, p. 1-2).

Utilizando os dados fornecidos pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) nos anos de 2001 e 2003, Ferreira (2006) apresenta o que constatou como aumento significativo das cirurgias estéticas e chama a atenção para a necessidade da discussão e inclusão deste assunto no âmbito da Saúde Pública. Dado que seu trabalho está voltado também para a análise do discurso, para melhor compreender esta temática esclarece que:

> As palavras e os enunciados não possuem sentido neles mesmos, o sentido é atribuído ou utilizado de acordo com o sujeito que fala, com o contexto da fala, sua situação, a posição que ocupa, sua posição diante dos valores aceitos socialmente, ou seja, os discursos são sempre determinados socialmente, eles não são neutros (FERREIRA, 2006, p. 4).

Neste caso, a referência feita ao sujeito que fala diz respeito aos enunciados e discursos que podem ser encontrados no site da SBCP "[...] que é a instância

reguladora do campo e tem o papel de dar o aval aos profissionais e às políticas de atuação do setor". (FERREIRA, 2006, p. 2).

O autor salienta que a construção dos sentidos do corpo é necessariamente inter ou transdisciplinar, e utilizando a metáfora da indisciplina como sendo uma característica do corpo afirma que as noções elaboradas sobre ele não podem caber em "[...] disciplinas rígidas ou limitadoras" (FERREIRA, 2006, p. 6) por ele ser fundamentalmente indisciplinado.

Ainda em relação aos discursos sobre o corpo o autor ressalta que estes traduzem conflitos que a todo o tempo são mantidos, reforçados, ampliados ou reformulados. Tais conflitos revelam a forma como, em diferentes momentos, são produzidos sentidos que visam tanto disciplinar quanto libertar o corpo, tanto ajustá-lo a um discurso que traduz uma estratégia de poder quanto libertá-lo dessas estratégias (FERREIRA, 2006, p. 6-7).

O autor afirma que o que liga o sujeito com o mundo é seu corpo e, é por isso que qualquer transformação que nele se produz consequentemente provoca a transformação nas relações sociais e vice-versa: "[...], o indivíduo modela seu corpo no diálogo com a sociedade" (FERREIRA, 2006, p. 45), ademais o autor argumenta que é por meio deste diálogo que se constrói também a imagem do corpo e esta nem sempre condiz com a que se tem do próprio corpo. A insatisfação com o próprio corpo é motivo recorrente para a procura pela cirurgia plástica, que é vista pelo paciente como o meio que pode resolver o defeito que provoca a insatisfação.

Outra ideia que Francisco Ferreira (2006, p. 56) traz sobre o corpo é a sua submissão à ordem política e social e citando David Le Breton (1992) que por sua vez se refere a Jean-Marie Brohm (1975) enfatiza que "[...] toda ordem política se impõe pela violência, coerção e constrangimento sobre o corpo, de modo que ordem política e ordem social se mesclam ao fazer do corpo seu campo de batalha (LE BRETON, 1992) ". O autor também faz referência ao que Michel Foucault (1987) enfatiza neste sentido da dominação e controle disciplinar dos corpos:

> Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (...) Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe (FOUCAULT, 1987, p. 119 *apud* FERREIRA, 2006, p. 64).

Desta maneira apresentamos as ideias que se tem do corpo a partir de diferentes abordagens e como a partir delas ele é moldado, modificado em um constante diálogo com a sociedade.

3.4 Corpo e imigração: diferentes abordagens do corpo nos estudos migratórios

Autores de diversas áreas de conhecimento vêm discutindo o tema do corpo na experiência migratória. A seguir serão apresentadas algumas abordagens às quais tivemos acesso mediante pesquisa bibliográfica.

Mancillas – López (2016, p. 146) apresenta sua discussão sobre os itinerários do corpo migrante propondo a ideia de corpo como "[…] unidade de análise para abordar itinerários e cenários que cruzam a experiência migratória". Tendo como recorte os imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo desenvolve seu trabalho com as trabalhadoras e trabalhadores da indústria têxtil. Sua proposta é a de traçar uma biografia coletiva dos corpos através dos lugares que estes imigrantes ocupam desde antes da sua mobilidade até o atual espaço em que se encontram.

A autora argumenta que é possível dar conta de uma biografia coletiva a partir da noção de corpo como sendo:

> El resultado de historias específicas y de tecnologías políticas que constantemente problematizan el estatuto, su lugar en el mundo social, en el orden cultural y en el dominio de lo natural. (…) Estas constelaciones históricas iluminan diseños políticos y economías de poder que, pasando por los cuerpos, apuntan a reconstruir la realidad social, su identidad, su lugar en el mapa social. (…) el cuerpo se convierte en un material que exhibe los dispositivos políticos y las series históricas que lo producen y transforman. (GIORGI, 2009, p. 68 *apud* MANCILLAS-LÓPEZ, 2016, p. 147)

Seu olhar para a economia capitalista posiciona o corpo destes imigrantes na cadeia produtiva a partir do que estes escrevem com e nos seus corpos construindo dessa maneira uma sociobiografia com base num itinerário comum, a indústria têxtil, que é um ramo marcado pela exploração, principalmente da mão de obra imigrante.

À autora interessa colocar em destaque a vida dos e das imigrantes considerando:

> […] aspectos vitales, dimensiones corporales, el estado de su salud, y también sus jornadas dentro del taller -que es su casa- para trazar un perfil de su condición de vida a partir de las intersecciones de su cuerpo con las relaciones de género, con la explotación, y otras dinámicas como la residencia migrante (MANCILLAS- LÓPEZ, 2016, p. 147).

Mancillas - López (2016, p. 147) faz o seguinte questionamento: “[...] ¿Cuál es entonces el valor heurístico de estos cuerpos en una localidad receptora de migrantes?”

Para sua análise, a autora toma a noção de itinerário corporal, que conforme Mari Luz Esteban consiste em:

> [...] procesos vitales individuales, pero que nos remiten siempre a un colectivo, que ocurren dentro de estructuras sociales concretas, y en los que damos toda una centralidad a las acciones sociales de los sujetos, entendidas éstas como prácticas corporales. El cuerpo es considerado, por tanto, un nudo de estructura, y acción el lugar de la vivencia, el deseo, la reflexión, la resistencia, la contestación y el cambio social, en diferentes encrucijadas económicas, políticas, sexuales, estéticas e intelectuales. (ESTEBAN, 2004, p. 54 *apud* MANCILLAS-LÓPEZ, 2016, p. 148)

A autora propõe um olhar para o percurso dos corpos considerando o lugar de origem, no caso do trabalho de Mancillas-López (2016), a Bolívia, a mesma salienta a necessidade de observar como as corporalidades foram sendo construídas no processo de cidadania desenvolvido no decorrer do exercício político que se caracteriza por estar marcado por uma nova escrita da sua história.

Conforme a autora mexicana valeu-se do método biográfico justificando sua escolha pela pertinência e o alcance deste método ao permitir a aproximação do fenômeno migratório de maneira que possibilita abranger a experiência no tempo e no espaço dos indivíduos como também de ter uma ideia geral de eventos específicos como um todo da vida dos mesmos (VELASCO; GIANTURCO, 2012, p. 119 *apud* MANCILLAS - LÓPEZ, 2016, p. 148).

A autora traz a noção de metáfora corporal empregada pela socióloga boliviana Cecilia Salazar, segundo a qual a metáfora corporal pretende apontar para as formas em que as representações interiores e exteriores utilizado pelos falantes de uma língua do Estado plurinacional fazem parte do processo de diferenciação social das populações indígenas nos diferentes momentos do processo de modernização na Bolívia (MANCILLAS-LÓPEZ, 2016, p. 150).

A partir do antropólogo Cliffort Geertz, a autora ressalta a dependência do homem dos símbolos e dos sistemas de símbolos segundo os quais se dá sentido à vida, se fazem as proibições e as permissões, se incluem e se exclui, se hierarquiza e se avalia; sendo assim considera a dimensão da autopercepção que é subjetiva mediante a qual se projeta a identidade a partir de ordens simbólicas. Com base nesta proposta, Mancillas-López (2016, p. 151) acrescenta a necessidade de pensar as ordens simbólicas no processo de cidadania, onde também aparece a necessidade

de categorias analíticas que dêem conta de nomear os processos culturais corporizados.

Depois de introduzir a discussão sobre o itinerário do corpo no país de origem, a autora discorre a partir da perspectiva da *colonialidade* proposta por Aníbal Quijano (2007) para tratar das relações de trabalho nas quais se inserem os e as imigrantes bolivianos. Na concepção do autor, a *colonialidade* é:

> Uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial del poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial / étnica de la población (…) opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas de la existencia cotidiana y a escala social. (QUIJANO, 2007, p. 285 *apud* MANCILLAS - LÓPEZ 2016, p. 152-153)

Considerando esta abordagem, Mancillas-López (2016) afirma que as complexas relações de trabalho no Brasil se baseiam na *colonialidade* internalizada pelos diversos setores da sociedade, sendo um deles os migrantes. No caso dos bolivianos e bolivianas a autora ressalta que este grupo de imigrantes se destaca por ser a mão de obra ocupada no setor das confecções, na indústria têxtil por ofertarem o seu trabalho a preços mais baixos, flexibilizando a sua oferta, o que permitiu a criação de um nicho econômico.

Conforme apresentado anteriormente, à autora interessa o itinerário dos corpos considerando os aspectos das dimensões corporais, o estado de saúde, como também as jornadas de trabalho dentro da oficina que é a unidade doméstica e espaço de trabalho ao mesmo tempo, as condições de higiene e de superlotação são características da maior parte das moradias, afirma a autora.

Estas condições contribuíram para a visibilização da comunidade boliviana dada a proliferação de tuberculose devido às más condições de higiene e inalação de produtos químicos desprendidos dos tecidos. As referidas circunstâncias revelam uma doença social, afirma Mancillas- López (2016, p. 154) que se caracteriza pela desigualdade marcada e determinada pela localidade de recepção, pelas clivagens de classe, nacionalidade e raça.

A mexicana retoma a reflexão de Quijano para abordar a exploração dos corpos, a naturalização das relações de poder no regime capitalista global conforme segue: “[...] en la explotación es el cuerpo el que es usado y consumido en el trabajo, la mayor parte del mundo, en la pobreza, el hambre, la malnutrición, en la enfermedad”. (QUIJANO, 2007, p. 324 *apud* MANCILLAS - LÓPEZ, 2016, p. 155).

Desta maneira é possível pensar na corporeidade e nas práticas corporais dos imigrantes a partir da fragmentação dos seus corpos explorados.

O evento biográfico destes corpos marca especificamente a cidade de São Paulo caracterizada pela presença e trabalho migrantes no desenvolvimento da cidade. A experiência migrante manifesta pelo lugar que estes corpos ocupam na cadeia produtiva permitem visibilizar a escravidão contemporânea que é exercida sobre este grupo nacional específico que é a população boliviana, tal efeito tem gerado respostas como estratégias dos membros desta comunidade que têm tido acesso aos espaços tanto na da vida política como na vida cultural de dito município.

O trabalho de Nunes (2018) foi desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica, seu objetivo foi "compreender o fenômeno migratório a partir do corpo como expressão cultural" sob a perspectiva da Psicologia cultural em diálogo com a fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty segundo seu conceito de corpo. O trabalho apresenta a relação entre a cultura e o corpo migrante.

O autor afirma que "[...] por trás do fenômeno visível, encontramos pessoas de diversas realidades culturais, que trazem entre as bagagens e pertences uma grande riqueza cultural impressa no seu corpo" (NUNES, 2018, p. 351)

A síntese do trabalho é a afirmação de que "[...] o imigrante traz no seu corpo uma rica bagagem cultural (gastronomia, crenças, novo vocabulário, modos de vestir, contribuição laboral etc)" a partir da perspectiva da psicologia cultural e da fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty (NUNES, 2018, p. 352)

Merleau-Ponty (1975) define o corpo humano como corpo-consciência onde a percepção cumpre um papel fundamental já que é pela percepção que se revelam os objetos ou se manifestam em sua presença, sendo assim, é pela percepção que conhecemos as coisas, "[...] a consciência é estar na coisa por intermédio do corpo" (MERLEAU-PONTY, 1971 a, p. 149-150 *apud* NUNES, 2018, p. 352).

Na noção de corpo proposto pelo filósofo a consciência se corporifica, portanto, existe uma unidade entre corpo e consciência e tal unidade gera uma interdependência entre eles, afirma Nunes (2018, p. 352).

O autor assevera que Merleau-Ponty (2006) sustenta a ideia de que o corpo humano não é um corpo-objeto e sim corpo-sujeito, corpo-próprio. Este corpo-próprio diz respeito ao ser no mundo, ou seja, ele não é uma parte, ele é o próprio ser, sendo assim, afirma Nunes (2018, p. 353) que: "[...] O ser humano é seu corpo". A partir deste

argumento, Nunes (2018, p. 353) indica que “O corpo é o lugar pelo qual o ser humano se faz presente ao outro e ao mundo. É um ser de percepção, que percebe e é percebido [...] Um ser que se move em direção ao outro [...]”.

De acordo com o filósofo “[...] perceber é tornar algo presente a si com a ajuda do corpo” (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 76 *apud* NUNES, 2018, p. 253), é pelo corpo que se vê as coisas no mundo, é por ele que nos relacionamos com o mundo e conosco mesmos. Esta relação ou contato com o mundo e nós se dá mediante uma cultura, afirma Merleau-Ponty (2006), assim corpo e cultura se inter-relacionam.

O corpo está ligado ao mundo pois é nele que existe e ligado ao mundo liga-se a uma cultura, o que envolve a abertura ao outro, ou seja, a alteridade. “[...] Eu sou corpo e tudo que faço está em função de um certo exercício corporal, que expressa o ser pessoa”, afirma Nunes (2018, p. 354).

Com base nas definições e afirmações apresentadas o autor assinala para a ideia do corpo do imigrante no qual se encerra “[...] toda a complexidade e riqueza cultural que envolve o ser humano. O imigrante traz em seu corpo, suas dores, suas angústias e incertezas, mas traz também sonhos, projetos e esperanças de um recomeço” (NUNES, 2018, p. 354).

A partir da ideia de Merleau-Ponty que considera o corpo-sujeito, o corpo inserido na cultura, Nunes (2018, p. 354) aponta para a reflexão sobre o corpo no contexto migratório e ressalta que “[...] refletir sobre a corporeidade é indispensável para entender a cultura”.

Compreender o corpo como expressão da cultura permite que a figura do imigrante seja também compreendida a partir de sua cultura. A cultura de acordo com o filósofo “[...] pode ser definida como o conjunto das atitudes tacitamente recomendadas pelas sociedades ou pelos grupos nos quais vivemos, atitudes que estão inscritas na ordem material da nossa civilização” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 377b *apud* NUNES, 2018, p. 354).

Ampliando a ideia sobre o corpo como expressão da cultura, Nunes (2018) recorre também a Santos (2016) segundo o qual:

> Seria preciso compreender que o corpo passaria a ser visto como a expressão da cultura, pois representa elementos específicos como valores, normas e condutas da sociedade em que o indivíduo está inserido, e que os gestos

> executados pelo homem, o modo como se comporta corporalmente, o tipo de atividade que escolhe, são ações influenciadas pela cultura (SANTOS, 2016, p. 258-259 *apud* NUNES, 2018, p. 354)

A partir das ideias propostas por Merleau-Ponty em sua filosofia fenomenológica sobre o corpo, Nunes (2018) desenvolve uma compreensão do homem na perspectiva de sua complexidade cultural.

Por outro lado, o autor recorre à psicologia cultural segundo Jacob A. Belzen para apresentar a relação da cultura e o corpo do imigrante. De acordo com Nunes (2018), a escolha pela abordagem da psicologia cultural deu-se em razão desta permitir "[...] que o pesquisador fique o mais próximo possível da realidade vivida pelas vidas dos seus sujeitos, buscando, até por necessidade, a colaboração de outras abordagens que tentam interpretar essas vidas e suas vicissitudes" (BELZEN, 2010, p. 17 *apud* NUNES, 2018, p. 355-356), portanto, através desta perspectiva aborda sua questão central que é a experiência migratória por meio do corpo.

Na referida abordagem a cultura é compreendida como "[...] um campo de ação cujos conteúdos são objetos feitos e usados pelos seres humanos até as instituições" (BELZEN, 2010, p. 77 *apud* NUNES, 2018, p. 356), neste sentido o ser humano cria padrões culturais que dizem respeito ao agir, o pensar, o experimentar que são produzidos, "[...] adotados e promulgados por certo número de indivíduos agindo em conjunto. Tais padrões são supraindividuais (sociais), e não individuais são artefatuais, e não naturais" (BELZEN,2010, p. 82 *apud* NUNES, 2018, p. 356).

De acordo com Nunes (2018), Jacob Belzen afirma que a "[...] relação entre o ser humano e sua cultura, não é algo natural, mas histórico" (BELZEN, 2010, p. 61 *apud* NUNES, 2018, p. 356) em dois sentidos. Por um lado, no sentido da cultura em que foi moldado considerando seu estágio de desenvolvimento, e por outro lado do ponto de vista de "[...] um contexto particular histórico-cultural" (BELZEN, 2010, p. 61 *apud* NUNES, 2018, p. 356).

Na psicologia cultural de Belzen (2010) o estudo do ser humano pode ser abordado tanto a partir da cultura como do corpo, sendo assim "[...] há uma ampliação do conceito de cultura quando a abordagem histórica leva em conta também o corpo humano" (NUNES, 2018, p. 356). Com base nesta afirmação, Nunes (2018) sustenta a ideia da bagagem cultural do corpo do imigrante e a necessidade de acolhimento e valorização da mesma. Na bagagem cultural, Nunes (2018) aponta para a

gastronomia, a arte (música, dança, pintura), escultura, arquitetura, modos de vestir, vocabulário, crença, religião e religiosidade.

O autor também cita Belzen (2010), que por sua vez faz referência a Merleau-Ponty (1945) para se referir a *intencionalidade* do corpo a partir das práticas que o moldam e ao modo de vida ao qual pertence. A *intencionalidade* do corpo, portanto, "[...] impulsiona o ser humano a buscar caminhos para o diálogo entre culturas, acolhendo o diferente e valorizando sua riqueza cultural" (NUNES, 2018, p. 357).

Ishimori (2005, p.4) dá importância [...] às características corporais como uma forma de diferenciação entre as pessoas no Brasil a mesma autora afirma que:

> "[...] a distinção étnica no Brasil faz com que o fenótipo, certos traços físicos como o formato do rosto e corpo, tipo de cabelo, a coloração da pele etc., se transformem nas principais variáveis de distinção e até de discriminação" (ISHIMORI 2005, p.5).

A autora pretende evidenciar e contextualizar como são construídas a forma que os brasileiros dão sentido e significado às características fenotípicas dos indivíduos.

Ishimori (2005) situa esta construção da diferenciação em dois períodos, o século XIX e XX nos quais se insere a discussão sobre a teoria científica do branqueamento e as ideias sobre a miscigenação em que destaca a obra de Mário de Andrade e Gilberto Freyre e ressalta que o aspecto físico é uma dimensão onde se operam as distinções entre as pessoas.

A autora cita Oliveira (1999) quem encontra a explicação no "mito das três raças" no qual os *nikkeis* não se inserem, o motivo pelo qual não são considerados brasileiros ponderando o fator do aspecto físico como o elemento que leva a cogitá-los como estrangeiros sem avaliar por exemplo o grau geracional ou a distância que se encontram culturalmente do Japão. Os "olhos puxados" são o traço fenótipo que os denunciam como não brasileiros.

Ishimori (2005, p.6) retoma Tsuda (2000) para afirmar que a distinção étnica no Brasil opera pela "[...] fisionomia, cores de pele, e aparência, a fenotipia se tornou crucial para a compreensão dos *nikkeis* no Brasil". No caso dos japoneses e seus descendentes são seus olhos a principal marca que revela a sua descendência, assim esta característica corporal é associada de maneira significativa aos japoneses do Japão sem distinguir os seus descendentes no Brasil.

A autora também salienta que as características corporais dos descendentes de japoneses:

> "[...] determinam em grande medida as formas das pessoas se relacionarem com os descendentes e as expectativas que elas possuem deles. Estas significações que vão sendo configuradas pelos indivíduos de maneira particular compõem estereótipos, tornam-se balizadores de valores éticos, estéticos, de preferência e de classificação nos modos de conceber e se relacionar com os outros" (ISHIMORI 2005, p.6)

Por outro lado, Ishimori (2005) ressalta que os descendentes japoneses por sua vez também configuram os sentidos e significados aos seus traços fenotípicos que constituem sua forma particular de ser, de agir e de sentir.

A autora relata que a vinda dos japoneses ao Brasil se situa nos períodos mencionados anteriormente (a do branqueamento e a da ideia sobre a miscigenação) o que trouxe consigo uma marcada discussão com matizes discriminatórios da parte da população brasileira. Tal discussão ganha força no momento da II Guerra já que Brasil e Japão combatiam em lados contrários. Nas décadas de 1960 e 1970 isto começa a mudar uma vez que o Japão passa a ter destaque no cenário mundial e é visto como sinônimo de modernidade e progresso o que levou a uma mudança no olhar sobre os nipo-brasileiros.

De acordo com Ishimori (2005) numa reportagem realizada por Rosana Zakabi em 2002 traz a matéria das modificações corporais que é o tema desta pesquisa praticada pelos orientais brasileiros através das cirurgias plásticas ocidentalizadoras que tem por objetivo apagar os traços orientais. Segundo a autora um dos cirurgiões entrevistados na reportagem dizia que "O ser humano tem necessidade de ser aceito onde vive (...) Ter um corpo dentro dos padrões sociais faz com que ele se sinta mais integrado" (ZAKABI apud ISHIMORI, 2005, p.8).

Os traços orientais que são tratados nas referidas cirurgias são os olhos para diminuir seu aspecto inchado, o afinamento do nariz e próteses na batata da perna, nas mamas e nádegas, desta maneira, afirma a autora que os descendentes orientais se aproximam da cultura ocidental não apenas pelo comportamento, mas também pelo corpo já que os mesmos são considerados ainda estrangeiros pelos seus traços corporais. Ishimori (2005, p.9) questiona os sentidos e significações que os "[...]adolescentes nipo-brasileiros insatisfeitos com seus corpos dão à sua fenotipia tão característica".

A autora discorre a partir da Psicologia Sócio-Histórica que tem sua base na Psicologia Histórico-Cultural de Lev Vigotski que por sua vez se fundamenta no materialismo histórico e dialético para definir o que é a corporeidade, para isso recorre à definição dada por Kolyniak (2002) segundo o qual "[...] O homem dá sentidos e significados ao seu corpo e suas manifestações, isso constitui um processo denominado corporeidade" (ISHIMORI, 2005, p.48).

> [...] A corporeidade, como ser no mundo, pressupõe um corpo que nasce inacabado, e que se completa na relação sócio-cultural, superando as determinações instintivas animais. Desta forma, ocorre um processo de humanização, cujo sentido é a *emancipação* da simples condição animal, que dá ao humano o significado de ser essencialmente histórico e cultural (KOLYNIAK apud ISHIMORI, 2005, p.48).

De acordo com Ishimori (2005), para Kolyniak (2002) na perspectiva do materialismo histórico e dialético o corpo e a psique são âmbitos diferentes, porém um, não pode ser compreendido sem o outro. Ainda segundo Helena Kolyniak o corpo se transforma em corporeidade a partir da relação que o homem tem com a realidade na qual está inserido junto com sua consciência, sua percepção e sua ação. Dessa maneira, afirma a autora, a corporeidade é a síntese do corpo, psique e o mundo externo.

Também conforme Ishimori (2005) do ponto de vista de Kolyniak (2002) a corporeidade é um processo individual e ao mesmo tempo social:

> "[...] onde os sentidos e significados atribuídos socialmente ao corpo e suas manifestações (corporeidade social) vão sendo configurados de maneira individual, para a construção e afirmação do indivíduo sobre si mesmo e sua imagem corporal. A corporeidade sofre transformações no decorrer da história e assim os indivíduos também se transformam, e ao se transformarem, os homens também geram modificações nas simbolizações referentes ao corpo e suas manifestações" (ISHIMORI, 2005, p.49)

Ishimori (2005) afirma a partir de Kolyniak (2002) que a corporeidade é um processo iniciado desde o nascimento, em dito processo o corpo vai se tornando corporeidade e vai se construindo uma identificação e uma auto-identificação que envolve a ideia de pertencimento a um grupo, uma sociedade e a uma cultura. Sendo assim, a autora propõe esclarecer sobre os sentidos e significados que os adolescentes *nikkeis* dão à vivência de seus corpos a partir de suas corporeidades.

Para isso questiona a partir do que chama de determinações que compõem a constituição de suas corporeidades como são a incorporação da história da imigração japonesa no Brasil, a maneira em que se teceram as formas de diferenciação das

pessoas no Brasil, como é visto atualmente o corpo, como é vivenciada a experiência da biculturalidade destes adolescentes, seus sentimentos no que se refere à identidade étnica e nacional e como são suas relações com a sociedade brasileira. A relação entre estas determinações segundo a autora é que levará a compreender como os adolescentes *nikkeis* se percebem a si mesmos em seus corpos.

O marco teórico do trabalho de Ishimori (2005, p.51-52) se baseia na Psicologia Sócio-Histórica que encontra seus fundamentos no materialismo histórico e dialético, a partir do qual o comportamento e a consciência passam a ser estudados como processos em movimento e transformação.

Para a Psicologia sócio-histórica:

> [...]. Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: Esse é o requisito básico do método dialético. Numa pesquisa, abranger o processo de desenvolvimento de uma determinada coisa, em todas as suas fases e mudanças - do nascimento à morte - significa, fundamentalmente, descobrir sua natureza, sua essência (VIGOTSKI apud ISHIMORI,2005, p.72)

De acordo com os dados da entrevista cedida a Ishimori (2005, p.73) uma das entrevistadas relata sua percepção corporal a partir do olhar do outro, por exemplo, se percebeu como "*japonesinha"* em consequência de um comentário na escola e desde então passou a perceber-se diferente em seu corpo. Tal diferença para a entrevistada é um fator negativo já que a ideia que se tem dos japoneses é que eles não são "legais", logo ela é vista como uma pessoa não legal, relata. No caso da entrevistada, ela passou por cirurgia plástica nos olhos para a realização das dobras das pálpebras como uma forma de atenuar os traços do olho japonês.

Quando se trata de abordar as relações étnicas Ishimori (2005, p.76) recorre a Berry (2004) para apontar o aspecto psicológico que envolve "[...] a percepção das diferenças entre os grupos envolvidos, isto é, dos estereótipos", sendo assim a ideia de que os *nikkeis* são todos iguais é socialmente construída o que leva ao mesmo tempo a uma percepção de si mesmo, a se identificar ou distanciar dos outros. Em relação ao corpo, afirma Ishimori, ele ganha significado quando é visto a partir da interação.

O corpo japonês ou oriental, ressalta Ishimori (2005, p.77), pelas suas características não passa despercebido e "[...] nesse sentido, os conceitos construídos sobre a etnia ganham um espaço maior na interação entre as pessoas", estes

conceitos diz a autora, tem a ver tanto com o que o próprio indivíduo constrói quanto os outros constroem. Tais conceitos também fazem com que os indivíduos sejam classificados como sendo todos iguais e não como pessoas na sua individualidade.

A autora ainda retoma o que é a corporeidade como um processo segundo Helena Kolyniak em que:

> [...] consolida-se na imagem corporal que construímos de nós mesmo e que mostramos aos outros, frente à imagem que é refletida pelo grupo social, com qual podemos ou não nos identificar, transformando desta forma nossa própria imagem e apresentação. Nesse processo, a auto-imagem e a imagem que os outros refletem determinam-se reciprocamente, numa relação construída na história vivida. Todo esse processo de transformações, de aprendizagem, de diferenciação que determinam e são determinadas pela auto-identificação, pela identificação com o outro, pelo sentimento de pertencimento, terminam apenas com a nossa morte, quando deixamos de ser uma corporeidade, para voltar a ser, por definição um corpo -mas um corpo marcado pela história (KOLYNIAK apud ISHIMORI 2005, p.100)

A onde pertence meu corpo? Ou melhor, de onde é o meu corpo. Se pode situar o corpo a algum lugar de pertencimento em se tratando do imigrante?

Ishimori (2005) aborda a questão da dimensão corporal de adolescentes *nikkeis* que se mostraram insatisfeitos com seus traços fenótipos. Suas entrevistadas relataram ser o rosto a parte do corpo que lhes denunciam como estrangeiras embora elas sejam descendentes de japoneses. Sobre o rosto que causa estranhamento a autora recorre a Yamamoto (1999) que diz:

> O rosto é a mais noticiável inscrição da parte de nosso corpo. O mundo nos conhece pela nossa face, que é a mais nua, a mais vulnerável, exposta e mais significante topografia do corpo. Quando nossa ‘cara’ não corresponde a imagem que a nossa família ou comunidade quer que vistamos (...) nós experienciamos ostracismo, alienação, isolação e vergonha. (YAMAMOTO apud ISHIMORI, 2005, p.109)

Desta maneira autora discorreu sobre o corpo a partir das significações que dele fazem as adolescentes japonesas e afirma que abordar os significados é tratar da corporeidade. Tais significados foram construídos a partir da relação que existe entre a imigração japonesa e suas vivências como descendentes *nikkeis* entre os próprios *nikkeis* e os brasileiros. Situação semelhante pode ser observada desenvolvida por Ennes (2001) em que relata que Cristina, uma descendente de japoneses, embora fisicamente carregue todos os traços de um japonês, ela não era vista como tal pelos acessórios e o tipo de roupas que usava. De acordo com o autor isto também a levou a se desobrigar de questões que dizem respeito às formalidades e tradições.

A abordagem de Vale (2007, p.55) sobre o corpo no contexto migratório tem a ver com a experiência de transgêneros e a sua construção de feminilidade. O autor afirma que uma vez iniciado o processo de feminilização por meio de silicone, próteses e hormônio começam a viver a transformação de seus corpos com a qual precisam aprender a lidar e negociar juntamente com a injúria e violência no mundo social.

A migração para estes sujeitos aparece muitas vezes como uma oportunidade de fugir da miséria e da violência ou como uma forma de encontrar liberdade longe do Brasil onde se relata haver maior violência contra eles:

> [...] A itinerância (deixar a casa dos pais, mudar de cidade ou de país) constitui-se como condição por excelência para levar adiante o "processo de feminilização". Se a transgressão de fronteira – especialmente mediada corporalmente – é característica dessa experiência, no caso da migração, esse deslocamento territorial assume um sentido específico, tanto no que se refere aos processos migratórios (...), como na constituição da subjetividade travesti e transgênero (VALE,2007, p. 61)

Saraiva (2015) aborda a partir da morte o papel do corpo na manutenção da relação com o espaço de origem por meio de rituais funerários transnacionais, isto é, de acordo com a perspectiva transnacionalista, ideia "[...] remete aos múltiplos e permanentes laços sustentados entre o país de 'origem' e o país de 'acolhimento', nas facetas econômicas, políticas e culturais [...]" (SARAIVA,2015,p.154) a autora discute os rituais funerários dos imigrantes guineenses em Portugal que envolve a circulação de bens do defunto ou dentro do possível a repatriação do corpo para o lugar de origem.

Estes rituais são mantidos através da mobilização do universo simbólico onde se reforça a ideia da manutenção da pertença ao local de origem, assim o papel do corpo entende-se a partir desta ideia de pertença.

Simone Hashiguti (2008) discute o tema do corpo a partir da perspectiva da linguagem. O corpo do qual trata é o corpo dos descendentes japoneses no Brasil, analisa seus gestos, as formas de nomeação como também aborda a história da imigração japonesa no Brasil. O que interessa em seu estudo é a transformação do ser biológico em sujeito simbólico.

Citando Orlandi (2005), a autora afirma que "[...] o indivíduo é o ser biológico que, ao entrar na linguagem e ser afetado pelo simbólico e pela história, se subjetiva e se vincula radicalmente ao simbólico" (HASHIGUTI,2008, p.33). Nesse sentido seu

olhar para o corpo tem a ver com o olhar para o corpo que é *sujeito de linguagem.* Isto é, o corpo e a representação imaginária que se tem do corpo é o que lhe determina o sentido que, segundo a mesma, funciona como *espessura material significante.*

A visibilidade do corpo é o que discursivamente posiciona o sujeito:

> [...]. Compreendido como espessura material significante, o corpo é a forma, o espaço e o texto nos quais o sujeito se simboliza, se representa e é representado, é a linguagem em toda sua força constitutiva no sujeito, em seus aspectos de opacidade, de contradição, de equivocidade. (HASHIGUTI, 2008, p.71)

Para Hashiguti (2008) [...] O corpo é sempre corpo de uma sociedade (HASHIGUTI, 2008, p.9) ou seja, é resultado das relações sociais mediadas pela linguagem. Em outra ocasião diz que [...] O corpo como material de linguagem, social e simbólico produz sentidos e é significado em processos complexos de memória que dizem respeito à subjetividade, à história, à sua espacialização (HASHIGUTI, 2008, p.2).

A respeito de como opera o discurso, a autora diz como segue:

> [...] O corpo sempre está presente na identificação como marca do sujeito, como o próprio sujeito. Por ele, se é “monstro”, “humano”, “deficiente” ou “normal” na história. O que o desloca de uma posição para outra são os discursos e os olhares que eles possibilitam, as políticas sociais que se constituem como seus efeitos e que o organizam no espaço (HASHIGUTI, 2008, p.24).

De acordo com Simone Hashiguti, as pesquisas na área das Ciências Sociais apontam para “[...] o corpo do indivíduo social, e não o do sujeito de linguagem” (HASHIGUTI,2008, p.32) o que significa que ele é um elemento de controle e de administração que tem seu significado pelas formas que se apresenta e se move, que marca as diferenças e limites sociais e também econômicos de maneira não verbal que é mantido por um determinado sistema de governo, sendo assim o corpo aí tem um lugar social.

Para a autora, a corporalidade faz referência ao que chama de presença virtual do sujeito que é construído a partir da linguagem verbal ou de outras formas de linguagem, é o exemplo de um escritor, um narrador, um cantor que constroem imaginariamente o corpo virtual. Já “[...] o corpo, espessura material significante, é o corpo materialmente visível, que provoca efeitos de sentido exatamente pela sua materialidade, visibilidade” (HASHIGUTI, 2008, p.72)

Por sua vez Chiara Pussetti (2008) discute “[...] as ingerências com que os imigrantes se deparam quando o setor social intervém nas suas vidas – normatizando sua conduta, corporeidade e moral [...]” (PUSSETTI, 2008, p. 105).

A pertinência desta colocação está em mostrar até que ponto o corpo do imigrante é problematizado na experiência da mobilidade e desta forma apresentar outra possibilidade de reflexão sobre a imigração superando o olhar que trata o fenômeno apenas considerando sua implicância no campo econômico, jurídico-legal, demográfico etc.

Embora sua investigação não trate das modificações corporais e sim da ingerência de um setor de assistência social sobre o corpo do imigrante, foi considerada pertinente a exposição de suas reflexões devido a seu caráter elucidativo no referente à interseção temática entre a imigração e o corpo. Seu estudo parte da análise do setor de apoio social aos imigrantes em Portugal e como as políticas deste setor são um “[...] instrumento para gerir as populações migrantes, produzindo e agravando formas de dominação etnoracial” (PUSSETTI, 2008, p. 106).

O referido trabalho foi desenvolvido focando em dois grupos, os dos profissionais que trabalham nos programas de apoio social e os usuários dos mesmos que são os africanos residentes na Grande Lisboa. Este apoio social tem por finalidade educar, capacitar para a “emancipação” (PUSSETTI, 2008, p. 109) já que estes imigrantes são vistos como sujeitos incapazes de se autogerir, considerados “desprovidos de caráter moral” (PUSSETTI, 2008, p. 111) cujo comportamento seria regido por uma “patologia cultural” (PUSSETTI, 2008, p. 111) e segundo a autora, “[...] a intervenção social visa conduzir os marginais na direção de uma cidadania responsável“ (PUSSETTI, 2008, p. 112) e uma destas responsabilidades do cidadão se orienta para paternidade, maternidade responsável.

A autora realizou uma descrição destes sujeitos a partir das entrevistas feitas aos profissionais da área da assistência social e segundo estes, um dos maiores problemas que se apresenta neste grupo de imigrantes é a falta de planejamento familiar que por sinal é um elemento fundamental da “educação” para ser um bom cidadão.

Justifica-se que por questões culturais os africanos são difíceis de educar para o planejamento familiar e é aqui que se encontra o que a autora chama de “ingerência” do setor social na vida do imigrante. Relata nas entrevistas que várias mulheres que já contam com quatro ou cinco filhos na última gestação lhes foi proposto realizar o

parto cesariano, algumas sem compreender muito bem do que se tratava aceitaram e outras simplesmente foram submetidas ao procedimento de laqueadura das trompas.

Outra forma de controle do corpo dos imigrantes neste contexto se trata da colocação gratuita do implante anticoncepcional subcutâneo para as mulheres imigrantes, com isto os profissionais e técnicos dos programas sociais conseguem ter um melhor acompanhamento já que o implante tem validade de três anos o que supõe visitas periódicas ao ginecologista para o monitoramento de tal contraceptivo.

De encontro com este mesmo assunto, o trabalho de Pussetti (2008), embora não tenha relação direta com a temática de interesse da pesquisa, que é a reconfiguração identitária por meio das modificações corporais, seu aporte possibilitou pensar a interseção temática entre imigração e corpo a sob a ótica da submissão dos corpos à ordem política por meio das chamadas “etnopolíticas” que envolvem projetos, ideias e técnicas (entre elas se encontra o planejamento familiar) por meio das quais se produz a normatização da conduta, da moral e do corpo do imigrante para alinhá-los à sociedade de acolhimento de modo a serem bons cidadãos.

3.5 O corpo, suas modificações na sociedade contemporânea e no contexto migratório

A constante insatisfação com o próprio corpo e a busca por sua adequação passa pela modificação por diversos meios e este é o tema desenvolvido por Gomes (2011); seu aporte encontra-se no que se refere à sistematização das principais formas de modificação corporal na sociedade contemporânea.

De acordo com Gomes (2011, p. 241) “[...] a preocupação com o corpo dista de longa data [...]” e que na última década tem se dado um grande crescimento deste “[...] interesse pelas mais diversas modalidades de domínio e controle através de cuidados corporais, médicos, higiênicos, ascéticos e estéticos [...]” (GOMES, 2011, p. 241) que levam a uma nova forma de produzir as identidades. Considerando este assunto se colocará em questão a corporeidade, suas modificações e sua relação com a identidade.

O autor traz a reflexão sobre a identidade como sendo constitutivo da essência do indivíduo considerando que esta se forma em seu interior, no plano subjetivo, mas que hoje a “aparência, de fato, virou essência” (GOMES, 2011, p. 241) já que por meio da construção do corpo o plano subjetivo da identidade se traslada para a

materialidade corporal e como a aparência pode ser apreendida pelo “olhar do outro” é a partir dela que se define a sua identidade.

Assim, Sérgio Gomes (2011, p. 242) afirma que:

> [...] com o avanço do capitalismo, da sociedade de consumo, do império da moda e da publicidade, da ascensão da cultura da imagem e do espetáculo, do ideal de beleza e bem-estar físico e corporal [...] passamos a ser definidos pela nossa imagem, ou seja, ressaltamos nossa aparência em detrimento da nossa essência.

Nessa linha de raciocínio percebe-se a perspectiva essencializadora da identidade abordada pelo autor, postura que como mencionado em outro momento é criticada porque ela não consegue abranger a complexidade da discussão sobre a identidade, não que as demais propostas atinjam este objetivo, mas o olhar essencializador não permite perceber o dinamismo ou fluidez da identidade considerando o fator processual-relacional de sua construção, sendo assim, o que se pondera como relevante no trabalho de Gomes (2011) para esta pesquisa, é sua exposição das principais formas de modificações corporais na sociedade contemporânea.

O autor se apoia no conceito psicanalítico de “eu-pele”, pelo qual Anzieu mostra que esta (a pele) “[...] tem uma dupla função de sustentação para o psiquismo: uma sobre o corpo biológico e outra sobre o corpo social” (GOMES, 2011, p. 248). O corpo social é na opinião do autor aquele produzido por uma cultura determinando assim o desejo de um corpo segundo esta dispõe que deva ser e indica como se “[...] faz da superfície do corpo um território, um lugar, uma área fronteiriça entre natureza e cultura, interno e externo, eu e o outro, que é o domínio privilegiado das identidades [...]” (GOMES, 2011, p. 243).

O sentir bem com o próprio corpo, conforme se refere Gomes (2011, p. 244), passa pela construção de ideais de felicidade e é perseguindo estes ideais que os sujeitos têm submetido seus corpos aos ditames de uma cultura dominante na sociedade contemporânea, o que leva a transformação do modo com que o homem contemporâneo se relaciona consigo, com os demais e com o seu “eu” por meio do uso de seu corpo muitas vezes de forma excessiva seja este como “[...] objeto de arte, como modelo identificatório e narcísico [...]” (GOMES, 2011, p. 239).

Gomes (2011, p. 243) reúne em seu trabalho as principais formas de modificação corporal que mais se destacam na opinião do autor a partir da segunda metade do século XX:

> Cirurgias plásticas para aumento ou redução de determinadas partes do corpo; lipoaspiração; piercings, tatuagens [...], a indústria da moda, cujas roupas [...] formam uma espécie de “segunda pele natural”, identificando valores estéticos e coletivos; rígidas e variadas dietas de emagrecimento [...], fisiculturismo e diversas modalidades de ginástica; práticas mutilatórias, tais como próteses corporais, stretchin (abertura e alargamento de orifícios em determinadas partes do corpo - língua e orelha principalmente), cirurgias para redução do estômago, último recurso para pessoas que sofrem de obesidade mórbida, mas que na última década se popularizaram de tal modo que mesmo pessoas com sobrepeso têm lançado mão desse artifício cirúrgico; as formas mais comuns de patologias somáticas encarnadas na superfície do corpo ou de drogadição; a cultura do healthism ou bodysm, cujas ideologia e moralidade da saúde e do corpo perfeito fazem com que sejamos escravos da estética e da beleza; branding (queimar a pele) [...].

Cabe também mencionar aqui a observação de Gomes (2011, p. 250) sobre umas das modalidades mais simples e comuns de modificação corporal no contexto brasileiro, simples e comum no sentido de que sua prática não demanda grande investimento nem técnicas médicas ou de outras áreas afins, trata-se do bronzeado. A exposição ao sol para exibir um corpo bronzeado muitas vezes é tida como modelo saudável a imitar, e também afirma o autor que entre os mais jovens esta prática tem sido cada vez mais valorizada.

Outros apontamentos para compreender as ideias construídas sobre o corpo e suas modificações, Richard Miskolci (2006, p. 681) discute a questão da busca por adaptar o corpo seguindo os moldes de identidade impostos socialmente, o que tem levado a justificar e instituir diversas formas de controle dos corpos. Neste sentido afirma que disciplinar e normalizar o corpo tem suas consequências subjetivas, pois se trata de um “[...] assujeitamento psíquico-corporal [...]” (MISKOLCI, 2006, p. 689) e que neste processo a palavra-chave é adequação (MISKOLCI, 2006, p. 689).

Ademais o autor observa que adequar o corpo segundo os padrões estabelecidos se tornam cada vez mais inalcançáveis para jovens da classe menos favorecidas, isto passa a ser mais uma forma de exclusão devido ao custo que demandam as técnicas de disciplinamento como, por exemplo, exercícios extremos, dietas, consumo de suplementos alimentares e considerando que tudo tem o sentido da busca de uma aceitação social.

Além disso, sugere uma reflexão a partir de uma postura de resistência utilizando o argumento foucaultiano de uma estética da existência (MISKOLCI, 2006, p. 681) e, citando Margareth Rago afirma que esta questão consiste em:

> “Problematizar a relação estabelecida com o mundo, com o outro e consigo mesmo parece, assim, condição fundamental para que se possam abrir novas saídas mais positivas e mais saudáveis para o exercício da liberdade e a

invenção da vida" (RAGO, 2002 *apud* MISKOLCI, 2006, p. 689).

Segundo Richard Miskolci (2006, p. 681): "[...] vivemos na era do corpo como encarnação da identidade" e nisto encontra-se também uma convergência com o pensamento de Sergio Gomes. É importante atentar, no entanto, para o fato de que para este último autor a construção da identidade se encontra no plano subjetivo, isto porque sua abordagem parte dos estudos em psicanálise, expressando-se na materialidade do corpo. Já para Miskolci (2006) é ao contrário, o sujeito constrói sua identidade corporal a partir do que lhe é socialmente imposto logo tendo as suas repercussões na sua subjetividade, para ele "[...] a subjetividade está diretamente associada a materialidade do corpo" (MISKOLCI, 2006, p. 681).

Gilman (2005) aponta para a filosofia moderna como sendo a grande impulsionadora do indivíduo a se "refazer a si mesmo para encontrar a felicidade" (GILMAN, 2005, p. 63) e citando o aforismo kantiano "Tem a coragem de usar a tua própria razão" se refere à autonomia do indivíduo que seria o "[...] princípio fundamental que constitui a cirurgia estética" (GILMAN, 2005, p. 64).

Richard Miskolci afirma que a "infelicidade com o próprio corpo e, portanto com a própria identidade é muito comum em nossos dias" (MISKOLCI, 2006, p. 685) e que "a adequação corporal é a suposta porta de entrada para o mundo da felicidade" (MISKOLCI, 2006, p. 685) e Gilman (2005), em nota de rodapé em seu estudo sobre a história das cirurgias estéticas justifica o uso dos termos «feliz» e «infeliz» porque estes estão foram tomados da bibliografia psicológica e cirúrgica que existem sobre o tema neste caso, da cirurgia estética.

Todas estas formas de reconfiguração do corpo têm sido possíveis pelas descobertas ou aperfeiçoamento das técnicas, tal como Sander Gilman (2005) descreve ao fazer uma análise percorrendo pela história das cirurgias estéticas. Miskolci lembra que Gilman no contexto de sua abordagem afirma que "um dos perigos inerentes às técnicas de adequação corporal está no fato de que a beleza é culturalmente constituída e as formas que tornam o corpo adequado em uma época ou lugar podem mudar" (MISKOLCI, 2006, p.686).

Destaca-se também o texto bastante elucidativo que trouxe grande contribuição para o acercamento a uma das formas de modificação corporal que é a cirurgia estética ressaltando a sua prática no contexto migratório. Trata-se da abordagem histórica da cirurgia estética, onde Gilman (2005) apresenta a sua prática ligada às

modificações de traços étnicos datados no século XIX.

Segundo os registros da medicina consultados pelo autor não há época em que procedimentos médicos não tenham sido utilizados para melhorar a aparência, ademais mostra como diversos grupos étnicos pelas associações que se faz a eles, especialmente no contexto migratório, pode ser uma motivação para modificar seus traços fenótipos. Um exemplo das modificações por meio de cirurgias estéticas étnicas é o caso das mulheres iranianas que encontram na rinoplastia uma forma de “borrar” a característica que marca sua feição e que é associada ao fundamentalismo pelo qual o mundo se sente ameaçado e ao qual se atribui um rosto especifico.

Depois de discorrer sobre a história do desenvolvimento das cirurgias estéticas, Gilman (2005) fala da relação da etnicidade e cirurgias percorrendo pela história das cirurgias estéticas dos diversos grupos étnicos. A partir desse enfoque Sander Gilman faz os seguintes questionamentos:

> Além de procurar um lugar para morar, é necessário aprender o idioma local, vestir segundo o país de destino [...] O que acontece se não é suficiente mudar de comportamento, mas também se faz necessário mudar o próprio corpo para poder se adaptar? (GILMAN, 2005, p.112).

Este é o caso dos imigrantes irlandeses nos EUA utilizando-se deste procedimento pelo que “[...] deixavam de estar marcados como celtas para se transformarem em anglo-saxônico” (GILMAN, 2005, p.112). As características que delatavam o imigrante irlandês estavam nas orelhas e o nariz.

Gilman (2005) também menciona o cirurgião americano John Orlando Roe (1848-1915) que elaborou uma teoria pela qual dava a cada aspecto do nariz um significado e desta forma classificou o nariz em cinco tipos que poderíamos chamar de narizes étnicos, e são os seguintes: romana (força e poder), grega (refinamento), judia (habilidade para o comércio e desejo de lucro), chato (débil, falta de desenvolvimento), portanto, este último indicaria uma “raça degenerada” que por sua vez era a característica do “nariz celta”, daí a necessidade de transformação.

Na Alemanha esta transformação se deu no caso dos judeus também pelas características do nariz e orelhas, a questão dos afro-americanos nos EUA estava na cor da pele, o nariz e os lábios; no caso dos imigrantes caucásicos se tratava do excesso de pigmentação da pele etc. por todas estas características mencionadas os sujeitos passaram a procurar as cirurgias estéticas.

O outro grupo étnico ao qual o autor faz referência diz respeito ao Brasil, quem fora o presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica na década de 1990, atribuiu o fascínio brasileiro pela cirurgia estética “[...] à mistura de diferentes raças que se encontram no país o que pode provocar desequilíbrios físicos [...] o que ocorre, por exemplo, com o nariz que não combina com a boca ou os glúteos com as pernas” (GILMAN, 2005, p.121). Gilman (2005) também cita uma declaração de Ivo Pitanguy quem fora considerado o melhor cirurgião plástico do Brasil onde faz referência à importância que a cirurgia plástica pode ter na autoestima e que por tanto deveria de ser acessível à população.

Outros traços fenótipos que levam à procura das cirurgias dizem respeito aos olhos das mulheres japonesas as quais buscam o arredondamento dos olhos, este procedimento é conhecido como “ocidentalização”. Vale retomar aqui o caso apresentado por Karina Ishimori onde relata o caso de uma de suas entrevistadas, descendente de japoneses ter passado por cirurgia plástica nos olhos como uma forma de suavizar os traços do olho japonês.

Um fato importante a ser destacado é que a medicina tradicional japonesa não permite incisões no corpo e isto encontra seu fundamento na sua concepção de indivíduo considerado possuidor de uma constituição inata, o *taishitsu.* A Lei Médica de 1974 pelo que todos os médicos deveriam passar pela formação na medicina ocidental concedeu o privilégio de abrir ou alterar o corpo e seu *taishitsu.* Em 1975 foi reconhecida a cirurgia plástica como subespecialidade da medicina. Esta colocação permite uma aproximação da força com que os padrões estéticos culturais dominantes se impõem.

Outro grupo étnico que teve a atenção de Gilman (2005) foi o Vietnã onde traz à tona a influência do Estado, da política no quesito das modificações dos traços fenótipos. Depois da reunificação do país em1973 foi realizado um estudo minucioso da fisionomia e as características faciais dos vietnamitas que teve como finalidade oferecer aos cirurgiões estéticos “[...] um modelo adequado, não ocidentalizante” (GILMAN, 2005, 125). O autor afirma que esta medida acabou desaparecendo, mas na capital, Hanói só se passa pela transformação quando há um motivo razoável, os outros casos são encaminhados para o psiquiatra para, a partir do um aval médico se julgue a pertinência do procedimento.

Ainda dentro do controle do Estado sobre a autonomia pessoal, Gilman (2005) se refere a outro grupo étnico, a nova China capitalista onde a cirurgia estética passou a ser liberada após a morte de Mao TseTung e depois disto houve uma proliferação das cirurgias estéticas que inclusive eram oferecidos pelos salões de beleza o que obrigou novamente o estado a fiscalizar ditos estabelecimentos pois os procedimentos eram praticados por pessoas não qualificadas. O autor também comenta que uma façanha empreendida pelos chineses na linha das modificações corporais foi a de alongar suas pernas submetendo-se a uma complexa cirurgia onde se implanta uma estrutura artificial que mantém os ossos em movimento.

Entretanto de acordo com o autor a identidade étnica no mundo globalizado tem também encontrado uma forma de adaptação no sentido de que as modificações fenotípicas são entendidas a partir da ideia de melhoramento e não mais de inibi-la.

Ademais as principais ideias do trabalho de Ennes (2010) sobre este tipo de procedimento cirúrgico praticado por imigrantes e ainda tratando das cirurgias estéticas se encontra também outro trabalho de Ennes e Ramos (2017) sobre a questão específica focada pelos autores da pesquisa que são as reconfigurações identitárias por meio das modificações corporais com ênfase nas cirurgias estéticas étnicas.

Outra contribuição para o presente estudo foi a de Marcelo Ennes cujo enfoque está na formulação de “[...] uma hipótese de pesquisa sobre o uso de cirurgia plástica por imigrantes em dois cenários diferentes”, a transição dos séculos XIX para o XX e do XX para o XXI (ENNES, 2010, p. 163) nos quais a ideia comum sobre este tipo de procedimento cirúrgico se encontra em que este é um recurso diante da “[...] necessidade de ‘apagar’ marcas corporais que denunciam sua condição de estrangeiros e podem apresentar obstáculos no campo social e do trabalho” (ENNES, 2010, p. 163)

No primeiro cenário proposto por Ennes (2010) se tem o contexto de forte fluxo migratório, dado o desenvolvimento da nova configuração da ordem social, econômica e política. Onde emergem novamente os questionamentos sobre a origem do homem. Isto levou também a repensar a noção de raça e diz que:

> A referência à raça foi ainda fortalecida pela sua instrumentalização pelos Estados Nacionais em seu esforço de construção de uma identidade nacional associada à ideia de pureza racial [...] Nesse sentido, poderíamos entender que naquele momento, o recurso da cirurgia plástica era uma estratégia de ascensão social e de superação das fronteiras sociais e econômica impostas pela cor da pele, pelo tipo de nariz e de orelhas que ‘denunciavam’ seu

> pertencimento a nações e povos considerados racialmente inferiores (ENNES, 2010, p. 167).

O segundo cenário apresenta as mudanças que tem a ver com a nova compreensão e valorização das culturas, das questões raciais, onde "[...] o argumento predominante dentro e fora do mundo acadêmico, é o de que existe apenas uma raça humana, que comporta diferenças culturais e tais diferenças não podem ser tomadas como critério de hierarquização de sociedades ou culturas" (ENNES, 2010, p. 168).

Marcelo Ennes faz uma crítica à noção que se tem de "adaptação" quando esta é atribuída ao processo pelo qual o sujeito adere a uma nova identidade, pois, "[...] isto parece não dar conta das relações de poder nos quais os agentes sociais estão inseridos" (ENNES, 2010, p. 170).

Em outro trabalho, Marcelo Ennes e Natália Ramos (2017) apresentam a reflexão sobre as cirurgias estéticas étnicas que contribuíram na compreensão das modificações corporais por meio deste procedimento e mais especificamente a partir da contextualização desta prática em sua relação com a sociedade de consumo no âmbito da interculturalidade e sua ligação com as migrações internacionais.

Ennes e Ramos (2017, p. 188) introduzem a reflexão para o contexto migratório uma vez que esta conjuntura permite a produção de diversidade, ainda nas palavras dos autores "[...] o imigrante foi, na passagem do século XIX para o XX, a materialização da diferença étnica/racial, hoje, materializa a diferença cultural" (ENNES, RAMOS, 2017, p. 188). Os autores afirmam que uma visão negativa da diferença é motivada por teorias eugenistas e racistas e esta realidade é bem conhecida como também é sabido que no período referido acima a supressão da diferença revelada pelos fluxos migratórios deveria se efetivar ou pela via da assimilação ou eliminação, e as consequências desta última é bastante conhecida na história.

Os fluxos migratórios, como todo fluxo, têm sua força e nele se consolidaram as afirmações das identidades como sendo um direito, se pode dizer, um direito à diferença. Ennes e Ramos (2017, p. 189) argumentam que a evidência dos imigrantes continua sendo manifesta em muitos casos pelos seus traços étnicos, e na proposta dos autores esta realidade deve ser abordada a partir três categorias analíticas e a interseção entre elas, estas são: a imigração, o consumo e o interculturalismo.

Os autores trazem a discussão da interculturalidade como sendo uma categoria que se encontra nas políticas de integração da Espanha e Portugal, países em que se

desenvolveu a pesquisa que originou o presente trabalho. Em ambos os países, porém, o “termo intercultural é ausente nos discursos das autoridades, do nome dos órgãos públicos e da legislação que trata do tema” (ENNES, RAMOS, 2017, p. 190).

Seguidamente os autores apresentam as cirurgias plásticas estéticas e o que motiva o consumo deste tipo de procedimento, para isso citando Baumam (2008) e Santos (2013) que identificam tais motivações estimuladas pela sociedade de consumo em que a estética e a cosmética não mais são consideradas necessidades supérfluas. A sociedade pós-moderna, afirmam Ennes e Ramos (2017, p. 191) citando vários teóricos, caracteriza-se pelas “forças descentralizadoras de identidades” e mencionam que entre os teóricos citados o imigrante é considerado na categoria de sujeito pós-moderno por viver o processo descentralizador da sua identidade.

Ainda Ennes e Ramos (2017) citam Santos (2013) para fazer referência aos avanços científicos e de como se orientam a suas aplicações, o corpo humano será “em curto prazo” transformado em mercadoria relacionando-o desta forma com o papel que exerceu o automóvel no capitalismo da era fordista. A propósito da menção do corpo como mercadoria, vale também aqui ressaltar neste contexto, mas no sentido bourdessiano, o conceito de capital (corporal), o que Francisco Ferreira destaca quando aborda o lugar de destaque que o corpo ocupa já que:

> Ele é uma forma de capital que define e é definido pelo meio social, através dele se produzem novos códigos e se reproduzem antigos códigos de valorização e status. Suas possibilidades estéticas permitem transitar por diferentes posições na hierarquia social, alterando e definindo trajetórias afetivas, pessoais, profissionais ou sociais, criando novos espaços na ordem social, produzindo novas formas de distinção social [...] (FERREIRA, 2006, p. 115)

Retomando a atenção para o que é de interesse da pesquisa sobre as modificações corporais, a relação das cirurgias plásticas se classifica basicamente em estéticas e reparadoras. Segundo Ennes e Ramos (2017), é difícil determinar por consenso quando elas são consideradas estéticas ou reparadoras já que elas estão vinculadas às políticas de saúde de cada país e daí a questão de elas serem incluídas ou não nos sistemas públicos de saúde.

Os autores acima referidos, citando Gilman (2005), apontam para as cirurgias estéticas étnicas como um tipo de procedimento que se encontra nos registros históricos da medicina, portanto este fenômeno não pode ser compreendido apenas como uma prática característica da pós-modernidade.

Um dado bastante relevante apresentado por Ennes e Ramos (2017) a partir

das entrevistas concedidas pelos médicos cirurgiões plásticos é que pode-se perceber também uma descentralização do modelo de rosto europeu ou ocidental de rosto, por exemplo. Tais profissionais se referem a cirurgias “africanizadoras” que são procuradas pelas mulheres ocidentais e que tem a ver com o aumento dos lábios, dos glúteos, das mamas tendo como parâmetro a mulher africana.

Outra colocação importante levantada por Ennes e Ramos (2017) no contexto dos países onde foi aplicada a pesquisa é a motivação que leva o sujeito a buscar se submeter a este tipo de procedimento. Os mesmos revelam que a procura por emprego, a aspiração de ser ascendido em sua carreira, o aumento da autoestima e o bem-estar.

Segundo os autores, na ótica dos médicos entrevistados as mudanças por meio das cirurgias estéticas estão muito ligadas ao bem-estar e a autoestima apontando que estes dois fatores têm repercussão direta na relação com seu desempenho no emprego, por exemplo, já que um indivíduo que se sente bem consigo mesmo é mais produtivo, mais ativo e daí pode vir a possibilidade de ascensão no cargo.

Com esta ressalva se destaca a relação que existe entre a questão econômica, de emprego e as cirurgias estéticas, posto que Ennes e Ramos (2017), sinalizam para o investimento que supõe se submeter a uma cirurgia deste porte o que recorda o dito por Miskolci (2006) sobre os procedimentos estéticos como sendo uma forma de exclusão devido ao custo que demandam.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza por ser um estudo exploratório já que se trata de um trabalho que aborda uma questão pouco explorada que é a imigração e o corpo, neste caso, o corpo de estudantes em mobilidade. Por meio de observação direta no dia a dia na universidade, no convívio com outros estudantes estrangeiros como eu e através das reuniões junto ao grupo de pesquisa fui criando a minha amostra que se constituiu em “bola de neve”.

Na metodologia, utilizamos o método quantitativo para a coleta de dados secundários que nos permitam identificar e localizar os estudantes estrangeiros dentro da universidade, e nos servimos de método qualitativo para a coleta de dados primários, realizado por meio de entrevista de profundidade com roteiro semiestruturado. A análise dos dados foi feita baseados nos conceitos advindos do referencial teórico.

O objeto de estudo vem sendo trabalhado desde o ano de 2016 como projeto de iniciação científica o que resultou no trabalho de conclusão de curso e tem continuidade na dissertação de mestrado. Desde então, realizada a pesquisa bibliográfica de forma a conhecer o estado da arte sobre o assunto, foram realizadas novas leituras a partir desse levantamento.

Tomamos a contribuição de Maria Isaura Pereira de Queiroz (2008) para maior compreensão sobre a técnica da entrevista utilizada para a coleta dos dados primários da pesquisa. A autora recapitula o que pode ser chamado do retorno à utilização dos relatos orais por meio da revalorização desta técnica que fora deixada de lado como o desenvolvimento das técnicas em estatística na década de quarenta. O abandono dos relatos orais da parte dos pesquisadores deu-se porque viam nele um embasamento no campo da subjetividade, que ficaria relegado muito mais no plano do psíquico, deixando, portanto, de ter objetividade.

O emprego desta técnica, a entrevista, nasce com a intenção de conservar aquilo que não está explícito, ao contrário do que se pode apreciar por meio dos dados coletados com as técnicas da estatística. Diante disso Maria Isaura (2008) ressalta a importância do desenvolvimento da tecnologia que trouxe o gravador como uma ferramenta fundamental que permitiria a conservação dos relatos em que

permanecem os valores e as emoções, elementos que nos dados estatísticos não são possíveis de apreender.

A valorização do relato oral também está, segundo Queiroz (2008), no reconhecimento de que este se constituiu a maior fonte de conservação e transmissão do saber, ressalta a palavra como sendo a primeira, a mais antiga forma de transmissão.

Dentro dos relatos orais cabem um conjunto de relatos, entre eles se encontram as histórias de vida que por sua vez podem ser classificados nas seguintes técnicas: entrevista, depoimento pessoal, biografia e autobiografia; cada uma delas tem a sua especificidade na forma de colher as informações e são aplicadas segundo o tipo de pesquisa, no caso da presente, a técnica para coleta dos dados é a entrevista.

Queiroz (2008) esclarece um ponto bastante importante para este trabalho ao se referir à posição que ocupa o narrador (no caso o entrevistado) e o pesquisador. Cada um, segundo os seus interesses, ocupa uma posição que no caso do primeiro tem a ver com aquilo que ele quer que seja preservado no que diz respeito a sua experiência, no caso do pesquisador ele tem seus objetivos bem claros em relação ao que procura saber do seu narrador, é ele quem irá orientando o narrador por onde se direciona o assunto do seu estudo.

Desta forma, quando se trata da utilização do relato, o pesquisador o irá fazer segundo seus interesses, segundo seus objetivos de pesquisa considerando as questões relevantes para isso e não as do narrador. Assim, Queiroz (2008) enfatiza a posição dominante do pesquisador durante a entrevista, uma vez que foi pelos seus interesses que foi realizada a entrevista, embora se deixe o entrevistado se sentir como quem tem o domínio da situação. A dominação do pesquisador sobre a entrevista fica ainda mais clara no momento em que deve selecionar dela o que lhe será útil e conveniente para a sua pesquisa.

Queiroz (2008) também cita Marcel Mauss ao se referir ao indivíduo como fenômeno social e que por meio de sua história podem ser apanhados aspectos de sua coletividade, seus comportamentos, suas técnicas, seus valores e suas ideologias. Dado que o fenômeno migratório tem sua complexidade, o contato com algumas perspectivas teóricas e metodológicas nos estudos migratórios também forneceram uma noção mais ampla deste fato permitindo assim retirar o foco da imigração associada meramente ao trabalho – mão de obra, as contribuições para esta aproximação encontram-se no trabalho de Silva (2005).

A seguir, será apresentado brevemente como o fenômeno da imigração, que se situa no mesmo patamar de complexidade que a identidade, em que o imigrante como ator principal deve ser estudado a partir de uma perspectiva metodológica que permita observar o fato e suas demais implicações.

Silva (2005) aponta para o estudo migratório olhando para além do deslocamento ou mobilidade de pessoas e propõe como forma de estudar considerá-lo também como uma categoria histórica que se produz dentro de contextos específicos de relações sociais e que levam por sua vez a pensar ou repensar as identidades tanto individuais quanto sociais.

A autora ressalta que a imigração deve ser pensada não somente a partir do imigrante que migra, mas também de quem fica e afirma que o "[...] partir e o ficar como uma mesma realidade social, que, embora dividida no espaço, acha-se unida no tempo [...]" (SILVA, 2005, p. 54) e por tanto aqui se encontra o sentido de sua proposta de análise também como categoria histórica.

Silva (2005) ressalta que as relações que se produzem nestes contextos não são apenas complementares e que são também contraditórias uma vez que elas envolvem "[...] conflitos, perdas, separações, mortes associam-se aos reencontros, às voltas, às reconstruções culturais, etc." (SILVA, 2005, p. 54).

Diante disto, a autora citada afirma que:

> A complexidade dessas situações exige do pesquisador a adoção de uma postura teórico-metodológica capaz de compreender a migração como um processo social e os imigrantes como agentes desse processo (SILVA, 2005, p. 54).

Atendendo a complexidade do fenômeno migratório, consideramos que a partir dos relatos orais, por meio de entrevistas, conseguimos ter maior aproximação do objeto.

5. ESTUDANTES ESTRANGEIROS, IDENTIDADES E CORPO NA UFS

A Universidade Federal de Sergipe está localizada no município de São Cristóvão, mas a grande maioria dos seus estudantes são provenientes da cidade de Aracaju. De acordo com dados do IBGE, a cidade de Aracaju é composta por 664.908 habitantes dos quais 32,16% é de raça branca, 10,58% preta, 1,37% amarela, 55,42% parda e 0,41% indígena.

Segundo o censo demográfico de 2010, 46,48% da população é do sexo masculino e 53,52% do sexo feminino. No mesmo período encontravam-se cursando o ensino superior de graduação 1,05% da população branca, 0,16% da população preta, 0,05 da população amarela e 1,37% da população parda.

Entre os anos de 2006 e 2010 se contabilizaram segundo o censo do IBGE de 2010, 124 estrangeiros no município de Aracaju, 60homens e 64 mulheres. Já de acordo com os dados obtidos pelo Observatório das Migrações em Sergipe[7] divulgado em junho de 2020, atualmente são 680 imigrantes vivendo nos municípios sergipanos.

A seguir serão apresentados os dados referentes à presença de alunos estrangeiros na Universidade Federal de Sergipe. Os dados foram cedidos pelo Departamento de Administração Acadêmica (DAA) no ano de 2018 e foram utilizados na minha monografia, parte dela será apresentada a seguir.

A população universitária estrangeira nos períodos entre 2007 e 2017 de acordo com os dados fornecidos pelo DAA foram de 31 alunos de graduação com matrícula ativa nos diferentes campi da UFS, segundo estes dados foram verificadas seguintes nacionalidades conforme quadro a seguir.

Quadro 01- Alunos estrangeiros com matrícula ativa na graduação da UFS nos diversos campi.

Nacionalidade	Quantidade
Angola	01
Argentina	03
Bolívia	01
Cabo-Verde	01
Equador	01

77 https://portal.unit.br/blog/noticias/documentario-retrata-os-desafios-dos-imigrantes-na-quarentena-em-sergipe/

Espanha	01
Estados Unidos	03
França	01
Holanda	01
Itália	01
Japão	02
México	01
Moçambique	01
Paraguai	01
Peru	01
Portugal	01
Timor - Leste	07
Uruguai	03
Total	31

Fonte: Departamento de Administração Acadêmica (DAA) 2007-2017

Assim, nos períodos de 2007 a 2017 constam com matricula ativa 31 alunos estrangeiros dos quais 18 são homens e 13 são mulheres. Verificou-se que no período do recorte o ingresso de alunos estrangeiros tem início no ano de 2011. Observou-se que os anos em que houve maior ingresso de alunos estrangeiros foram em 2013, 2015 e 2016. Sendo que no ano de 2013 ingressaram 07, em 2015 houve ingresso de 10 alunos e no ano de 2016 ingressaram 09 respectivamente.

O quadro a seguir mostrará a distribuição dos alunos por ano de ingresso na graduação correspondente a todos os campi da UFS.

Quadro 02 – Período de ingresso de alunos estrangeiros na graduação correspondente a todos os campi da UFS

Ano de ingresso	Quantidade
2011	02
2012	01
2013	07
2014	01
2015	10
2016	09
2017	01
Total	31

Fonte: Departamento de Administração Acadêmica (DAA) 2007-2017

Além dos quatro estudantes entrevistados no período de 2018 foram realizadas mais três entrevistas somando no total sete. No quadro a seguir será apresentado o perfil dos entrevistados.

Quadro 03. Perfil dos estudantes entrevistados no ano de 2018 e 2021

País	Idade	Sexo	Tempo que está no Brasil	Escolaridade
Timor-Leste	29	Masculino	3 anos	Graduação
Timor- Leste	28	Masculino	5 anos e 2 meses	Graduação
Timor-Leste	25	Masculino	4 anos	Graduação
Timor-Leste	30	Feminino	6 anos e 3 meses	Graduação
Peru	37	Masculino	4 anos	Pós-Graduação
Peru	42	Masculino	13 anos	Pós-Graduação
Uruguai	33	Masculino	9 anos	Graduação

Fonte: Trabalho de campo. Ano 2018 e 2021

Dos entrevistados totalizamos cinco alunos da graduação e dois da pós-graduação sendo seis do sexo masculino e uma do sexo feminino. A idade média está entre 25 e 42 anos. Cinco deles residem no município de São Cristóvão e dois em Aracaju. O menor período de tempo residindo no Brasil é de 3 anos e o maior é de 13 anos.

Conforme dito em outro momento no presente trabalho foram utilizados os dados resultantes da minha monografia como também parte da análise considerando que o recorte empírico é voltado aos estudantes estrangeiros da UFS.

Após a apresentação dos dados quantitativos referente aos estudantes contatados e entrevistados como também os correspondentes ao panorama da presença de alunos estrangeiros na UFS, será apresentada a seguir a discussão a partir das categorias de análise da pesquisa que envolve identidade, corpo e suas modificações e imigração.

Os dados coletados por meio de entrevista com roteiro semiestruturado permitiram averiguar a trajetória migratória, os motivos que os levou a migrar, a manutenção das relações ou vínculos com o país de origem, como é seu relacionamento com os brasileiros, e finalmente questões que abordam a percepção e modificação corporal.

Sobre a trajetória migratória, apenas dois dos entrevistados passaram por outros estados antes de fixar-se em Aracaju. Um deles menciona sua experiência na cidade de São Paulo onde vivenciou situações de discriminação.

Na pergunta 13 indagamos se acha que existe discriminação e preconceito contra imigrantes aqui em Aracaju e no Brasil. Na questão 14 pedimos dê-se alguns exemplos**:**

> **Entrevistado 7:** Em Aracaju por enquanto eu não senti. Em São Paulo sim, com certeza. Senti muito
>
> **Exemplos:** De ter que escutar que estrangeiros, tipo eu, estavam trazendo a gripe suína na terra deles. Eu tive que escutar esse tipo de coisas.
>
> Por exemplo eu passei no vestibular na primeira chamada na UNESP, eu fui fazer a matricula, eu fui falar com a assistente social para eu conseguir pelo menos temporariamente um lugar até eu conseguir outra casa e tal e de escutar: eu vou ter que dar prioridade aos meus, esse tipo de coisas e eu ter que perder uma vaga por esse tipo de coisas. Deixa sem opção, né? Você vai estudar em outro lugar e não tem onde morar, onde ficar, te deixa sem opção.

Por outra parte o mesmo relata sua experiência em Aracaju como bastante positiva:

> **Entrevistado 7:** Eu estou me sentindo muito bem. Acho que aqui em Aracaju a diferença de outros lugares que já conheci, que eu já morei, aqui em Aracaju estou me sentindo mais um. Por exemplo em São Paulo eu me sentia o estrangeiro, eu me sentia um imigrante. Eu acho que eu sentia muito essa marca, essa diferença. A minha experiência aqui é bem diferente, estou me sentindo que formo parte da massa que eu acho que para quem vem de fora, quem vem de outro lugar sente muito a necessidade de formar parte daquela máquina, de estar aí, entendeu. Não de ser tipo, um corpo estranho. Tipo, eu muitas vezes me senti um corpo estranho morando no sul.

Esta realidade apontou para um novo questionamento no que se refere à invisibilidade da presença do imigrante no estado de Sergipe, pois todos os entrevistados expressaram se sentir em casa, em família e o que fica como questionamento é se esta integração, esta aceitação não levaria ao que comumente se diz da presença destes sujeitos no estado, por exemplo, que “não existe estrangeiro/imigrante” em Aracaju. Esta hipótese obviamente está apoiada em um número de imigrantes em Sergipe significativamente menor do que fazem o observado nas grandes metrópoles do sul e sudeste brasileiros conhecidas tradicionalmente como destino migratório no Brasil.

Coletamos também outro relato de experiência de discriminação observa-se na fala do entrevistado 1 em relação a um amigo de sua mesma nacionalidade. Por meio da questão 15 do roteiro perguntamos se sente-se discriminado/a? Se já sofreu com algum tipo de preconceito e que pudesse falar um pouco sobre isso além de dar alguns exemplos.

> **Entrevistado 1:** No início acho que eu não senti discriminação, mas, por exemplo, quando você for comprar alguma coisa na loja. Tinha nosso amigo por causa da característica física dele, leva as pessoas do ponto de vista deles, leva um pouco de preconceito. Será que esse é ladrão? Por causa do cabelo dele. Cabelo bem cumprido, magrinho. A gente foi na loja, no

> shopping, quando ele começa a entrar as pessoas perguntam: Você vem com ele? Quando ele entra na porta da loja as pessoas olham assim, já ficam preocupados, né?

Na pergunta 12 do roteiro questionamos como se sente no Brasil, sendo um/a imigrante:

> **Entrevistado 5:** Eu não me senti imigrante até entrar nesse tipo de discussão. O que posso dizer é que o Brasil é um pais que lida muito bem com as diferenças. O normal é ser diferente. Geralmente as pessoas que me acolheram sempre viram desse jeito, uma coisa particular em que é normal ser diferente. Seja pela minha nacionalidade, seja pelo meu fenótipo, seja pelo meu sotaque foi uma coisa muito particular que foi bem-vinda. Nunca tive problemas em relação a ser migrante.

A resposta do entrevistado nos levou a uma questão levantada em outro momento deste trabalho e que diz respeito à forma como é construída a figura do imigrante que se dá justamente a partir da experiência relacional. Muitas vezes o imigrante só se percebe como tal a partir de suas relações, inclusive com os acadêmicos que os leva a descobrir-se nessa condição, somos nós, os acadêmicos que categorizamos estes sujeitos quando eles se percebem como estrangeiros.

Como já dito, a pesquisa que deu origem a esta dissertação não focou em imigrantes trabalhadores sobre os quais, como lembra Sayad, ao recuperar vários discursos pronunciados por políticos na década de setenta na França sobre a realidade migratória, pode-se perceber que o imigrante é visto como uma espécie de usurpador dos direitos dos cidadãos nacionais. Entendemos que, de certo modo, esta visão pode ser aplicada também no caso dos estudantes imigrantes cuja permanência é bem acolhida enquanto durar o curso. Por exemplo, em uma ocasião fui questionada se quando terminasse a graduação retornaria para o meu país ao que me foi dito que seria a minha obrigação retornar já que permanecendo estaria tomando o lugar de um brasileiro no mercado de trabalho. Em se tratando de estudantes por convênio eles tem a obrigação de retornar, que não é o meu caso, mas o dos estudantes timorenses que tem a obrigação de retornar para seu pais ao concluir a graduação.

Outro ponto importante a ser considerado é que o olhar voltado ao imigrante apenas como trabalhador não dá conta da complexidade do fenômeno migratório pois não considera outras modalidades migratórias como é o caso dos estudantes conforme as autoras esclarecem: “La movilidad en educación superior ha sido tratada generalmente como un tema secundario en los estudios sobre migraciones cualificadas" (VEGA, GÓMEZ, 2018, p. 71)

Dentro da promoção da expansão da internacionalização do ensino superior se encontra mobilidade de acadêmicos e estudantes. Os estudos sobre a mobilidade em educação superior têm sido abordados a partir das migrações qualificadas (VEGA, GÓMEZ, 2018, p. 73). A mobilidade acadêmica é vista como algo positivo pela maioria dos atores envolvidos, afirmam as autoras. No caso dos estudantes entrevistados houve o reconhecimento de que a migração é uma forma de assegurar no futuro uma mobilidade social ascendente (VEGA, GÓMEZ, 2018, p. 76)

> De esta forma, la idea del "estudiante móvil" que busca la adquisición de "una formación internacional o parcialmente internacionalizada, desde antes del posgrado" (Didou Aupetit, 2004, p. 13) tiene que ver, por un lado, con estrategias tempranas de inserción en mercados laborales tanto extranjeros como nacionales y de valorización de diplomas que corresponde con lo que se entiende como universidades de prestigio (VEGA, GÓMEZ, 2018, p. 78).

Neste aspecto pode-se considerar a resposta do Entrevistado 1 para a pregunta 4 do roteiro que indaga os motivos que o levou a migrar.

> **Entrevistado 1:** Estudo, aprimorar o português que é a segunda língua do Timor-Leste, a escolha do Brasil se deu pelo progresso e desenvolvimento da universidade.

Nota-se que o Brasil é visto como um país onde se tem universidades de prestigio. O governo do Timor-Leste investe na formação de estudantes nos países que fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Dos sete entrevistados, cinco mencionaram o estudo como motivo que os levou a migrar, os outros dois relataram motivos pessoais, ou seja, a condição migratória destes é diferente da dos timorenses por exemplo que devem deixar o Brasil assim que concluírem os estudos.

Em relação à manutenção das relações e vínculos com o país de origem todos os entrevistados relataram mantê-las por meio de redes sociais e em alguns casos, viagens. Apenas dois dos entrevistados alegaram viajar com certa frequência para visitar à família.

Questionados com a pergunta 7: Qual é seu relacionamento com os/as brasileiros/as ao que responderam o seguinte:

> **Entrevistado 5:** É ótimo, na verdade já tenho muitos anos no Brasil, então, o Brasil é minha casa. Não me considero mais estrangeiro. As pessoas me consideram estrangeiro, mas eu não me considero mais estrangeiro. Eu me sinto em casa. Obviamente tem pessoas que não aceita o diferente, com o contexto político agora né?

> **Entrevistado 4:** Primeiramente a dificuldade né? Medo dos brasileiros não gostarem de mim, essas coisas que eu tenho dificuldades, mas o resto…

Observamos que nas respostas aparece o tema da integração, por um lado se menciona o que em outro momento o entrevistado 5 se refere como estar "mimetizado" e por outro lado o medo de não ser aceito ou acolhido pelos nacionais. A questão da integração de acordo com SAYAD (1998) é um dos problemas sociais que envolve o fenômeno migratório junto a outras questões como o desemprego, o emprego, a formação, os filhos dos imigrantes e as escolas para eles, o direito a votar, se vai retornar para sua terra, a velhice.

A trajetória migratória observada nos estudantes entrevistados nos leva de volta a Woodward (2000) que propõe pensar sobre a identidade apontando para suas diferentes facetas na qual a diferença é uma questão basilar, já que, a diferença funciona como um marcador que estabelece "[...] quem é incluído e quem é excluído [...]" (WOODWARD, 2000, p. 8) de determinado grupo social. Segundo a mesma autora, "A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades" (WOODWARD, 2000, p. 14).

Considerando o ponto de vista da autora trazemos o exemplo em que esta diferença é vivenciada por um dos entrevistados que responde à pergunta 7 sobre como se sente no Brasil sendo um imigrante, ao que respondeu como segue:

> **Entrevistado 3:** Eu diria que tem pontos bons e pontos ruins. Pontos bons, tipo, aos brasileiros também são curiosos, tem muitas pessoas que são curiosas e quando percebe que você é estrangeiro eles chegam a querer saber de tudo, aí quer conversar, quer convidar para casa, tipo, criar amigos, tipo, nossa! Vamos para minha casa para eu mostrar para os meus pais e acho isso muito bacana. E tem outros, tipo, em alguns bairros quando percebe que você é estrangeiro, tipo, parece que você, dá um medo e a gente sente medo também de ser assaltado …

Neste assunto também podemos abordar a questão da discriminação pela qual os imigrantes costumam passar. Sobre este tema os entrevistados responderam à pergunta: Acha que existe discriminação e preconceito contra imigrantes aqui em Aracaju e no Brasil? As respostas foram as seguintes:

> **Entrevistado 5:** Na verdade só uma vez teve um episódio quando estava no meio de uma crise econômica, estava empregado na GAP, meu chefe me chamou dizendo que tinham alguns caras que estavam reclamando para ele que porque estava empregando um imigrante. Acho que isso foi uma coisa pontual que de alguma maneira não gostei muito, mas entendi que era o contexto. Tem gente que está desempregada, que está procurando emprego e obviamente estavam querendo de qualquer jeito minha vaga. Mas meu chefe me defendeu.

> **Entrevistado 3:** Eu acho que tem, tipo, acho que dentro da faculdade também acho que tem esse preconceito, porque, no meu caso, eu cheguei aqui como estrangeiro e não falava português, aí sempre tive dentro da sala alguns trabalhos em grupo, aí as pessoas primeiro sabem que você é estrangeiro elas gostam, mas quando sabe que você não percebe português eles, não, melhor você não faz parte do nosso grupo. Isso é um tipo de preconceito que eu tive na sala de aula.

Os relatos acima demonstram que o preconceito aparece em situações de disputa no caso de emprego ou de solidariedade quando o domínio dos códigos culturais, inclusive, o idioma é exigido. Situações distintas da apresentada no relato anterior com a presença do imigrante vista e compreendida pelo viés da curiosidade e da exoticidade.

Um outro ponto fundamental na discussão sobre a identidade apresentada por Cuche (2002) está na ideia das “estratégias de identidade”. Sobre este assunto, o autor ressalta que: “[...] O conceito de estratégia indica também que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica” (CUCHE, 2002, p. 196), estes recursos podem ser, por exemplo, a língua de forma que permita que o indivíduo seja reconhecido como “diferenciado”.

A este respeito temos o exemplo dos estudantes timorenses que além do português têm o tétum como idioma oficial do pais, idioma no qual se comunicam quando estão reunidos, observei em momentos com eles em que, mesmo na minha presença eles se comunicam em tétum. Outro exemplo considero a estratégia de identidade utilizada por mim e minha irmã em momentos em que desejamos nos comunicar sem que sejamos interrompidas talvez por um: Hablas espanhol? Pergunta que é muito comum escutarmos da parte de pessoas que talvez estudaram, fizeram cursinho de espanhol e tem o desejo de falar com nativos da língua. O Paraguai tem também como idioma oficial o guarani e é nele que nos comunicamos quando queremos falar de assuntos que apenas interessam a nós ou também como forma de nos “diferenciarmos” dos brasileiros.

Um dos entrevistados ao ser perguntado na questão 17 do roteiro se em sua opinião as principais diferenças que nota em relação ao modo de vida, valores, comida, aparência física das pessoas considerando o local de origem e o local em que atualmente vive, se favorecem sua vida aqui ou a dificulta respondeu que

> **Entrevistado 3:** No início, quando eu percebi essas diferenças aqui eu fiquei como que traumatizado. Nossa Senhora, eu agi dessa maneira, porque eu agi dessa maneira? Porque a gente assusta com as diferenças também.

> Porque se agir de tal maneira que nós, que eu aprendi, que eu fui condicionado pode mostrar minha identidade, mas eu temia que não seria bem visto na sociedade que eu estou inserido. Mas com o tempo aprendi a conviver, tipo, depois de conviver sei como as pessoas se comportam. Mas algumas coisas que eu mantenho como a minha origem.

As expressões do corpo são moldadas socialmente, é através dos outros que as manifestações corporais ganham significado, "[…] Elas só têm sentido quando relacionados ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social" (LE BRETON, 2012, p.8).

> De fato, o corpo quando encarna o homem, é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma, o distingue dos outros. Na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator (LE BRETON, 2012, p.10).

Nesta ampliação dos laços sociais, da teia simbólica que provê significações e valores que também é uma característica da experiência migratória foi observado entre os estudantes esta distinção dos outros e ao mesmo tempo o desejo de imitar, de ter um corpo igual ao de quem considera, digamos, ser bem-sucedido na sua experiência migratória e retornou ao país com uma aparência melhorada. Estas são, também, relações de poder, podem sugerir uma certa hierarquização de padrões estéticos no qual o ocidente ocupa um lugar privilegiado. Parecer-se com um ocidental, no caso aqui representado pelos brasileiros, neste sentido, pode ser uma suposta evidência de sucesso na experiência migratória ao retornar para o seu país e cidade de origem.

Esta lógica que pode envolver tanto uma estratégia identitária quanto a adesão a padrões corporais presentes no Brasil nos remete à questão das mudanças corporais. Na pergunta 23 do roteiro indagamos se fez, faz ou pretende fazer algum tipo de mudança na sua aparência? De que tipo? Por que motivo? E se elas teriam alguma relação com sua origem. Os entrevistados responderam:

> **Entrevistado 1:** Acho que sim. Porque a maioria das pessoas que foram para outros países por exemplo, aqui no Brasil, na Irlanda, ficam forte porque lá tem comida, tem tudo. Então eu quero mesmo é ser igual a eles, né? Porque no meu país, quando uma pessoa vai para outro país e volta para lá realmente a aparência muda.
>
> **Entrevistado 2:** Eu falo a verdade, por exemplo, eu nunca fiz corrida, ginastica. Ir para a academia nunca fiz lá, até porque não tem academia lá. Tem sim, mas acho que na cidade toda só tem uma /…/ nas demais cidades pequenas não tem isso, até porque ninguém tem dinheiro para pagar isso. Então eu cheguei aqui, cheguei a fazer ginastica, importante, por isso que os brasileiros gostam de fazer ginastica porque é boa para a saúde /…/ Lá não temos por exemplo, ciclovia para você andar de bicicleta, sei lá, correr, não

> tem lá, essa parte é muito bom para mim, então eu já tentei no plano de desenvolver isso quando voltar pra lá.
>
> Mudança física, eu vou para a academia. O motivo, na verdade eu sou magro e quero voltar para lá forte.
>
> **Entrevistado 3:** Vir do meu país para cá, as vezes a gente quer voltar com uma nova aparência, a gente tem esse desejo também, tipo, para surpreender os meus pais, amigos também**.**
>
> **Entrevistado 5:** Emagrecer. Estou pensando em botar aparelhos nos dentes para melhorar a mastigação e também no sentido estético. Faz tempo que queria fazer isso.

As relações nas quais os estudantes imigrantes estão inseridos na UFS, como se pode perceber, mediadas por aspectos simbólicos que tem origem nos países de origem quanto nas confrontações com a cultura do país de destino. Esta dimensão simbólica é corporificada como construção social, como afirma Le Breton (2012, p.18-19) o corpo é muito mais do que uma coleção de órgãos ordenados segundo as leis da anatomia e da fisiologia, ele é antes de tudo "[…] uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais" (LE BRETON, 2012, p.27). As representações, os imaginários sociais, a estrutura simbólica da corporeidade, variam conforme as sociedades e, podemos acrescentar, o fluxo entre diferentes sociedades.

Questionamos os estudantes na pergunta 16 acerca de quais as principais diferenças que nota em relação ao modo de vida, valores, comida, aparência física das pessoas considerando o local de origem e o local em que atualmente vive. Responderam como segue:

> **Entrevistado 1**: A aparência física, na verdade aqui são fortinhos, altinhos. Em Timor-Leste, se eu for retornar lá um dia acho que na minha visão, no meu ponto de vista são bem magrinhos como eu, são muito baixo. A questão da idade nossa, aqui eles têm vinte anos e parece trinta anos. Lá as vezes você tem 23, 24 e por causa da aparência de você, você parece ter quinze anos. Às vezes eu mesmo, eu estou quase fazendo vinte e nove, as pessoas me achando, meus amigos: você já tem vinte e nove anos? Sim. Eu não acho que você tem vinte e nove não, por causa da aparência física nos leva também para perceber que você é muito diferente, que você não é brasileiro, às vezes. Já me confundiram com indígena e não somente com indígena, do Japão, indonésio...
>
> **Entrevistado 2:** Aparência física: primeiro a altura. A altura média daqui é 1,71. Pelo que eu sei. Lá é 1,60. A altura média. Fisicamente como já falei, a nossa saúde física é desenvolvida pelas comidas por exemplo, o que a gente toma desde pequeno. Como lá não tem muitas comidas igual aqui, tipo, a alimentação básica lá é muito menos do que aqui, então fisicamente lá é bastante diferente comparando com aqui. Por exemplo, os brasileiros são musculosos, de altura grande, sei lá, em Timor-Leste é mais pequeno, magro.
>
> **Entrevistado 3:** Em relação ao físico, a postura é muito diferente. No meu pais as pessoas são menores, são pequenas, não sei, acho que isso é típico

> asiático, muito diferente daqui. Às vezes a gente, tem timorenses que estudam também aqui e as vezes quando a gente caminha junto já percebe que não é daqui porque pela aparência física já é diferente /…/ aqui tem abundancia de comida, tem mais diversidade de fruta, acho que tipo, isso faz diferença na alimentação.
>
> **Entrevistado 4:** A aparência física, essa é bem diferente de lá. Aqui por exemplo, a altura da pessoa, lá são baixinhos, aqui são muito altas.
>
> **Entrevistado 6:** Aqui, acho que é cultural deixar a aparência no primeiro plano, né? E acho que isso é cultural, do Brasil …e eu olho isso tanto nos homens como nas mulheres, mais que tudo nas mulheres, eu colocaria no mesmo patamar o homem com a mulher, e é cultural, a aparência é importante aqui. Eu acho que não é tudo, mas aqui acho que tem esse costume de sempre se manter com uma aparência boa.

Observa-se que os aspectos mais destacados pelos entrevistados dizem respeito à diferença de estatura e a musculosidade. Cabe ressaltar que as respostas acima são de estudantes do sexo masculino, é entre eles que se expressam maior insatisfação com o aspecto físico. Há quem atribua à carestia de alimentos ou nutrientes no país de origem o que ocasiona de certa maneira a falta de desenvolvimento enquanto à altura da pessoa o que é diferente segundo eles no Brasil pela presença de alimento em abundância e também diverso. Em vários momentos da entrevista este fator foi mencionado pelos estudantes timorenses. Mais uma vez as respostas dos entrevistados trazem nas entrelinhas o esquema de hierarquias sociais entre os países de origem e destino. Ser alto e ser forte pode ser entendido como uma representação sociocultural construída por valores predominantes no mundo ocidental que acaba sendo considerado como parâmetros de sucesso e qualidade de vida.

"Se o corpo é a imagem da sociedade, que sociedade é essa que está representada nos corpos dos brasileiros?" Indaga Goldenberg (2006, p. 118), caberia também nos perguntarmos: que sociedade é essa representada no corpo dos imigrantes? Na pergunta 18 questionamos em relação à aparência física dos imigrantes, ela ajuda ou atrapalha no dia a dia, no trabalho, no lazer etc**.**

> **Entrevistado 5:** Eu vou falar de uma questão pessoal, a gente no Peru gosta muito de comer, gosta muito de gastronomia, na maioria dos casos, não estou falando de todos os peruanos, o nosso aspecto físico é ser acima do peso. Eu quando cheguei ao Brasil estava acima do peso e ouvi algumas sugestões digamos: porque você não faz academia, porque você não faz dieta, você deveria comer menos e coisas assim…
>
> E com o tempo eu vi que no Brasil dão mais valor à qualidade de vida, dão mais valor a parte física que no Peru. Eu que eu considerava frivolidade é parte da identidade de muitos brasileiros. Esse cuidado com a saúde, com o corpo que é muito bom. Então, quando estou no Brasil eu tento levar uma

> vida mais saudável, ia para academia, fazia minha dieta, ia correr…gosto muito, curto muito. Esse sentido da cultura do bem-estar é que me puxa.

A partir da resposta do entrevistado 5 observamos mais uma vez como a sociedade de destino exerce um “peso” sobre o imigrante e seu corpo. O que era visto como frivolidade passou a ser adotado como qualidade de vida.

O corpo como produtor de sentidos introduz o homem ativamente no espaço social e cultural. Independente da época ou do lugar em que ele nasceu (LE BRETON, 2012, p.8). Faz parte da condição social do homem o processo de socialização da experiência corporal que encontra seus momentos mais fortes na infância e na adolescência. Contudo, este processo é inacabado já que a aprendizagem das modalidades corporais não se limita à idade conforme sugere o autor, elas continuam por toda a vida de acordo com as mudanças sociais, o estilo de vida, as mudanças culturais e os diferentes papéis que o indivíduo assume na sua existência.

Em uma reportagem de Rosana Zakabi em 2002 citado por Karina Ishimori se menciona as modificações corporais, que é o tema desta pesquisa, praticada pelos brasileiros orientais por meio cirurgias plásticas ocidentalizadoras que tem por objetivo apagar os traços orientais. De acordo com Ishimori (2005), um dos cirurgiões entrevistados na reportagem dizia que “O ser humano tem necessidade de ser aceito onde vive (...) Ter um corpo dentro dos padrões sociais faz com que ele se sinta mais integrado” (ZAKABI apud ISHIMORI, 2005, p.8).

Questionamos na pergunta 19 se conhece algum imigrante que tenha feito, que faz ou que fará mudanças na sua aparência e na pergunta 22 indagamos se na sua opinião essas mudanças estão associadas à sua origem.

> **Entrevistado 4:** Conheço vários, por exemplo, os imigrantes que eu conheço, todos, por exemplo para academia física, por exemplo, aqui, os timorenses principalmente. Eles vieram com o corpo bem pequenininho, aí de pois agora são bem mais fortes.
>
> **Na pergunta 21 indagamos: Qual a sua opinião sobre isso?**
>
> **Entrevistado 4:** Eu acho que é bom por conta da comida, e as coisas aqui eu falo por timorenses principalmente, lá as necessidades básicas como a comida não ajuda, por isso que o corpo deles, o nosso corpo são bem mais pequenos que aqui. Aqui no Brasil muitas coisas nos facilitam para fazer essas mudanças com nosso corpo.
>
> **Já na pergunta 22: Em sua opinião essas mudanças estão associadas à sua origem?**
>
> **Entrevistado 1:** Para mim, para se adaptar, eu quero também ser pessoa diferente, diferenciar da forma física também, eu quero engordar mesmo, acho que isso dá um pouco a diferença também /…/ por que os timorenses

> são magrinhos pra caramba, os timorenses no Ceará, quando fui para lá, caramba! Muito estranho, todos pequenos, magrinhos pra caramba, já pode identificar aí que essas pessoas são timorenses. Do ponto de vista, em sua opinião isso já acerta mesmo.

Na resposta à pergunta 22 observa-se que o entrevistado se refere à adaptação do seu corpo ao que considera o padrão brasileiro do corpo, aqui caberia o que foi citado anteriormente sobre ter o corpo dentro dos padrões sociais faz com que o indivíduo se sinta mais integrado na sociedade de acolhida.

Na pergunta 16 do roteiro em que interrogamos sobre quais as principais diferenças que nota em relação ao modo de vida, valores, comida, aparência física das pessoas considerando o local de origem e o local em que atualmente vive um dos entrevistados fez referência a exposição do corpo:

> **Entrevistado 7:** Acho que o clima tem muita relação com isso, com a roupa /…/ A pessoa, quando fica mais, com pouca roupa e tal talvez se sinta mais na exigência de cuidar mais o seu corpo, uma percepção, não sei se é isso…. Acho que as pessoas se cuidam mais, fazem mais esporte aqui, então eu conheci, criei grupos de amizade por fazer esporte que é uma coisa que lá não era muito comum.

Francisco Ferreira afirma que o que liga o sujeito com o mundo é seu corpo e, é por isso que qualquer transformação que nele se produz consequentemente provoca a transformação nas relações sociais e vice-versa: “[...], o indivíduo modela seu corpo no diálogo com a sociedade” (FERREIRA, 2006, p. 45), ademais o autor argumenta que é por meio deste diálogo que se constrói também a imagem do corpo e esta nem sempre condiz com a que se tem do próprio corpo.

Na pergunta 19 em que questionamos se conhece algum imigrante que tenha feito, que faz ou que fará mudanças na sua aparência um dos entrevistados respondeu de que maneira a mudança da aparência física é motivada pela insatisfação com seu próprio corpo e como esta compreensão o faz perceber que a mudança na aparência afeta também outras dimensões do indivíduo:

> **Entrevistado 1:** Eu na verdade, eu fiz academia diariamente, eu tenho “ansioso” também, eu quero engordar, um dia se eu voltar para Timor com essa questão física muito diferente dos outros, né? Eu estou tentando mas fico assim mesmo, “não engordar nunca”. É por isso que eu estou pensando, né, antes de retornar a Timor-Leste vou para academia engordar um pouco, para que ao chegar lá as pessoas: rapaz, você está diferente. Saí daí com essa aparência física e chega com essa aparência física, mas isso mesmo me motiva muito para ir a academia através das pessoas que tem o físico muito, muito bacana, acho massa demais. Na verdade, eu já conheci também aqui. Chegou aqui bem magrinho daqui apouco, seis meses, muito rapidinho, um ano, ele aparece já com um “aparecimento” físico muito diferente, ficou

> muito demais. Eu acho que quando você aparece com esse “aparecimento” físico, ele vai transformar, muda tudo além de você se vestir, não é?

Ponderamos na resposta do entrevistado 1 que é a perspectiva do retorno para seu país de origem que o motiva a querer mudar a sua aparência. Le Breton (2012) afirma que as diferentes representações da pessoa, do corpo estão sempre dentro da visão de mundo que as diferentes comunidades humanas têm. Também o autor ressalta que “[…] O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna” (LE BRETON, 2012, p.26).

Por outro lado, a questão 23 que pergunta se fez, faz ou pretende fazer algum tipo de mudança na sua aparência. De que tipo e por que motivo levou o entrevistado a responder como a mudança no seu corpo pode afetar as relações com membro de sua família:

> **Entrevistado 3:** Tipo, eu gostaria de engordar, mas não está no meu projeto, eu quero correr atrás disso não. Não sei se os aparelhos dentários fazem parte. Eu coloquei eles aqui. Eu não faço tatuagem, é que eu tenho medo da minha mãe.

Silva (2005) ressalta que as relações que se produzem no contexto migratório não são apenas complementares e que são também contraditórias uma vez que elas envolvem “[...] conflitos, perdas, separações, mortes associam-se aos reencontros, às voltas, às reconstruções culturais, etc.” (SILVA, 2005, p. 54).

Na questão 6 do roteiro indagamos: Como é sua vida aqui no Brasil? Gosta de viver aqui? O estudante entrevistado menciona sua contribuição na reconstrução do seu país (Timor-Leste) como uma motivação para retornar após a conclusão da graduação:

> **Entrevistado 3:** Aqui eu gosto. Tipo, quando eu cheguei aqui foi um choque muito grande, depois com o tempo aprendi e estou gostando. Quando eu voltar, vou sentir saudades. Mas aqui é muito bom. Tipo, tem algumas coisas que dá medo, tipo, assalto, as coisas que acontecem, fora disso eu gosto muito daqui, acho que se tivesse a oportunidade de viver aqui, acho que eu gostaria de viver, só que eu, minha paixão pelo meu país, ajudar na reconstrução é maior que a vontade de morar aqui; aí eu prefiro voltar quando terminar o curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a revisão de literatura que desenvolvemos neste trabalho foi possível compreender como estão interligados os eixos temáticos como processos identitários, imigração, sociologia do corpo, as diversas abordagens do corpo nos estudos migratórios e as modificações corporais. Cabe destacar que dentro dos estudos migratórios se encontra a mobilidade estudantil considerada como migração qualificada.

Os processos identitários evidenciados na trajetória migratória dos estudantes entrevistados passa pela autopercepção de seu ser diferente inclusive em sua corporeidade o que os levou a um desejo de se tornarem mais parecidos aos brasileiros ou seus conterrâneos que migraram para outros países e que estes têm como referência bem-sucedida de experiência migratória, isto é visto como uma forma de integração ou de parecer menos “diferente”.

A manutenção das relações e dos vínculos com o país de origem pelo menos entre os estudantes timorenses demonstrou afetar a dimensão da corporeidade ficando assim corroboradas as hipóteses levantadas que dizem respeito ao vínculo que é mantido com o país de origem condiciona os tipos de modificações que podem realizar em seus corpos; as formas como são mantidos esses vínculos (mediante viagens, ligações, videochamadas) influenciam na decisão do imigrante de realizar alguma mudança em seu aspecto corporal, ou ainda; a modalidade migratória (trabalho, qualificação profissional, estudo, afetivo) condiciona a tomada de decisão pela alteração de sua aparência física.

Apenas um dos entrevistados manifestou expressamente a não realização de tatuagem por medo de sua mãe o que demonstra como o vínculo com o país de origem tem um “peso” na hora da tomada de decisão de realizar alguma mudança em seu corpo. No relato dos demais entrevistados se percebeu também a relação da mudança ou não de seu corpo, de sua aparência ligada aos seus vínculos ou relações com o país de origem ao relatarem a tipologia corporal em seu local de origem e o parâmetro corporal na sociedade de acolhida, neste caso o Brasil e seus desejos ou intenção de se assimilarem de alguma forma a este corpo que consideram também um corpo saudável.

Três dos entrevistados mencionaram que seus traços étnicos especificamente os que marcam rosto não lhes trouxe dificuldade ou que tivessem passado por

situações de preconceito, porém perceberam em seus corpos um desejo de se adequarem ao estilo brasileiro de vida saudável que passa pela prática de atividade física como a realização de esporte e frequentar academia.

Uma nova perspectiva dos estudos migratórios foi aberta para discussões futuras que é a mobilidade estudantil dentro da categoria das migrações qualificadas. Ademais outra modalidade migratória referente também à migração qualificada que é o caso dos professores é um universo a ser explorado em pesquisa posterior.

REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. Grupo étnico e suas fronteiras. In.: POUTIGNAT, Philippe, STREIFF- FERNART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 187- 227.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHATI, Tânia (Orgs.) A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. **Cadernos OBMigra**, Ed. Especial, Brasília, 2015. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/relatorio-anual/cadernos.pdf. Acesso em 04 jun 2021.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. Ed. SP/Bauru, 2002.

de Oliveira, H. N., da Silva, C. A. M., & de Oliveira, A. T. R. Imigração internacional: uma alternativa para os impactos das mudanças demográficas no Brasil?. **Revista Brasileira De Estudos De População**, 36, 1–31. (2019). Disponível em https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0076. Acesso em 04 jun 2021.

DURAND, Jorge; LUSSI, Carmen. Teorias da mobilidade humana In: **Metodologia e Teorias no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

EMIRBAYER, Mustafa. Manifiesto en pro de una sociologia relacional. Traducción de Alicia María Fernánde. Revisión final de Hanni Jalil Paier. Título original: “Manifest for a Relational Sociology”, en: The American Journal of Sociology, Vol 103:2, 1997. pp. 281-317. Versão em espanhol disponível em http://dx.doi.org/10.18046/recs.i4.446. Acesso em 18 mar 2020.

ENNES, Marcelo A**.** Imigrantes, cirurgias plásticas e poder em dois tempos: contribuição para uma hipótese de pesquisa. **Revista de Ciências Sociais**. v. 41, n.2 (2010). Disponível em: http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revcienso/article/view/466 . Acesso em 20 mar 2020.

ENNES, Marcelo A.; MARCON, Frank**.** Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 16, no 35, jan/abr 2014, p. 274-305. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/soc/v16n35/a10v16n35.pdf. Acesso em 18 mar 2020.

ENNES, Marcelo A., RAMOS, Natália. Cirurgias estéticas étnicas e migração em Portugal e Espanha. **Revista Mediações** v. 22. n.1junho/2017. Disponível em http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/28918/pdf. Acesso em 20 mar 2020.

ENNES, Marcelo A. **A construção de uma identidade inacabada:** nipo-brasileiros no interior de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FERREIRA, Francisco Romão. **Os sentidos do corpo:** cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública. 2006**.** Disponível em http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4465/2/239.pdf . Acesso em 18 mar 2020.

FIGUEREDO,Luiz O.; ZANELATTO, João H. Legislação e políticas públicas voltadas à imigração no Brasil. **Passagens**. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica Rio de Janeiro: vol. 8, no .2, maio-agosto, 2016, p. 252-274. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3373/337345746004.pdf. Acesso em 04 jun 2021.

GERHARDT, Marcos. Colonos ervateiros: história ambiental e imigração no Rio Grande do Sul. **Esboços:** histórias em contextos globais. v. 18 n. 25 (2011). Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-7976.2011v18n25p73 . Acesso em 04 jun 2021.

GILMAN, Sander L. **La sorprendente historia de la cirugia estética – Etnicidad y cirugia estética**. Cirugia Estética. “El tema de lacirugia estética queda definitivamente zanjado com este libro: no hay más que decir”. Vice, Nueva York. ED. Angelika Taschen, 2005. p. 62 – 133.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, julho/dezembro, 2006. Disponivel em https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/viewFile/9083/7213. Acesso em 10 mar 2021.

GOMES, Sergio. **As modificações corporais na sociedade contemporânea**. cad. psicanál.- cprJ, rio de Janeiro, v. 33, n. 25, p. 239-257, 2011. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno25_pdf/20_CP_25_AS_MODIFICACOES_CORPORAIS_NA_SOCIEDADE. Acesso em 18 mar 2021.

HASHIGUTI ,Simone Tiemi. **Corpo de Memória**. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2008. Disponível em http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269297/1/Hashiguti_SimoneTiemi_D.pdf. Acesso em 18 mar 2020.

ISHIMORI, Karina Midori**. Viver num corpo estrangeiro:** sentidos e significados do ter e ser um corpo oriental para adolescentes nikkeis insatisfeitos com suas fenotipias. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica

de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17093. Acesso em 02 Jul 2020.

LEAL, Virginia Costa Lima Verde *et al.* O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(1):77-86. 2010. Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000100013 . Acesso em 18 mar 2020.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LESSER, Jeffrey. O hífen oculto. **A negociação da identidade nacional:** Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.

MANCILLAS-LÓPEZ, Yollolxochitl. Narrar el cuerpo migrante: hacia una biografía colectiva de la inmigración boliviana en São Paulo. RBSE – **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 15, n. 43, p. 146-160, abril de 2016. ISSN: 1676-8965. Disponível em http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html. Acesso em 27 fev.2020.

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Rev. Estud. Fem**. [online]. 2006, vol.14, n.3, pp. 681-693. ISSN 0104-026X. Disponível em http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000300006. Acesso em 18 mar 2020.

NUNES, Gilberto Dias. O que o migrante traz no seu corpo ao cruzar fronteiras em busca de novos destinos? **Espaços.** Edição v. 26 n. 2 Teologia e Mobilidade Humana (2018) . Disponível em: https://www.espacos.ittesp. com.br/index.php/espacos/article/view/226. Acesso em 13 mar.2020.

PEDONE, Claudia; ALFARO; Yolanda. La migración cualificada en América Latina: una revisión de los abordajes teóricos metodológicos y sus desafíos. **Periplos-Revista de Investigación sobre Migraciones**. VOLUME 02 - NÚMERO 01 – 2018. p. 3-18.

PUSSETTI, Chiara. Corpos indóceis. Sexualidade, planeamento familiar e etnopolíticas da cidadania em imigrantes africanos. In: BAHIA, Joana; SANTOS, Miriam (org) **Corpos em Trânsito:** socialização, imigração e disposições corporais. Porto Alegre, Letra& Vida, 2008. Disponível em repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20080/1/ICS_CPussetti_Corpos_CLI.pdf. pp. 105-127 . Acesso em 18 mar 2020.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Do dizível ao indizível. In: LUCENA, Célia Toledo. **Pesquisa em Ciências Sociais:** Olhares de Maria Isaura P. de Queiroz. Textos CERU, Série 2 – nº 10 – 2008.

SARAIVA, Clara. Ter o seu corpo morto aqui ou lá: transnacionalismos funerários entre imigrantes da Guiné-Bissau. **Debates do NER** v.2, N.28 (2015)**.** Porto Alegre. Disponível em https://doi.org/10.22456/1982-8136.61272. Acesso em 18 mar 2020.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante? In: **Imigração ou os paradoxos da alteridade.** 1. Ed. São Paulo: Edusp, 1998. p. 45- 72.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri, TRUZZI, Oswaldo Mario Serra (org). **Estudos migratórios:** Perspectivas metodológicas. São Carlos: EdUFSCar, 2005. p. 53-86.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. **RBSE** .Vol. 4 .nº 12 . dezembro de 2005. Disponível em http://paginas.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05.pdf . Acesso em 18 mar 2020.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. A mudança da política externa brasileira para imigrantes e refugiados: o caso da imigração haitiana no início do século XXI. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul. Edição Especial n.47, p.22-43, jan./jun. 2016 Disponível em: http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i47.9562. Acesso em 04 jun 2021

VALE, Alexandre Fleming Câmara. O vôo da beleza: experiência transgênero e processo migratório. **OPSIS**, vol. 7, nº 8, jan-jun 2007. Disponível em: https://doi.org/10.5216/o.v7i8.9399. Acesso em 13 mar 2020.

VEGA, Cristina; GÓMEZ, Carmen. Una aproximación crítica a las movilidades en educación superior. Desigualdades en la economía global del conocimiento desde la circularidad migratória. **Periplos- Revista de Investigación sobre Migraciones**. VOLUME 02 - NÚMERO 01 – 2018. p. 70-88.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: SILVA, Tomaz Da Silva (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72.

APÊNDICE

Roteiro de entrevista

Identificação

Idade: _____ **Sexo:** _____ **Cidade onde mora:** _____

Escolaridade: _____

Questões:

1. Qual sua origem (País, região e cidade)?
2. Há quanto tempo está no Brasil? E há quanto tempo em Aracaju?
3. Passou por alguma cidade ou país antes de chegar?
4. Quais os motivos que o/a levou a migrar?
5. Mantém vínculos com o país de origem? Quais são esses vínculos? (Familiar, profissional, amizades). Como é mantido o vínculo: viagens, redes sociais etc.
6. Como é sua vida aqui no Brasil? Gosta de viver aqui?
7. Qual é seu relacionamento com os/as brasileiros/as
8. Trabalha ou já trabalhou para ou com algum brasileiro?
9. Como foi essa experiência?
10. Relaciona-se com outros imigrantes de sua nacionalidade em Aracaju? E de outras nacionalidades? Em que circunstâncias?
11. Como avalia essa relação?
12. Como se sente no Brasil, sendo um/a imigrante?
13. Acha que existe discriminação e preconceito contra imigrantes aqui em Aracaju e no Brasil?
14. Poderia dar alguns exemplos?
15. Sente-se discriminado/a? Já sofreu com algum tipo de preconceito? Fale um pouco sobre isso. Poderia dar alguns exemplos?
16. Quais as principais diferenças que nota em relação ao modo de vida, valores, comida, aparência física das pessoas considerando o local de origem e o local em que atualmente vive?

17. Em sua opinião essas diferenças favorecem sua vida aqui ou a dificulta?

18. Em relação à aparência física dos imigrantes, ela ajuda ou atrapalha no dia a dia, no trabalho, no lazer etc.?

19. Conhece algum imigrante que tenha feito, que faz ou que fará mudanças na sua aparência?

20. De que tipo?

21. Qual a sua opinião sobre isso?

22. Em sua opinião essas mudanças estão associadas à sua origem?

23. Fez, faz ou pretende fazer algum tipo de mudança na sua aparência? De que tipo? Por que motivo?

24. Elas teriam alguma relação com sua origem?